

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**LEONARDO DOS REIS MENDONÇA**  
**Nº USP 10765548**

**TGI – VERSÃO FINAL**

**A CONSTRUÇÃO DO ESTADO AFGÃO NO CONTEXTO DA  
GEOPOLITICA MUNDIAL E REGIONAL (1979 – 2021)**

**Orientador: Prof.<sup>º</sup> Dr.<sup>º</sup> Manoel Fernandes de Souza Neto**

São Paulo  
Maio de 2022

## SÚMARIO

1. O AFGANISTÃO NA GEOPOLÍTICA MUNDIAL: MACKINDER, SPYKMAN E BRZEZINSKI.....	Pág. 3
2. O AFGANISTÃO NA GEOPOLÍTICA REGIONAL: A INVASÃO SOVIÉTICA DE 1979.....	Pág. 12
3. NAÇÃO E ESTADO NAÇÃO: PARADIGMAS OCIDENTAIS PARA O ORIENTE?.....	Pág. 22
4. A CATEGORIA DE FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL.....	Pág. 32
5. OS PROJETOS DE CONSTRUÇÃO DO ESTADO NACIONAL.....	Pág. 35
6. FORMAÇÃO PRÉ-1979: O CALDEIRÃO ÉTNICO-CULTURAL DO AFGANISTÃO.....	Pág. 40
7. O PROJETO COMUNISTA E SOVIÉTICO (1979 – 1987): A SOVIETIZAÇÃO DO AFGANISTÃO E O GOVERNO BABRAK.....	Pág. 44
8. COMUNISTAS À DERIVA (1987 – 1992): DA TRANSIÇÃO AO FIM DO AUXÍLIO SOVIÉTICO, O GOVERNO NAJJIBULAH.....	Pág. 47
9. A GUERRA CIVIL (1992 – 1996): O COMPLEXO QUEBRA CABEÇA AFGÃO E A ASCENSÃO TALIBÃ.....	Pág. 50
10. A ASCENSÃO TALIBÃ (1996 – 2001): CABUL OU MECA? O TALIBÃ ASSUME O AFGANISTÃO.....	Pág. 54
11. A OCUPAÇÃO AMERICANA (2001 – 2021): DA DOUTRINA BUSH E GUERRA AO TERROR À LUTA SATURADA.....	Pág. 61
12. A RETOMADA DE CABUL PELO GRUPO TALIBÃ (2021): O TERROR VENCEU A GUERRA?.....	Pág. 73

## RESUMO

Buscando compreender o papel do Afeganistão nos acontecimentos da geopolítica mundial, nos propomos a analisar a dinâmica de construção de seu Estado Nacional através de seus processos socioespaciais<sup>1</sup>, entendendo o espaço como uma acumulação desigual de tempos e nos atentando aos diferentes agentes e interesses envolvidos. Neste sentido, surge o atual projeto que visa compreender o Estado Afegão ao longo do período 1979 – 2021, tendo como marcos: o início da guerra do Afeganistão e a retomada do poder pelo Talibã em agosto de 2021.

Palavras chave: Afeganistão, EUA, Geopolítica, Estado Nacional, Guerra.

## ABSTRACT

Seeking to understand the role of Afghanistan in world geopolitical events, we propose to analyze the dynamics of construction of its National State through its socio-spatial processes, understanding space as an unequal accumulation of time and paying attention to the different agents and interests involved. In this sense, the current project that aims to understand the Afghan State over the period 1979 – 2021 arises, having as milestones: the beginning of the war in Afghanistan and the resumption of power by the Taliban in August 2021.

Keywords: Afghanistan, EUA, Geopolitics, National State, War.

## 1. O AFEGANISTÃO NA GEOPOLÍTICA MUNDIAL: MACKINDER, SPYKMAN E BRZEZINSKI.

Alguns fantasmas acompanham a história, o presente nos escapa, escorre pelos dedos antes mesmo de formar qualquer imagem razoavelmente coerente. Neste sentido, a geopolítica é ambiciosa, é considerada por vezes a ciência, por vezes a ideologia, dos estados maiores. De fato, esta surge através de uma relação teoria e prática, de modo que se constrói através de uma práxis.

Qualquer teoria que se eleve ao mais alto grau, se o faz desligada da realidade, portanto, da prática, se transforma em puro idealismo, numa acepção puramente desconectada da realidade, resultado de uma meditação de ideias despretensiosas. Da mesma forma, a prática, quando considerada isenta da teoria, redonda num puro ativismo, que nada interpreta além da própria bagunça que produz a-sistematicamente.

---

<sup>1</sup> Aqui usamos como referência o conceito de formação econômica social de Milton Santos (SANTOS, 1977).

Parece que ao longo das últimas décadas tem-se menosprezado a real importância da geopolítica<sup>2</sup>. Este menosprezo se traduz na própria “moleza epistemológica” associada ao tema, para utilizar o velho jargão miltoniano<sup>3</sup>. A velha discussão: Geografia política e geopolítica corriqueiramente resulta em velhas fugas e abstenções, desta forma, escapa se pela saída lateral de sempre: a geopolítica é a ciência ou ideologia dos estados maiores, mais ampla e interdisciplinar, enquanto a Geografia política trata cientificamente dos temas de maneira a interpretá-los sem propor modos de atuação dos estados maiores, o faz, portanto, de maneira supostamente despretensiosa. Neste entendimento, um geógrafo como Ratzel, pai da chamada geografia política, estava preocupado com a relação sociedade e solo, na produção de uma teoria científica válida que permita um desenvolvimento metodológico específico. Por outro lado, um geopolítico como Haushofer, também germânico, estaria associado à construção do Estado Nacional alemão. O que não se tem observado, é o fato de que, nesta definição frágil, se esquece que toda a ciência é também ideologia e que não se pode fazer geografia para além das implicações dos estados maiores, neste ponto, a discussão torna-se mais complexa e as Fronteiras entre as duas áreas se tornam mais fluidas. Ratzel, corriqueiramente compreendido como pai da geografia política, esteve completamente absorvido pelos projetos de construção do Estado alemão, ao mesmo tempo, mesmo que se negue o fato, Karl Haushofer nos deixou importantes conhecimentos epistemológicos, que na medida em que são despretensiosamente descartados, deixam de lado a possibilidade de uma interpretação mais ampla da própria história e sociedade<sup>4</sup>.

Não é o caso aqui de debatermos extensamente as diferenças entre geopolítica e geografia política, por enquanto nos contentaremos a anunciar a problemática para mais tarde buscar resolvê-la. No entanto certas considerações se fazem necessárias.

No caso de considerarmos a geopolítica uma ciência, a grande discussão geralmente envolve o fato de que a geopolítica sendo a ciência dos estados maiores e, neste caso, propondo modelos de atuação e agindo conforme suas necessidades, seria muito mais ideologia que ciência. Isto nos colocaria o princípio de que a ciência deve ser o mais isenta possível. De fato, a busca por neutralidade caracteriza um princípio geral do positivismo, ao qual, para esta pesquisa, não nos

<sup>2</sup> O fato de a geopolítica ter se associado ao III reich, durante a segunda guerra mundial, principalmente na figura de Karl Haushofer, contribuiu para que durante o processo de renovação da geografia, orientado por forte viés marxista, esta fosse deixada de lado.

<sup>3</sup> O termo foi utilizado por Milton Santos em seu famoso manifesto: um papel ativo da geografia.

<sup>4</sup> O conceito de pan-região, por exemplo, continua sendo um caminho epistemológico interessante, se considerarmos a divisão do mundo em zonas de influência. Esta perspectiva permite a compreensão de uma série de fenômenos geopolíticos.

rendemos mais. Não se pode fazer ciência sem ideologia, por outro lado, é possível ideologias sem ciência<sup>5</sup>. O que diferencia ciência de ideologia é o fato de que a ciência se produz a partir de certas considerações epistemológicas, portanto a partir de uma teoria e método, o que não exclui em nenhum momento a presença da segunda. No caso da geopolítica as metodologias são diversas, assim como suas bases epistemológicas, isto seria suficiente para considerarmos esta uma ciência, a despeito de sua óbvia intenção de conduzir a vida política entre as potências? Os problemas são vários, a consideração da geopolítica como uma ciência implicaria sua correta delimitação em relação a um campo do saber e em relação a um objeto. De fato, a geopolítica está preocupada com a projeção do poder no espaço geográfico, desta forma comprehende as relações entre as grandes potências, por outro lado, o mesmo problema surge em relação à própria consideração do que é a geografia. Há uma imensa dificuldade na delimitação de seu estatuto científico, trata-se de uma ciência humana, de uma ciência da natureza, ou de uma ciência exata? Longe de parecer uma discussão desnecessária, a consideração de seu estatuto científico, de sua grande área de atuação, depende desta consideração, ao menos que, nos rendendo há um pensamento preguiçoso, passemos a tratá-la com qualquer coisa, assim como acontece com as discussões que envolvem a geografia.

O que proponho, por enquanto, é a consideração da geopolítica como filosofia. Isto implica uma certa consideração, a de que sendo filosofia a sua tendência é em relação à generalidade e não a especialização. Neste sentido a geopolítica passa a trabalhar com os grandes temas: a condição humana, a noção de poder, a vontade de potência, a psicologia do homem, a noção de espaço e espaço geográfico, entre outras coisas. Voltemos, portanto, à antiga consideração de Milton Santos para quem o geógrafo é, antes de tudo, um filósofo.

Se a geografia é a filosofia das técnicas, a geopolítica é a filosofia dos territórios e territorialidades. Sendo assim, estabelece a relação entre sociedade e natureza, através das técnicas ou do trabalho e as coloca em relação às formas de organização da sociedade em vários níveis.

O que propomos então é meramente um ensaio, de fato não resolvemos o problema, de modo que esta publicação pode soar um tanto apresentativa da problemática e, de fato, ainda não conseguimos resolvê-la, o que não nos impede de sugerir caminhos e ideias. O que propomos

---

<sup>5</sup> Para consideração da ideia de ideologia, resgatamos a obra de Antônio Carlos Robert Moraes: ideologias geográficas, onde o autor propõe três interpretações: (1) ideologia como estudo das ideias; (2) ideologia como mistificação da realidade; (3) ideologia como expressão política da práxis. (MORAES, 2005). Para nossas considerações, assumimos o terceiro ponto como referência.

é simplesmente um recorte epistemológico, assim delimitamos a geopolítica para além da ciência, como uma filosofia, e passamos a atribuir a esta o seu devido tratamento.

E estaria a filosofia isenta da ideologia? De fato, não, como nada está. Consideremos então como fundamental as três considerações freudianas para análise da cultura (FREUD, 2010):

1. O fato de que a especialização impede uma visão abrangente da totalidade.
2. O fato de que a formação individual, onde aí se inclui a ideologia, interfere na concepção da obra.
3. O fato de que o presente nos escapa, ou seja, o presente é como uma espécie de praia a qual caminhamos e só percebemos a sua morfologia na medida em que nos adentramos para o mar.

Estes três pontos nos permitem identificar a imensa dificuldade da análise, por outro lado nos coloca certas vantagens em considerarmos a geopolítica como uma filosofia. Sendo uma filosofia a tendência à especialização é menor (não necessariamente inexistente), de fato, a tendência é que se trabalhe com grandes categorias. A consideração da psique humana, e de sua formação social intelectual, nos permite compreender a condição de quem pensa, compreendendo assim os limites entre ideologia e filosofia, o que para a ciência surge com uma proposta de neutralidade que na maioria das vezes não considera este ponto em específico. Por fim, a compreensão de que o presente nos escapa permite um correto distanciamento, entende-se, portanto, que uma filosofia da geopolítica trata dos temas na devida distância e na devida medida. Isto não impede que se analise o presente, mas proponho que se analise com o devido cuidado. Por fim, uma filosofia da geopolítica propõe um *telos*, (ou simplesmente uma ausência de *telos*) diferenciado, ou seja, os grandes temas não surgem relacionados às finalidades das grandes potências, isto não significa que estes não podem ser apropriados, como comumente são, pelas mesmas, mas propõe uma reflexão para além dessas necessidades e as enquadra segundo o princípio das questões maiores: aquelas que envolvem a universalidade humana.

Propomos, portanto, uma filosofia da geopolítica, ao passo que ainda consideramos uma geopolítica desligada da filosofia, assim nossa perspectiva é a de delimitação de um outro campo do conhecimento com novas bases epistemológicas e, inclusive, para além da epistemologia, na consideração da estética, da filosofia moral, da filosofia natural e da lógica.

Neste ponto as velhas teorias geopolíticas nos oferecem um bom caminho, onde propomos um retorno à Halford Mackinder, isto é, um retorno à uma filosofia da história.

Na consideração de sua filosofia da história Mackinder parte da geografia física para explicar o modo como a disposição entre os diferentes territórios, compartmentados pelo relevo, e na medida de seu caráter marítimo continental, conduzem a uma espécie de dinâmica nas relações internacionais. Assim não deixa de criar certos paradigmas como: o poder marítimo e o poder continental. Para Mackinder, A história é um sistema fechado condicionado por uma eterna luta entre os poderes naval e continental. Indo além a história poderia ser definida entre uma eterna luta entre os povos que habitam o que o geopolítico inglês chamou de Heartland e os povos marginais. Esta filosofia da história, portanto, passa inegavelmente pela consideração da geografia física, é o fato de que temos um coração continental protegido por muralhas naturais que influencia uma série de dinâmicas no mundo. O que propomos ao pensar neste retorno a Mackinder é, no caso, diferente.

Mackinder foi de fato um filósofo da geopolítica, pois sua análise tende a generalização, a consideração de uma condição da própria existência que condiciona, ou até mesmo determina, a existência das sociedades. Propomos, portanto, o mesmo. Este retorno a mackinder nos convoca a pensar a geopolítica a partir de uma filosofia, esta propõe não o fato de que a geografia, ou mais especificamente a geografia física, condiciona ou determina a história, mas sim que história e geografia, compõem uma unidade dialética. Para retornarmos agora a outro geógrafo, devemos considerar que:

“A Geografia não é outra coisa que a História no Espaço, assim como a História é a Geografia no Tempo” (RECLUS, 2015).

A história não existe para além de um dado espaço geográfico, ao passo que este dado espaço geográfico não existe sem a história. Trata-se de retornarmos a ideia de forma e processo. A forma como espaço e o processo como movimento. É na sucessão de formas e processos que temos, portanto, o desenvolvimento da história. O espaço geográfico neste sentido, tenderia a se confundir com a própria sociedade, realizadas suas necessárias delimitações. Consideramos então que o espaço geográfico é condição de formação do espaço geográfico, este então se produz e se reproduz com base em si mesmo. Uma teoria da sociedade válida não pode então deixar escapar a dimensão espacial em suas considerações. uma filosofia da história não seria outra coisa, se não, a sucessão de espaços geográficos, o movimento das formas através dos processos.

Consideramos então, através de Mackinder, sua noção de uma filosofia para a geopolítica, ao passo que consideramos suas ideias relacionadas há um sistema fechado, além do fato de que a história mundial se desenrola através de um sistema fechado que devemos basear nossa análise.

O Afeganistão, portanto, deve ser localizado nesta condição. Este país asiático como qualquer outro sofre influência direta não apenas do que está imediatamente ao seu redor, mas também em relação a todo o mundo. Cada ponto considerado no mundo é simplesmente um ponto em relação a todos os outros. Estas posições, no entanto, não são arbitrárias, a ideia de posição deve levar em consideração uma série de elementos, em sua maioria observáveis na própria realidade<sup>6</sup>. O que queremos aqui é partir de uma geografia geral para análise de uma geografia regional, no que se segue, portanto, uma análise das teorias geopolíticas, para na sequência uma análise do Estado e, por fim, uma análise da história específica do Afeganistão.

Consideraremos, portanto, quatro teóricos da geopolítica: Halford Mackinder, Nicholas Spykman e Zbigniew Brzezinski.

Em relação a Mackinder devemos considerar que a noção de Heartland, muito influenciou a geopolítica mundial. O então conhecido big game entre russos e britânicos torna evidente a relação entre um poder exterior ao Heartland e sua missão de impedir um poder interior na realização de seu acesso ao mar<sup>7</sup>. Portanto, indica uma certa dinâmica em relação para esta dada porção do planeta, onde através da história podemos observar uma série de incursões em zonas limítrofes entre o Heartland e o que Mackinder chamou de crescente interna, ou todos os países que circundam de forma mais imediata o coração mundial.

Spykman, por outro lado, tratou de regionalizar uma dada região que compõem o cerco ao Heartland. Nesta região de cerco, o Afeganistão funciona como um portão entre Ásia central, sudeste, sul, sudoeste e oeste da Ásia. Nesta observação já temos como dado a sua importância posicional em relação ao tabuleiro de xadrez das grandes potências. Em sua regionalização, Spykman seleciona os pontos quentes de conflito ao longo do Highland, justamente destacando a função da maioria desses países como estados tampões e regiões de passagem.

O controle do Rimland garante à potência que o possuir a hegemonia sobre o poder mundial. Spykman de fato considerou esta perspectiva através de uma grande análise, onde se compreendeu que o verdadeiro poder se encontra nesta zona marginal, para isto, partiu da análise de uma série de elementos como: produção energética, terras agricultáveis, contingentes populacionais, dados da economia, extensão do território, entre outros. O Afeganistão, assim,

---

<sup>6</sup> Continentalidade e maritimidade, presença de recursos naturais, falhas e obstáculos geomorfológicos, infraestruturas, delimitação de fronteiras, etc.

<sup>7</sup> O big game inclui uma série de conflitos no Afeganistão onde, durante o século XIX, os britânicos foram responsáveis pela realização de duas incursões. Esta disputa geopolítica irá se prolongar pelo século XX e XXI, e constitui a tentativa de impedir que o poder russo tenha acesso a certas regiões estratégicas.

se encontra nesta zona marginal, trata-se justamente de um ponto quente dos embates geopolíticos, pois representa as pressões de um poder interior (Rússia) contra poderes anfíbios ou marítimos externos (EUA e Inglaterra, podendo-se considerar até mesmo a China).

Pode-se dizer que a política externa norte-americana, dada suas devidas contradições e assincronias, partem em grande parte do princípio de manutenção de seu poder no Rimland. Admite-se que um poder no Rimland seria algo inalcançável, desta forma, as intervenções norte americanas surgem através de intervenções pontuais e, como o próprio caso afegão revela na figura dos Mujahedins, de forma indireta. A segurança de defesa norte-americana, a “geografia da paz” preconizada por Spykman, é na verdade uma geopolítica de ataque. Para garantir a defesa norte americana, é necessária uma contínua intervenção pelo mundo, especificamente nesta área denominada como Rimland<sup>8</sup>. O Afeganistão, neste sentido, está na linha direta de atuação das grandes potências.

As mesmas ideias, tanto de Mackinder como de Spykman, também influenciaram outro geopolítico, este, no caso, norte americano, e secretário de Estado do governo Jimmy Carter: Zbigniew Brzezinski. A Ásia Central, além de sua intersecção com o sul da Ásia, principalmente o Afeganistão, e o Irã, compõem a região que seria mais tarde denominada de Balcãs Euroasiáticos. Esta designação diz respeito ao fato de que nesta região, a soma das variadas etnias e grupos combatentes compõem um importante elemento de desestabilização política, tal como nos Balcãs Europeus, onde pudemos presenciar, entre os anos de 1991 e 2001, uma série de conflitos. Não devemos acreditar que esses conflitos surgiram do acaso. Uma série de intervenções estrangeiras foram responsáveis por desestabilizar a região, contemporaneamente, tanto pelo lado dos russos, quanto pelo lado dos norte-americanos. Em 1978, o golpe comunista que derrubou o presidente Mohammed Daoud Khan, em muito foi resultado da forte influência soviética no treinamento de militares afegãos<sup>9</sup>. Já nos anos 80, no que se segue o período da guerra soviética no Afeganistão, os guerreiros *mujahedins*<sup>10</sup>, treinados no Paquistão pela supervisão da CIA, foram responsáveis por uma forte resistência contra o governo soviético.

“O serviço de inteligência do Paquistão (ISI) treinou os combatentes e coordenou suas operações, a CIA forneceu cerca de U\$S 6 bilhões e ajudou a providenciar remessas de armas. A Arábia Saudita contribuiu com recursos em montantes semelhantes aos dos EUA, além de auxiliar com seus serviços de inteligência. Na época, poucos

<sup>8</sup> Este novo paradigma para a política externa norte-americana é amplamente influenciado pelos escritos de Mackinder. Na verdade, ocorre uma contínua discussão a respeito de um certo isolacionismo ou intervencionismo estadunidense pelo mundo, no interior de suas discussões nacionais.

<sup>9</sup> Isto a despeito do fato de que Daoud possui relativa aproximação com a URSS.

<sup>10</sup> Termo que pode ser traduzido como “guerreiro” ou “guerreiro santo”.

pensavam que os mujahedins (guerrilheiros afegãos) poderiam derrotar o ‘invencível’ Exército Vermelho.” (NASSER, 2021, pág. 28)

O que nos importa neste ponto é observar a origem desses *mujahedins* como um projeto norte americano amparado na teoria de Brezinski, que em muito é tributária da teoria de Piłsudski<sup>11</sup>. A ideia de desestabilização da periferia em muito contribuirá para que Brezinski proponha sua intervenção no Afeganistão. No que diz respeito à região central da Ásia, além de suas regiões próximas, o que inclui o Irã e o Afeganistão, o geopolítico norte americano desenvolverá a designação: Balcãs Euroasiáticos.

**Mapa 1 – Os Balcãs euroasiáticos de Zbiniew Brzezinski**



Fonte: [http://orientalreview.org/wp-content/uploads/2014/06/EB\\_map.jpg](http://orientalreview.org/wp-content/uploads/2014/06/EB_map.jpg)

Como podemos observar a região compreendida pelos Balcãs Euroasiáticos inclui os países: Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Azerbaijão, Tadjiquistão, ou seja, toda Ásia Central, além de seus contornos ao sul e oeste, que incluem: o Afeganistão, o Irã, o Azerbaijão, a Armênia e Geórgia. Também é importante observar a sua proximidade com pontos estratégicos como: o mar Cáspio, o mar de Aral, hoje já muito mais reduzido devido ao cultivo massivo de algodão, além do mar Negro. Além disso, na região expandida, marcada pela zona de

---

<sup>11</sup> Para este geopolítico polonês, a então URSS ruiria a partir do momento em que a primeira de suas repúblicas conquistasse a independência. Daí pode-se explicar os receios soviéticos expressos pela doutrina de Brejnev, onde a URSS não poderia jamais permitir que uma república tornada comunista realizasse qualquer tipo de contrarrevolução. No caso afegão isto se traduziu na defesa da revolução de Saur, durante o período de dez anos de invasão soviética (1979 – 1989).

instabilidade, temos uma gama muito maior de países, além de muitos outros pontos estratégicos.

“Os bálcãs eurasiáticos constituem o núcleo interno desse quadrilátero (porções do Sudeste Europeu, Ásia Central e partes do Sul da Ásia, área do Golfo Pérsico e Oriente Médio) [...] além de suas entidades políticas serem instáveis, elas tentam e convidam à invasão de vizinhos mais poderosos, cada um dos quais está determinado a resistir ao domínio da região por outro. É essa combinação familiar de vácuo de poder e sucção de poder que justifica a denominação ‘bálcãs eurasiáticos’.” (BRZEZINSKI apud KORYBKO, 2018, pág. 25)

Para atingir o império russo na região, assim como qualquer outra potência local/regional, a desestabilização a partir do estímulo de grupos armados no seu interior seria o melhor caminho. E foi assim que o secretário de defesa norte americano ficou conhecido como “pai dos *mujahedins*”.

“Zbigniew Brzezinski, ex-Conselheiro de Segurança Nacional de Jimmy Carter e pai do Mujahedin, publicou The Grand Chessboard: American Primacy and its Geostrategic Imperatives (O grande tabuleiro de xadrez: a primazia estadunidense e seus fundamentos geoestratégicos) em 1997. Nessa obra famosa, ele traçou como os EUA poderiam preservar seu domínio unipolar na Eurásia especificamente usando algo que cunhou de ‘Balcãs eurasiáticos’.” (KORYBKO, 2018, pág. 24-25)

Os anseios de Brzezinski a respeito de uma desestabilização através da periferia em muito influenciou, e influencia, a política externa norte americana. Hoje, esta política toma novos contornos nas chamadas guerras híbridas, proposta como um novo modelo de interpretação da geopolítica norte-americana por Andrew Korybko. Tudo isso nos leva a considerar duas coisas: (1) O imperialismo assume novos contornos ao longo do século XX e XXI e estimula toda série de políticas intervencionistas norte-americanas. Primeiramente como intervenção indireta a partir das periferias, em regiões específicas, e, em segundo lugar, através da ideia de guerras híbridas, em substituição à clássica ocupação territorial. Este fenômeno pode ser observado pelo menos desde os anos 80<sup>12</sup>. (2) Apesar de extinta a CENTO, a principal unidade de defesa

<sup>12</sup> Consideramos para os nossos fins teóricos os *mujahedins* como um dos primeiros fenômenos das guerras híbridas, ainda em seu período de gestação, e de uma política ordenada estadunidense para desestabilização através de grupos armados em regiões etnicamente diversas. Apesar disto, historicamente podemos observar a desestabilização de grandes impérios através de grupos insurgentes no seu interior. Neste sentido, o Império Britânico conseguiu provocar uma grande crise política no interior do Império Otomano ao longo da primeira guerra mundial, estimulando os grupos beduínos do interior da península arábica a se rebelarem contra a ordem local.

“Preocupados com a futura divisão do Império Turco Otomano e com os custos da guerra vindoura, os ingleses, que já ocupavam o Egito, dominam as periferias da península arábica (Aden/Hadramauth, ou Iêmem do sul, Omã, Costa dos piratas, os atuais Emirados Árabes Unidos e os protetorados de Catar, Bahrein e Kuwait). Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a Turquia aliou-se à Alemanha. A Inglaterra falhou em ocupar o Iraque, os estreitos turcos e a Palestina, procurando, então, uma aliança com os árabes, que habitam os desertos nunca conquistados na retaguarda turca. Em 1915, o Alto Comissário britânico Mac Mahon negociou um acordo com o Xerife Hussein de Meca, através do famoso coronel Lawrence da Arábia, prometendo apoio inglês à independência das províncias

estadunidense na região, a atuação norte-americana não deixou de existir. Neste sentido, OTAN, OTASE e CENTO, se constituem no projeto de hegemonia norte americana ao longo do continente euroasiático, desta forma, entendemos que a última base de sobrevivência norte americana se encontra, ainda consolidada, na Europa Ocidental, de modo que, para as demais regiões, o que ocorre é uma série de sistemas de alianças, que se traduzem em potências regionais que agem por procuração.

## **2. O AFGANISTÃO NA GEOPOLÍTICA REGIONAL: A INVASÃO SOVIÉTICA DE 1979.**

Para prosseguirmos em nossas observações devemos conduzir ao processo pelo qual transitamos entre as escalas de análise. Compreender o espaço geográfico pressupõe uma compreensão multidimensional, dada em diferentes escalas de análise. Desta forma, um fenômeno possui diferentes expressões espaciais na medida em que recortamos graficamente a sua expressão. Isto se dá fundamentalmente em relação a transição de escalas pequenas para grandes, o que na cartografia indica: ir do mais amplo ao mais restrito<sup>13</sup>.

No tabuleiro de xadrez das grandes potências evocamos as doutrinas nacionais de segurança, assim como as grandes abstrações geopolíticas, presentes na interpretação de importantes estudiosos que propuseram um certo panorama para o mundo. Ao aumentarmos a escala de análise nos conduzimos necessariamente a um tabuleiro mais restrito. Não me proponho aqui a delimitá-lo espacialmente, nem mesmo em considerar todas as suas importantes relações com

árabes do império turco, em troca de auxílio militar das tribos árabes do deserto contra a retaguarda turca.” (VIZENTINI, 2002, pág. 20)

Como sabemos, o acordo com as tribos do deserto nunca foi cumprido. Em segredo, britânicos e franceses assinaram, em 1916, o acordo Sykes-Picot, dividindo o oriente médio de acordo com seus interesses imperialistas e reservando apenas as regiões desérticas da península arábica para aqueles que conduziram a luta ao seu lado. Os árabes foram usados e depois descartados. A promessa de uma grande nação árabe nunca foi concluída, e apenas algumas concessões foram feitas para assegurar o mínimo possível da ordem europeia na região.

O que divide o fenômeno britânico do início do século XX e o fenômeno estadunidense de intervenção militar indireta a partir dos anos 80 é basicamente a interpretação geopolítica associada e a forma sistemática com que esses eventos passam a acontecer. Pode-se dizer que o fenômeno das guerras híbridas tem se generalizado ao longo do século XXI como política de Estado estadunidense. De qualquer forma, as guerras híbridas precisam ser contextualizadas, consideramos os anos 80 no Afeganistão o início desse processo, ainda não plenamente desenvolvido, que ganha maturidade principalmente a partir do século XXI.

<sup>13</sup> A importância das escalas de análise aparece na importante obra de Milton Santos: o trabalho do geógrafo no terceiro mundo, 1971. Nesta o professor Milton Santos pressupõe as relações entre uma geografia geral e regional, por certas vezes indicando certa preferência de se iniciar pela primeira como princípio de método, no entanto, ainda assim observando uma dialética interna ao processo de análise.

certos vizinhos<sup>14</sup>, apenas realizar uma observação geral em relação a quatro importantes vizinhos: a Rússia, a China, o Irã e o Paquistão.

A Rússia em sua dimensão multiescalar, aparece tanto em nossas observações a respeito de uma geografia geral, na ideia de Mackinder expressa na contenção do urso russo, quanto numa geografia regional expressa através de interesses estratégicos.

A relação entre os russos e os afegãos é uma das mais antigas, e diz respeito a processos passados, principalmente àqueles relacionados à expansão russa pela Ásia Central ao longo do século XIX. O Afeganistão se torna, assim, o limite da expansão russa, a partir do momento em que os britânicos realizam severos esforços de contenção pela região.

Ao longo do século XIX e XX, essa contenção nada mais é que uma proteção britânica da joia da coroa: a Índia. O medo dos britânicos de uma intervenção russa e posteriormente soviética pela região torna o Afeganistão um Estado tampão. Isto é observável no fato de que os britânicos, na tentativa de impedir qualquer contato entre Rússia e Índia, criam no século XIX um corredor de 76km chamado de “corredor Wakhan”. A criação artificial de fronteiras no Afeganistão, a exemplo do caso anterior, criou uma série de dinâmicas para compreensão de importantes aspectos de sua geopolítica regional. Ao criar o corredor e assim impedir os russos de qualquer contato direto com a Índia através da Ásia Central, os britânicos criaram a condição para que os chineses também participassem mais diretamente da disputa.

A importância do Afeganistão ganha, assim, uma dimensão puramente posicional, um Estado Tampão e ao mesmo tempo um corredor ou portão entre as grandes potências asiáticas. Para os russos o Afeganistão representou historicamente um ponto estratégico, um corredor de acesso para a jóia da coroa britânica, mas também uma posição estratégica para acessar o Oceano Índico e o Golfo Pérsico, tal importância cresce em intensidade a partir da descoberta de grandes reservas de petróleo pela região ainda no século XX.

Apesar de dada importância, o Afeganistão, ao longo do século XX, funcionou sempre como Estado Tampão aos olhares russos. Apesar de sua dada importância, ainda durante o governo soviético, a invasão de 1979 se justificará a partir de outros princípios para além de seus

---

<sup>14</sup> Como é o caso do Tadzhiquistão, onde importantes movimentos guerrilheiros surgiram no período comunista e em muitos outros precedentes.

interesses expansionistas, tão claramente expressos ao longo do século XIX, podendo assim ser chamada de uma invasão defensiva-preventiva<sup>15</sup>.

Fato é que o urso russo sempre procurou acesso a pontos marítimos estratégicos e que o Oceano Índico sempre surgiu em perspectiva para tal. Isto ao fim irá incentivar uma série de incursões russas pelo Afeganistão, mas também por outros países asiáticos, como se confirma a invasão soviética do Irã em 1941.

Para os soviéticos, o Afeganistão, para além de sua importância econômica evidente, possui uma importância estratégica fundamental e deve ser analisado em relação à ideia de um Estado Tampão, como também portão ou ponte entre o Rimland e o Heartland da Ásia Central.

Outra perspectiva anima o governo chinês, para além de sua importância estratégica, também evidente, trata-se de sua importância econômica, o que também diz respeito a sua importância posicional.

Ao longo do período reconhecido como guerra fria (1945 – 1991), pode-se dizer que a intervenção chinesa na região foi pontual. Destaca-se assim a intervenção chinesa na guerra soviética do Afeganistão (1979 – 1989), onde o governo de Deng Xiaoping enviou remessas de armamentos para combatentes anti soviéticos no Afeganistão (HAMMOND, 1987).

Para além disso, nos tempos mais recentes, os chineses assumem a importância da região a partir de dois fatores fundamentais: o perigo da iminência de surgimento de grupos guerrilheiros uigures e a nova rota da seda.

Em relação ao primeiro ponto, deve-se destacar a relação cultural entre o Afeganistão e o Noroeste chines. Os grupos uigures, historicamente perseguidos na China, possuem orientação religiosa islâmica. Neste sentido, a ascensão Talibã em Cabul ao longo do ano de 2021 reacendeu o medo no coração chines de que grupos uigures pudessem ser treinados a partir de bases afegãs, algo muito parecido com a relação Afeganistão e Paquistão onde grupos guerrilheiros eram continuamente treinados para realização de intervenções em território

---

<sup>15</sup> Para outros parâmetros de comparação, Thomas Hammond define a invasão como uma *agressão-defensiva*. (HAMMOND, 1987, pág. 139). O fato de considerarmos a invasão como defensiva-preventiva, diz respeito ao fato de que esta apenas se justificou a partir de uma necessidade estritamente de defesa. Enquanto o Afeganistão se manteve na linha soviética e mesmo durante os períodos marcados pela aproximação terceiro mundista, não houve necessidade de invasão. Esta apenas se justificaria a partir da necessidade de garantir a defesa do comunismo (expresso na doutrina Brejnev), e impedir uma expansão islâmica pela Ásia Central que pudesse ser instrumentalizada a partir de interesses do bloco ocidental (estadunidenses).

Afegão a partir do Paquistão, como é o caso das organizações de diferentes grupos de Mujahedins<sup>16</sup>, da Al-Qaeda e do Talibã.<sup>17</sup>

A nova rota da seda, em relação ao segundo ponto, compõe um conjunto de intervenções de ordem logística, onde, através de grandes sistemas de engenharia, busca-se integrar o comércio chinês com vizinhos próximos e distantes. O Afeganistão, dada a sua característica posicional como uma ponte entre os grandes blocos continentais asiáticos, assume importância fundamental, o que permitiu em 2021 uma aproximação entre o governo chinês e o recém estabelecido, e ainda em construção e legitimação, governo Talibã.

Para além das questões econômicas e posicionais, o Irã, dado a sua aproximação cultural evidente, estabeleceu historicamente importantes relações com o Afeganistão. Isto se deve tanto por relações diretas, quanto por eventos indiretos, aqui destacamos:

- 1- A aproximação entre Irã e Afeganistão durante o governo de Mohammed Daoud (1973 – 1978)
- 2- A revolução Islâmica no Irã, 1979.
- 3- A aproximação entre Irã e Talibã já no século XXI.

A destacar o primeiro ponto, a influência e relação entre Afeganistão e Irã já é dada historicamente ao longo de todo século XX.<sup>18</sup> Em dois momentos fundamentais podemos considerar a importância do Irã para o Afeganistão, um diz respeito a um evento direto e outro diz respeito a um evento indireto.

As aproximações étnicas culturais são dadas historicamente entre os povos iranianos (persas) e afegãos (em sua diversidade étnica). Os precedentes impérios, como o império Parto ou Sassânida, surgiram a partir do que reconhecemos como Irã moderno e possuem uma estreita relação com sua história moderna. Estes através de seus processos de expansão constituíram

<sup>16</sup> A relação entre os “mujahedins” e os grupos pashtuns no Afeganistão permitiu que muitas bases desses combatentes fossem estabelecidas ao longo da fronteira afegã-paquistanesa. Na verdade, esta fronteira, apesar de delimitada, está para além das influências dos governos dos dois países asiáticos, desta forma, a lei imperante na região é simplesmente a lei dos grupos pashtuns, onde o governo paquistanês, tanto como o afegão, acessa com a devida cautela. Tal relação fronteiriça já influenciou uma série de disputas territoriais pela região, elevando-se os níveis de tensão entre os dois países (HAMMOND, 1987).

<sup>17</sup> Este passado em muito inflama as perspectivas chinesas de uma guerra interminável, como, a exemplo do caso Afegão, o inimigo, apesar de mais fraco e em desvantagem, vence pelo seu potencial de reorganização e saturação.

<sup>18</sup> Na verdade, para além, esta relação se estabelece através de séculos de relações entre persas e os povos habitantes da Ásia Central. O Império Hotaqui, um dos primeiros impérios surgidos a partir do que reconhecemos como Afeganistão moderno, chegou a incorporar importantes territórios persas ao longo do século XIX.

grande parte da história pretérita afegã e continuam influenciando suas dinâmicas espaciais, afinal, o espaço é uma soma desigual de tempos<sup>19</sup>.

A respeito do Irã destacamos então: a aproximação entre o Irã e o Afeganistão durante o governo Mohammad Daoud (1973 – 1978) e a revolução Islâmica Xiita em 1979.

A respeito da primeira, destacamos como princípio de nossa análise o fato de que historicamente o Afeganistão se constituiu como Estado incluído da esfera de influência russa-soviética. O governo Daoud em muito buscou consolidar uma posição terceiro mundista, isto em muito levou o governo soviético a desconfiar de sua governança e, portanto, de sua posição estratégica para segurança nacional. Isto se traduziu em vários momentos de tensão entre soviéticos e afegão durante o período 1973 – 1978, o que culminou, por fim, na revolução de Saur em 1978.

Ao longo deste período o fato de que o Irã se tornou um parceiro comercial de maior importância em relação à URSS levou a uma série de discussões no interior do Politburo a respeito do que fazer. Esta tensão irá, por fim, estabelecer estreitos laços entre o PDPA (partido democrático do povo do Afeganistão) de orientação comunista e o governo soviético (HAMMOND, 1987). Muitos analistas norte-americanos foram, assim, levados a considerar que um dos principais motivos para revolução de Saur pode ser encontrado na aproximação entre Irã e Afeganistão em específico, e na posição terceiro mundista de Mohammad Daoud, em geral.

Para além do governo Daoud, a revolução islâmica xiita de 1979 irá estremecer a geopolítica tanto em nível mundial quanto regional. Em nível mundial esta será responsável pelo aumento de tensões entre EUA e URSS, resultado do fato de que o governo estadunidense considerou a revolução islâmica xiita um potencial elemento para aproximação entre Irã e URSS. Isto viria a se consolidar mais ainda como importante elemento para a comunidade norte americana e, em geral, para o bloco ocidental, a partir da crise da embaixada, onde 52 funcionários da diplomacia norte-americana foram mantidos reféns durante 444 dias por revolucionários xiitas. De fato, entendendo o período de guerra fria, a ação iraniana contra membros da embaixada norte americana foi erroneamente interpretada como uma aproximação entre Irã e URSS, uma falsa dicotomia que pode assim se justificar no próprio fato de que um dos principais fatores

---

<sup>19</sup> Frase atribuída ao geografo Milton Santos. De fato, a presença da cultura farsi, de grupos zoroastristas e, mais modernamente de muçulmanos xiitas, exemplifica a ideia de que a posição, assim como a relação entre fronteiras, exerce importante influência na análise das formações sociais espaciais.

para invasão soviética do Afeganistão foi justamente o perigo de uma expansão islâmica a partir do novo poder dos Aiatolás.

Para tanto devemos considerar o cenário geopolítico regional e mundial e a série de motivos que influenciaram a invasão soviética do Afeganistão em 1979.

De um modo geral, a invasão soviética pode-se justificar a partir do receio de que um importante Estado da esfera soviética viesse a padecer perante potências ocidentais ou perante grupos que pudessem agir por procuração em seu nome. De fato, como o próprio futuro viria provar, nada impedia que grupos islâmicos se aliassem aos interesses ocidentais na busca da desestabilização do regime soviético. No entanto, para além dos interesses mundiais, que devem sempre pairar sobre a geopolítica regional como uma sombra ininterrupta que a segue, vamos considerar alguns pontos principais:

1. A crise Iraniana
2. A doutrina Brejnev
3. O cordão sanitário soviético.
4. A aproximação do Afeganistão com regimes anti soviéticos.
5. O fator China.
6. Russos de olho no golfo?
7. Os recursos naturais.

Retomemos então o primeiro ponto a respeito da crise no Irã. A revolução islâmica em 1979 teve como consequência o fim da *détente* entre URSS e EUA, isto se traduziu, por exemplo, na não ratificação do acordo para contenção de produção de mísseis balísticos, o chamado acordo SALT II, pelo congresso norte americano. De fato, para além da escalada do conflito, o governo Jimmy Carter passa por um amplo processo de desmoralização, resultando na eleição de seu sucessor, aquele que chamaria a URSS de império do mal, Ronald Reagan, a partir do qual a política norte americana conduziria um forte embate contra o poder soviético.

No entanto, o que importa aqui demonstrar é o fato de que o governo Jimmy Carter estava fragilizado, impotente perante uma crise no Irã, o que levou uma série de analistas a considerar que, dada as circunstâncias de fragilidade e a grande crise com o Irã, a invasão soviética do Afeganistão seria atenuada, e, de fato, apesar dos protestos conduzidos pela administração Jimmy Carter, a invasão soviética do Afeganistão surtiu menos efeito frente a grande crise

diplomática com o Irã. O que nos leva a pensar um conjunto de fatores que condicionaram uma não intervenção norte americana direta no conflito<sup>20</sup>:

1- A grande preocupação dos EUA com o Irã, o que lançou uma certa cortina de fumaça em relação às atitudes soviéticas.

2- O trauma com a guerra do Vietnã, o que motivou, por um lado, um grande receio numa intervenção direta contra os soviéticos num país predominantemente montanhoso, onde os confrontos de guerrilhas são os mais comuns, e, por outro, na expectativa de que os soviéticos dificilmente conduziriam um conflito vitorioso na região.<sup>21</sup>

3- Uma série de declarações públicas realizadas pelo embaixador Watson e Neumann (HAMMOND, 1987, pág. 144) a respeito da pequena importância do Afeganistão. Este ponto deixa claro que, apesar de a doutrina de segurança nacional estadunidense se pautar a partir de clássicos como Mackinder, Spykman e Brzezinski, nem sempre ela o faz sem contradições. Na verdade, deve-se perceber as tendências liberais e conservadores em relação às intervenções mundiais durante toda sua história.<sup>22</sup>

Do lado soviético, a invasão se conduziu também a partir de certas condicionantes, destacam-se os fatos:

1- Desde que a invasão da Hungria (1956) e Tchecoslováquia (1968), haviam sido relativamente bem-sucedidas, sem imensos problemas no cenário internacional.

2- De que a *détente* já vinha se deteriorando a mais tempo. (HAMMOND, 1987).

3- De que o poderio soviético demonstrado ao longo da invasão seria um fator de impacto para as decisões norte-americanas. (HAMMOND, 1987, pág. 146)

<sup>20</sup> Para além das intervenções diretas, os estadunidenses passam a garantir entregas de armamentos e provisões para guerrilheiros *mujahedins* a partir do Paquistão. Além disso, uma série de embargos comerciais são conduzidos em relação à URSS.

<sup>21</sup> É interessante notar que o receio estadunidense se comprovou em relação aos soviéticos como também em relação a eles mesmos.

<sup>22</sup> Durante os períodos que antecederam a invasão soviética do Afeganistão, por exemplo, o famoso embate de Cyrus Vence e Marshall Shulman contra Brzezinski no interior da cúpula do Estado estadunidense, exemplifica essas duas tendências, uma mais moderada e outra mais interventionista. No caso, Vence e Shulman defendiam uma posição moderada de contenção através da diplomacia e diálogos, enquanto Brzezinski incentivava uma linha dura.

Assim sendo, tanto pelo lado norte americano, quanto pelo lado soviético, as condicionantes criaram o cenário favorável para que, a partir da crise que se estabelecia no Irã, uma intervenção pudesse ocorrer com impactos menores e calculados.

No entanto, para além da importância da revolução iraniana de 1979, outros fatores geopolíticos foram fundamentais no estímulo desses acontecimentos. A doutrina Brejnev surge então com grande impacto nestas tomadas de decisão. Pode-se dizer que o Afeganistão ter se tornado comunista foi mais um problema que um alívio para os soviéticos. Apesar dos rumos tomados por Mohammad Daoud, a ascensão de líderes comunistas do PDPA como Taraki, Amin e, após a invasão soviética, Brabak, foram imensamente mais problemáticos que o governo anterior.

Dada a incapacidade de governança desses líderes a doutrina Brejnev foi acionada a partir do princípio de que um país comunista não pode ceder perante contrarrevoluções, isto indica, portanto, que para a doutrina Brejnev, a perda de um país comunista representa em geral uma ameaça ao comunista, os governos socialistas deveriam ser, portanto, eternos, segundo este ponto de vista.

A crise afegã gestada a partir dos membros do PDPA em uma série de transformações e imposições da política nacional, estimulou forte oposição dos grupos étnicos e guerrilheiros do Afeganistão. Tais grupos acostumados a séculos de tradição e razoavelmente distantes das intervenções de Cabul, se sentiram afrontados perante novas medidas como: reforma agrária, perdão da carga de dívida dos camponeses e diminuição da importância da religião para o Estado (ateísmo). Isto naturalmente gerou uma forte oposição ao governo de Cabul onde consideráveis porções do território declararam seu não alinhamento ao governo central.

Para além do descontentamento, o fator de risco dos soviéticos era em grande parte dois: o de que o aumento das tensões entre o governo central de Cabul e o restante do território poderia levar à uma escalada do descontentamento islâmico em relação à URSS, afetando seus territórios na Ásia Central, e o de que a revolução de Saur perdendo espaço para guerrilheiros islâmicos estimulasse outros movimentos de libertação nacional ao longo do bloco soviético. Para esta consideração devemos retomar a noção de cordão sanitário soviético<sup>23</sup> e compreender que, no interior de sua esfera, qualquer tipo de contra revolução deveria ser reprimida a todo

---

<sup>23</sup> Para além da noção de cordão sanitário, deve-se levar em consideração a teoria do efeito dominó, que adotada pelos EUA também demonstrava seus receios em relação à URSS.

custo, o que de fato se registrou na grande guerra afegã-soviética ao longo de dez dispendiosos anos.

A aproximação do Afeganistão com regimes anti soviéticos pesou, também, na balança de decisões. Neste caso, para além dos grupos muçulmanos, um novo governo, resultado da expulsão dos comunistas afegãos (PDPA) possuía grande tendência para se alinhar com regimes anti soviéticos, destacando EUA e China.<sup>24</sup> Os EUA surgem evidentemente como uma potência perigosa na medida em que seus anseios em relação à URSS eram evidentes. O fato de que a organização do tratado da Ásia Central (CENTO) havia sido destituída com a saída do importante membro iraniano em 1979, estimulou os anseios em relação à formação de um governo antisoviético no Afeganistão. Por outro lado, devemos considerar o fator china como também relevante.

O fato de que os britânicos ainda no século XIX criaram o corredor Wakhan para impedir o contato direto entre soviéticos e indianos, condicionada para além do século XX a história do Afeganistão. Fato é que ao estender a fronteira e impedir o contato soviético-indiano o que se conseguiu foi estabelecer uma pequena fronteira entre China e URSS, o que, pela ocasião da cisão soviético-chinês, principalmente durante o governo Deng Xiaoping, estimulou uma intervenção chinesa na região que, alinhada com os interesses americanos, passou a fornecer recursos militares para os rebeldes<sup>25</sup> contrários ao governo de Cabul (HAMMOND, 1987). Sendo assim, a importância chinesa se destaca como tal para a região.

---

<sup>24</sup> Como consideramos anteriormente esta tendência também se dava em relação a países islâmicos recém criados como o Irã e o grande perigo em relação às repúblicas da Ásia Central.

<sup>25</sup> Um fato importante de destacar é que estes rebeldes em geral chamados de *mujahedins*, esta espécie de guerreiro santo/sagrado, eram em geral extremamente descentralizados, alinhavam-se na medida de necessidades burocráticas com certos grupos mais gerais (grupos financiados por potências como EUA e Arábia Saudita e que, portanto, garantiam o fornecimento de armas) e na medida de seus interesses pessoais, sendo muito comum que um líder *mujahedin*, geralmente eleito como tal devido aos seus méritos em batalha, participasse de mais de um grupo ao mesmo tempo ou mesmo trocasse de lado para um grupo inimigo. Em geral, estes grupos guerrilheiros funcionavam como uma unidade em si, muitas vezes a partir de interesses pessoais e determinados segundo sua própria área de atuação (área do grupo ao qual se identifica). Isto se transforma a partir da invasão soviética quando os grupos notando a presença de um invasor externo se unem em combate aos comunistas para além de suas dimensões nacionais. Assim posto, um dos únicos princípios de união nacional é justamente o da necessidade de união para defesa conjunta de territórios, neste sentido deve-se desconsiderar a ideia do “nacional” a partir do momento que nenhum símbolo potente se constrói para além da necessidade de se desvincilar de intrigas locais em torno da necessidade de uma união mais potente. Uma única possibilidade de construção de uma identidade nacional se daria em torno do Islã, no entanto, mesmo assim, esta unidade se torna frágil perante ao complexo mosaico étnico afegão e perante o fato de que o Islã identifica uma unidade-contraditória internacional.

Outros pontos devem-se destacar para além de uma atitude defensiva-preventiva e nos cabe ao mesmo tempo colocá-los em julgamento. Trata-se dos interesses soviéticos em relação à região do golfo pérsico e em relação aos recursos naturais afgãos.

Naturalmente, na medida em que as potências realizam suas análises geopolíticas, destacam nestas análises, além de uma série de outros fatores de ordem estratégica, a localização das principais reservas naturais do mundo. Desta forma, a própria URSS reconhecia bem a importância estratégica do Afeganistão como ponte para o golfo pérsico, ao mesmo tempo que tinha por base a relação de seus evidentes e potenciais recursos naturais.

O golfo pérsico passa ao longo do século XX a se valorizar como importante região produtora de petróleo o que naturalmente estimula o interesse e necessidade das grandes potências mundiais em relação ao seu controle. Isto fica evidente, por exemplo, ao longo do acordo molotov-ribbentrop, onde a URSS deixou expresso seu interesse nas reservas de petróleo localizadas ao longo da região do golfo pérsico (HAMMOND, 1987, pág. 142). Além disso destaca-se também a breve ocupação soviética do Irã em 1941.

Fato é, no entanto, que, apesar de Thomas Hammond garantir certa importância em relação ao golfo pérsico na balança de tomada de decisão soviética em relação ao Afeganistão, um acesso à região não estava no horizonte de suas necessidades primordiais. Um primeiro fato a justificar esta observação é a própria revolução islâmica de 1979. Para garantir acesso ao golfo a URSS haveria a necessidade de que os soviéticos mantivessem boas relações com o mundo muçulmano ou conduzissem para uma invasão do território iraniano. Para as duas possibilidades tem-se distanciamentos da realidade. A invasão soviética do Afeganistão garantiu apenas um aumento das tensões com relação ao mundo árabe na medida em que qualquer tipo de aproximação seria precária. Por outro lado, um movimento de invasão ao Irã seria também impensável na medida em que ele representava até então o ápice de um dos movimentos muçulmanos em nível internacional e, portanto, um perigo para o poder soviético a nível internacional e regional.<sup>26</sup>

O que se pode colocar, no entanto, para além de nossa suposição, é um interesse puramente estratégico em se aproximar das reservas do golfo pérsico, como uma medida inicial e planejada ao longo prazo. Certamente este ponto pode ter aquecido os corações soviéticos, no entanto,

---

<sup>26</sup> Aqui deve-se destacar a rixa entre Irã e Arábia Saudita pelo oriente médio como princípio de fragmentação do mundo muçulmano. De qualquer forma, uma invasão soviética do Irã não seria bem-vista mesmo por seu rival saudita.

não representa o motivo fundamental para a invasão do Afeganistão. Não havia um plano estratégico elaborado para muito além das necessidades gerais de impedir uma afronta muçulmana pela Ásia Central e garantir o bom funcionamento da doutrina Brejnev.

Em relação aos recursos naturais, pode-se supor um interesse em sua exploração e, naturalmente, estes são colocadas no cálculo de qualquer guerra, mesmo se esta é considerada defensiva-preventiva, isto ocorre, inclusive, como medida de compensação pelos danos e investimentos acarretados. No entanto, de nenhuma maneira pode-se colocar que a invasão soviética foi motivada por este princípio, isto pois o baixo nível de infraestruturas no Afeganistão necessitaria de grandes investimentos para elaboração de usinas de extração de gás natural e outros recursos estratégicos, o que, mesmo sendo uma oportunidade de investimento e de escoamento de capitais, não representava uma necessidade estratégica fundamental para o poder soviético.

Fato é que, mais uma vez, a grande importância do Afeganistão se dá em relação ao seu caráter posicional, para além de seus recursos locais.

### **3. NAÇÃO E ESTADO NAÇÃO: PARADIGMAS OCIDENTAIS PARA O ORIENTE?**

Pode-se dizer que todos os afegãos são estrangeiros em suas terras...

As questões colocadas em relação à formação dos Estados Nacionais são sempre motivo de grande controvérsia. No caso afegão esta controvérsia ganha ainda maior dimensão. Em primeiro lugar, isto é resultado da fragilidade do conceito selecionado para a dada realidade socioespacial. O Estado Nação, como conceito, deve ser considerado em relação ao seu contexto espaço-temporal de formação: a península europeia do século XVIII.

Realizando uma recuperação histórica podemos observar que o Estado Nação surge, ainda no século XV, através da formação dos Estados de Portugal e Espanha. No entanto, devemos considerar que sua generalização ocorreu, ao longo da península Europeia, apenas no século XVIII, principalmente após os eventos marcados por duas revoluções: a Gloriosa (1688 - 1689) e a Francesa (1789). Assim, devemos considerar que os Estados Nações surgem em um espaço e um tempo determinados, marcados fundamentalmente pelo início da época contemporânea. Outra coisa ocorre quando pensamos na nação. Os Estados Nações, ou Estados Nacionais são ainda mais jovens que as Nações, no entanto, as próprias nações também não são tão antigas quanto a própria história. Neste sentido, somos levados a considerar a afirmação de Hobsbawm e Begehot, para os quais: “As nações [...] não são ‘tão antigas quanto a história’” (BEGEHOST

apud HOBSBAWM, 2021, pág. 11). Para nossos fins de interpretação, iremos considerar os Estados Nacionais a partir da apropriação territorial de um determinado espaço pela burguesia, neste sentido, este conceito estará inevitavelmente associado à ideia de projeção do poder no território. As nações, por outro lado, mais antigas, identificam uma série de elementos linguísticos, culturais, sociais que garantem identidade a um determinado grupo que ocupa o território, podendo também estar associada a ideia de poder, no entanto, muito anterior a lógica Europeia do século XVIII, marcada fundamentalmente pela territorialização do Capital.

Neste sentido, podemos fazer duas primeiras considerações iniciais a respeito do conceito de Estado Nação:

1- Este surge condicionado por um espaço e tempo específico. Sendo este a península europeia do século XVIII. Neste contexto devemos considerar certos eventos importantes. Do ponto de vista político, a superação das antigas tradições feudais se objetiva através da revolução francesa de 1789. Do ponto de vista econômico o final do século XVIII está marcado pela revolução industrial, sendo que o ano de 1776 marca três eventos de fundamental importância: a declaração de independência dos EUA, a invenção da máquina a vapor, e a publicação de *A riqueza das Nações* do pai do liberalismo, Adam Smith.

2- Este é dotado de uma má determinação. Isto é resultado de seu profundo contexto espaço-temporal. Sendo de difícil aplicação para interpretação dos agrupamentos humanos em geral.

“[...] nenhum critério satisfatório pode ser achado para decidir quais das muitas coletividades humanas deveriam ser rotuladas desse modo (como nações).” (HOBSBAWM, 2021, pág. 13) – grifo nosso.

Tanto a primeira afirmativa, quanto a segunda, já são suficientes para nos demonstrar o grande impasse da aplicação deste conceito em relação a observação do território que nós convencionamos a chamar de Afeganistão<sup>27</sup>. Deste modo, a dificuldade inicial é justamente a

<sup>27</sup> A ideia de convenção foi usada se atentando ao fato de que os territórios do mundo árabe foram completamente desenhados seguindo o princípio do interesse das potências imperialistas do século XIX e XX.

“O nacionalismo árabe surgiu no século XIX, através da luta contra o domínio do decadente Império otomano. Derrotado na Primeira Guerra Mundial, o império dos sultões desmoronou. Durante o conflito, um pacto entre França e Grã Bretanha estabeleceu as regras para a partilha do Oriente Médio entre as potências vencedoras. Ingleses e franceses passaram a administrar a região por meio de mandatos, que foram legalizados pela Liga das Nações, em 1922. O mundo árabe pós-otomano foi fragmentado por essas potências e pelas elites monárquicas locais.” (COGGIOLA, 2018, pág. 9)

Como na África, a definição dos limites entre as fronteiras destes que hoje compõem os Estados Nações árabes, seguiu o princípio do interesse regional de cada potência. Algo que fica claro quando observamos o não respeito às diversidades étnicas em cada formação.

aproximação deste conceito com a formação socioespacial<sup>28</sup> afgã. Nos surge o primeiro questionamento: seria o conceito de Estado Nação o mais interessante para pensar este território? Esta pergunta nos coloca a observação de um risco fundamental: o de nos rendermos a severos anacronismos. Já a segunda afirmativa nos coloca em um segundo impasse. Sendo o conceito de Estado Nação tão amplo e até mesmo de difícil determinação, em que medida somos capazes de reunir uma base epistêmica suficiente e não conflitante para interpretação de nosso objeto? Naturalmente, então, o conceito de Estado Nação, ou da própria Nação, deverá ser submetido a teorias e métodos específicos, que, em si mesmos, não poderão esconder a própria perspectiva epistemológica e ideológica do autor<sup>29</sup>.

Assim, retornamos a epígrafe deste artigo, e podemos considerar que, se pudéssemos observar os estados nacionais como observamos diferentes pássaros, uma série de impasses seriam rapidamente resolvidos. O que seria então o Estado Nação? Quais elementos podemos considerar para garantir certa integridade ao conceito? Partindo de uma abstração geral, na ampla bibliografia sobre o tema, podemos encontrar: a linguagem comum, o território comum, grupos étnicos, história, cultura etc.

Toda tentativa de se realizar um modelo ideal de nação segundo alguns princípios gerais, logo encontra grandes obstáculos dado a própria história de cada formação socioespacial. De modo que, se para alguns Estados Nação (assim considerados) a unidade nacional se dá em relação a um grupo de elementos gerais, para outro, são outros elementos que garantem coesão ao conceito. Neste ponto podemos destacar duas observações. A primeira, muito útil como exercício teórico, diz respeito ao próprio Brasil, o que se encaixa no Afeganistão seguindo a ideia de países colonizados/ocupados.

É de importante observação o modo como o professor Antônio Carlos Robert Moraes irá definir a especificidade da coesão nacional brasileira e colonial em geral. Moraes comprehende que, nos países historicamente colonizados/ocupados, o território se torna elemento fundamental da coesão nacional, assim podemos dizer que, se o território não é o único elemento de coesão, então ele se torna um dos mais importantes. O que é claro quando observamos a formação

<sup>28</sup> Aqui utilizamos o conceito de formação socioespacial a partir da definição miltoniana. (SANTOS, 1977).

<sup>29</sup> Para a noção de ideologia recuperamos o livro de Antônio Carlos Robert Moraes, que será de grande monta para esta pesquisa: *Ideologias Geográficas*. Neste, o autor observa ao menos três considerações gerais para o conceito de ideologia: 1. Falsificação da realidade (considerado o de maior pobreza teórica pelo autor); 2. Estudo das Ideias (recuperando a noção inicial de ideologia como o campo científico de estudo do surgimento das ideias); 3. Expressão política da práxis (aqui indo de encontro a perspectiva marxista). (MORAES, 2005). É justamente no terceiro ponto que pensamos a questão da ideologia, como a perspectiva do autor a partir de sua atividade teórica e prática.

socioespacial brasileira. A colonização tem como resultado uma imensa variedade étnica, cultural e histórica. No caso brasileiro, como no caso americano, a coesão interna de um país seria então resultado do processo de personificação do território. O Brasil torna-se um gigante, como os EUA, uma máquina em movimento. O desbravamento do território passa a significar o ideal nacional, que garante um objetivo em comum para cada nação. Nisto inclui-se a ideia de dominação e ocupação do território, que surge no Brasil em diferentes momentos: durante a colonização, através do período pombalino (1750 - 1777), a imposição da língua marca a tentativa de homogeneização linguística da região, processo que ocorreu historicamente ao longo das formações nacionais europeias, este processo foi acompanhado de um amplo genocídio da população local, algo que se assemelha ao processo de formação europeia, em relação aos conflitantes nacionalismos de cada região<sup>30</sup>. A marcha para oeste, já no século XX, além do desenvolvimento das superintendências de desenvolvimento regionais (SUDENE, SUDECO, SUDAM), o “integrar para não entregar” (lema da ditadura militar), assim como as declarações do presidente Bolsonaro a respeito da exploração dos recursos minerais amazônicos, também marcam essa tentativa de desenvolvimento da unidade nacional a partir do território. Nos EUA, o desbravamento do território toma também grande sentido, muito bem explorado pela professora Mary Anne Junqueira em seu livro: Estados Unidos, Estado nacional e Narrativa da Nação (1776 – 1900), onde observasse a figura da frontier americana, como uma fronteira móvel, sempre necessitando de incursões e ocupações americanas do território. (JUNQUEIRA, 2018).

No entanto, se por um lado a ocupação/desbravamento de um dado território garante a ele o ideal de desenvolvimento nacional, de outro, a defesa desse território também possui forte poder de coesão<sup>31</sup>. É assim que observamos no caso brasileiro e americano certas tendências. Em relação ao Brasil, recentemente destacamos o apelo do governo Bolsonaro a defesa da Amazônia contra interesses estrangeiros. O próprio presidente brasileiro entrou em severas polêmicas com o presidente francês: Emmanuel Macron, por conta desses ataques. De outro lado, nos EUA, percebemos ao longo de sua história a tendência de criação de certos bodes expiatórios (inimigos externos e internos).

Dado que a ocupação norte-americana do seu território atingiu o seu limite, o território a desbravar, assim como a frontier, são extremamente prejudicados. Assim, a criação de um

<sup>30</sup> A disputa entre alemães e poloneses, por exemplo.

<sup>31</sup> Neste ponto, exploraremos como a defesa afgã do inimigo externo norte americano/occidental garante certa coesão a governança talibã do país.

inimigo externo se torna fundamental para a coesão nacional<sup>32</sup>. É assim que David Harvey destaca o fato de que os EUA, buscando manter sua posição hegemônica<sup>33</sup> mundial, cria uma série de inimigos externos (HARVEY, 2018), onde o Talibã, grande amigo do pentágono nos anos de guerra contra a URSS (União Soviética), torna-se um grande inimigo, terrorista, até mesmo conduzindo a um processo de associação da cultura e religião islâmica com esses próprios grupos terroristas.

Assim, podemos dizer que, a população, atingida pela propaganda e ideologia de Estado estadunidense (aqui novamente fazemos referência às ideologias geográficas de Moraes<sup>34</sup>), passa a um processo de estímulo de sua personalidade paranoica, sendo a paranoia<sup>35</sup> justamente este princípio de coesão nacional (o medo do inimigo comum externo, árabe, muçulmano, suicida e com um sentimento insaciável pela morte de cidadãos estadunidenses e cristãos). Neste ponto, nem mesmo o Brasil pôde escapar ao desenvolvimento da personalidade

<sup>32</sup> De inimigos internos como conspirações comunistas também.

<sup>33</sup> Para conduzir seu pensamento, neste ponto David Harvey se utiliza do conceito de *hegemon* de Hannah Arendt para conduzir suas observações.

<sup>34</sup> No sentido de defesa do território.

<sup>35</sup> A paranoia está aqui sendo considerada a partir da noção lacaniana, onde o indivíduo busca procurar sentido para os acontecimentos de sua vida, sendo o “eu”, o principal sujeito dos grandes acontecimentos. Um ótimo estudo a respeito deste conceito pode ser encontrado na obra de Jean Allouch: Paranoia, Marguerite ou A “Aimée” de Lacan. (ALLOUCH, 1997).

Essa busca por sentido se daria em dois momentos, aqueles que Lacan reconheceu como “noção de fixação do desenvolvimento da personalidade” (SAFATLE, 2018):

“Nesse contexto, Lacan traz a noção de fixação do desenvolvimento da personalidade. No interior da socialização, há um momento de internalização de um processo que permite ao sujeito tomar certa distância dessas identificações marcadas pela reversibilidade transitiva entre o Eu e o outro. Posteriormente, Lacan mostrará como tal processo está vinculado a uma outra identificação a qual se dá com a lei social ordenadora, representada, no interior da família, pela função paterna. O argumento de Lacan consiste em dizer que, na paranoia, essa segunda identificação estabilizadora com a ordem paterna não ocorre, mas há uma fixação que impede o sujeito de atravessar as relações de rivalidade e alienação com o que lhe aparece como ideal. Ele vive assim em uma confusão narcísica, que faz com que toda alteridade apareça próxima demais, invasiva demais.” (SAFATLE, 2018, pág. 25).

Na sequência, Safatle passa a estudar o caso de Marguerite, acusada de esfaquear uma atriz em frente ao teatro. Sobre o caso Safatle dirá:

“Na verdade, ao atacar a atriz de teatro, ela procurou atingir a si mesma. Ela atinge a si mesma não exatamente para livrar-se de um ideal que a persegue, mas para ser punida, para ser culpada perante a lei social da qual ela sempre se sentiu deslocada.” (SAFATLE, 2018, pág. 26)

A noção de paranoia pode ser então muito interessante para pensar o modo pelo qual os EUA, enquanto uma nação de indivíduos e coletividades, busca ser culpada pelo crime que constantemente comete. Ao chamar os Talibãs de terroristas, isso, identificado em relação à personalidade paranoica, à falta de freio do superego, pode ser interpretado como a tentativa de procurar uma punição pelo crime que constantemente comete: o terrorismo internacional. Seria então a personalidade paranoica (comum a todos os indivíduos, no entanto exacerbada para alguns, podendo ser estimulada) o princípio de busca de freio para as ações norte americanas (de um ponto de vista psicológico) assim como a identificação das próprias ações, que necessitam de um freio e que assim encontram bodes expiatórios nestes grupos islâmicos. É claro que isto não reduz o debate a apenas uma condição psicológica. As questões relacionadas ao imperialismo e as leis gerais de acumulação e centralização de capital, serão fundamentais para entender a culpabilização do Talibã, assim como as questões relacionadas à formação da identidade nacional. Pode-se dizer que buscamos reconstruir uma totalidade a partir de uma série de fragmentos. Assim, podemos então fazer interessantes paralelos entre a noção de Estado Nação e a psicologia dos indivíduos, sem cairmos no erro de desconsiderar os demais elementos importantes.

paranoica, à ideia de perseguição e centralidade do indivíduo nas grandes questões globais e nacionais. No governo Bolsonaro a paranóia foi amplamente estimulada como projeto de governo, o que a princípio facilita a ideia de nação, ou, pelo menos a ideia de pertencimento de um grupo que se identifica como a camada patriótica desta formação socioespacial. Essa personalidade paranoica se revela, então, em questões como: homofobia (sendo o bolsonarismo extremamente afetado pelo desejo homossexual reprimido<sup>36</sup>), invasões comunistas, nova ordem mundial, etc.

Como colocado por Jung a psicologia dos indivíduos nos revela a psicologia das nações:

“A psicologia do indivíduo corresponde à psicologia das nações. As nações fazem exatamente o que cada um faz individualmente; e do modo como o indivíduo age, a nação também agirá. Somente com a transformação da atitude do indivíduo é que começará a transformar-se a psicologia da nação.” (JUNG, 2014, pág. 10).

Nossa tentativa anterior consistiu exatamente em relacionar a psicologia com a formação das nações, no caso a partir do processo de formação da personalidade paranóica. A respeito deste ponto destacamos duas coisas: primeiramente devemos compreender que, apesar de categorias gerais serem possíveis do ponto de vista psicológico, sendo a própria personalidade paranoica uma delas, colocar que a psicologia dos indivíduos corresponde a psicologia da nação seria um equívoco, pois nos faria simplesmente reforçar a ideia de nação como unidade nacional homogênea, composta por cidadãos<sup>37</sup>, reforçando a ideologia burguesa da nação. Na verdade, longe disso, as unidades nacionais nos revelam sempre projetos conflitantes, a própria noção de ideologia nos revela isto a partir da luta de classes, e este é justamente nosso segundo ponto. A ideologia deve ser abordada em conjunto com a psicologia. Neste sentido, colocamos que é impossível se realizar um estudo psicológico, do ponto de vista social, deixando de lado as questões fundamentais da ideologia, e dito isso, deixando de lado as questões fundamentais da luta de classes. Se a nação é o resultado da psicologia dos indivíduos, devemos, contrariamente a Jung, compreender que esses indivíduos, apesar de possuírem processos psicológicos gerais, estão sujeitos a ideologias conflitantes. Se reconhecermos que a psicologia dos indivíduos

<sup>36</sup> Isto se revela na fixação pelo falo masculino, sendo esta paranóia, em específico, como na premissa freudiana, uma tentativa de conter os desejos homossexuais. Questões como kit-gay, mamadeiras com objetos fálicos em suas pontas, dificuldade em assumir o afeto entre homens, e até mesmo as diversas constipações do presidente, indicam uma grande dificuldade no trato das relações homoafetivas e a fixação pelo anal (no último caso).

<sup>37</sup> Como bem sabemos a existência da nação se deu historicamente em união com o racismo, inclusive institucionalizado como política de Estado, assim, apesar de a psicologia poder encontrar certas categorias, sendo a paranoia, a neurose, os sonhos, os complexos, arquétipos alguns exemplos, ela não pode a partir destas observações caracterizar toda uma sociedade, se não através de processos gerais, sempre sujeitos a contradição. Seria necessária uma psicologia que não descarte dos seus horizontes a ideologia. Entendendo que a formação psicológica dos indivíduos está sujeita aos processos ideológicos.

corresponde a psicologia das nações, estamos apenas indo de encontro ao que pretendemos justamente criticar neste trabalho: que as nações são resultado do projeto burguês de institucionalização da sociedade capitalista. Apesar disto, não podemos negar a função da psicologia na formação da identidade, mas, como antes, esta identidade estará sempre sujeita a ideologia, pois é justamente a ideologia imperialista do Estado estadunidense, que resulta na formação da personalidade paranoica dos indivíduos, resulta a partir da necessidade de coesão e identidade dos indivíduos da nação a partir de uma “guerra eterna”, algo que surge no caso afgão:

“O objetivo é uma guerra eterna, não uma guerra vitoriosa” (ASSANGE apud PEPE, 2021)

A frase de Jung então seria muito mais interessante se a considerássemos da seguinte forma: A ideologia da nação condiciona a psicologia dos indivíduos, enquanto a psicologia dos indivíduos condiciona a ideologia das nações. Assim, longe de nos rendermos a qualquer tautologia, compreendemos que se trata de um processo dialético. Tal processo se revela também na ideia lacaniana de formação do “Eu” quando este coloca: “o eu é o outro” (SAFATLE, 2018). Se o eu é o outro, isto significa que o outro também sou eu, já que nenhuma personalidade pode surgir de qualquer essência interior, trata-se de um processo de associação resultado da experiência na formação das personalidades. A mesma coisa pode ser aplicada à questão da nação, da ideologia e dos indivíduos. O Estado Nacional e sua ideologia burguesa compõe o dado da experiência no contato com os indivíduos, que por ela são moldados, daí podemos pensar os processos de racismo, por exemplo. Por outro lado, os indivíduos em contato não só com a ideologia das nações, mas sujeitos, pela luta de classe, e a muitas outras, condiciona a formação da ideologia nacional. Estes condicionamentos mútuos representam sempre os diversos projetos possíveis, as diversas nuances, que, hora estimuladas pelo acirramento da luta de classes e de interesses no interior das classes, e ora não, representam diferentes projetos, diferentes políticas e diferentes formas pelas quais a ideologia se manifesta na psicologia dos indivíduos. De qualquer forma, trata-se exatamente de condicionamentos, as determinações são de difícil determinação, ou até mesmo impossíveis neste campo. Sabemos que o Estado Nacional, representante dos interesses da burguesia está sempre sujeito a moldar sua ideologia a partir da luta de classes, o conceito de “bonapartismo” identificado por Marx em o 18 de brumário de Luís Bonaparte, representa um desses processos sociais, (MARX, 2008), onde a ideologia toma diferentes contornos, e, no caso de estudo de Marx, para assegurar o Estado Burguês uma profunda mudança se torna necessária com o desenvolvimento de um Estado Imperial.

A discussão empreendida nos parágrafos anteriores, nos revela a grande complexidade ao tratar da questão do Estado Nacional, ou, pelo menos a grande dificuldade em se compreender os seus princípios de coesão/identificação. Partimos da análise do Brasil e dos EUA, buscando compreender alguns destes princípios, revelados nas premissas de ocupação e defesa dos territórios. A partir disso, já podemos desenvolver uma série de observações em relação à geopolítica mundial, no modo como alguns países tendem a tratar sua ideia de nação. Isto nos será de grande utilidade para compreender o papel dos EUA na formação de um suposto Estado Nação afegão. A ideia de nação americana deve ser compreendida a fim de se compreender os projetos norte americanos na região.

Até aqui, conseguimos conduzir a apenas uma observação: as diferentes formas de coesão nacional nos Estados Nação brasileiro e norte americano, que nos serviram de paralelo para compreender certos processos gerais. Daqui, deduzimos mais um ponto: estes estudos de caso dizem respeito principalmente às formações socioespaciais de histórico colonial. Assim, o segundo caso que podemos destacar é justamente o caso afegão.

O Afeganistão, assim como Brasil e EUA, foi ao longo de sua história ocupado. No caso afegão destacamos as ocupações diretas e indiretas, e, ainda levando em conta essas diferenças, compreendemos que o Afeganistão foi afetado pelo imperialismo do século XIX, expresso nos novos modelos neocoloniais<sup>38</sup>.

Nunca de fato uma potência estrangeira, a partir do século XIX, exerceu pleno domínio sobre a região, mesmo após a segunda guerra anglo-afegã (1878 – 1880), o máximo que se conseguiu foi um acordo frágil entre britânicos e afegãos, que não duraria por muito tempo. A ideia de um forte poder central no Afeganistão é, por vezes, sugerida como a ideal. Fato é, que governos centrais fortes ou governos mais democráticos e federativos enfrentam sempre a oposição dos diferentes grupos, perspectiva que aparece na obra de Barfield: *Afghanistan, a cultural and political history*. (BARFIELD, 2010). No entanto, os breves períodos de estabilidade que observamos ao longo do século XIX foram tributários de amplos projetos que visavam a eliminação e enfrentamento dos grupos oposicionistas. Foi assim que o emir<sup>39</sup>, Abdur Rahman, após a segunda guerra anglo-afegã de 1880, conseguiu organizar um poder central forte.

“The situation changed in the wake of the Second Anglo- Afghan War after 1880. The new amir, Abdur Rahman, abolished the decentralized governmental system in which tribes and regions maintained a high degree of autonomy in exchange

---

<sup>38</sup> Isto fica expresso ao longo das três guerras anglo-afegãs, além das três invasões do Afeganistão no século XX, anteriores a 1979.

<sup>39</sup> Designa-se como Emir um líder muçulmano, é do título de Emir que temos o nome: emirado.

for submitting to the legal authority of the Kabul government. When faced with numerous revolts by his own relatives and regional groups, he waged war against his own people until he and his government had no rivals of any type.”<sup>40</sup> (BARFIELD, 2010, pág. 5)

Como colocado por Barfield, no Afeganistão, os momentos de estrutura política aberta foram marcados por crises de governança, com interesses gerais dos mais diversos líderes dos diferentes clãs da região, enquanto que estruturas políticas mais fechadas favoreciam um poder central forte, mesmo que às custas de um processo violento.

“When the political structure was least open to competition, rulers found it easiest to maintain their legitimacy and authority because threats came from only a limited number of contenders. It was much harder to gain exclusive authority when the political system was more open and included more participants competing for power. Indeed, in the absence of an alternative political structure, such struggles for power threatened to disrupt society as a whole. In the worst cases it produced an unstable situation where no one could achieve enough power and legitimacy to restore political order without resort to continual armed conflict.”<sup>41</sup> (BARFIELD, 2010, pág. 3)

Como veremos mais à frente, esta “ausência de uma estrutura política alternativa”, em muito favoreceu a situação que hoje podemos observar no Afeganistão. O fato de continuamente EUA e URSS terem estimulado, ao longo do final do século XX, uma série de grupos armados na região, para na sequência, após 1991, abandonar o país, teve como resultado dois processos integrados: o vazio de poder, resultado do abandono do país, e a disputa do poder, resultado pela longa guerra civil entre 1992 – 1996.

A despeito da fama de nunca ter sido de fato conquistado, o Afeganistão, dado a sua posição estratégica, sendo ponte de encontro entre Índia e Paquistão (à sudeste), China (à leste), Rússia e Ásia Central (ao norte) e Irã (à oeste), foi recorrentemente palco de disputa entre as grandes potências. Neste sentido, mais de uma vez, suas fronteiras foram artificialmente criadas<sup>42</sup>.

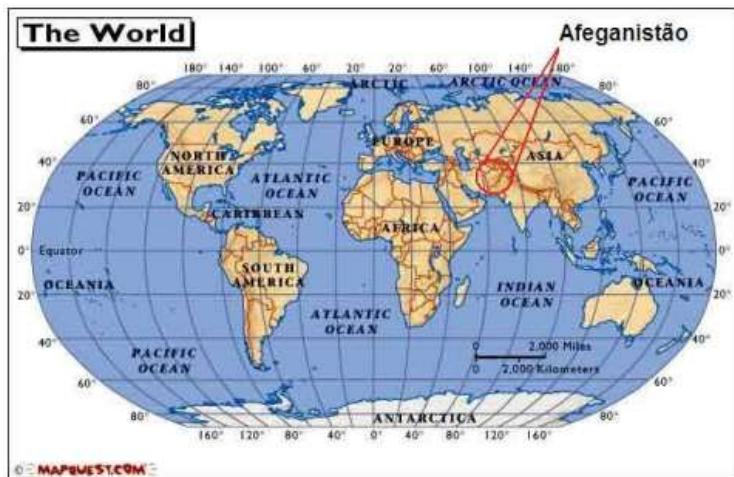
Podemos dizer que o Afeganistão é a ponte que liga a Ásia Central ao sul da Ásia.

<sup>40</sup> “A situação mudou após a Segunda Guerra Anglo-Afegã após 1880. O novo emir, Abdur Rahman, aboliu o sistema governamental descentralizado em que tribos e regiões mantinham um alto grau de autonomia em troca de submissão à autoridade legal de o governo de Cabul. Quando confrontado com inúmeras revoltas de seus próprios parentes e grupos regionais, ele travou guerra contra seu próprio povo até que ele e seu governo não tivessem rivais de qualquer tipo”. – tradução livre.

<sup>41</sup> Tradução livre: “Quando a estrutura política era menos aberta à competição, os governantes achavam mais fácil manter sua legitimidade e autoridade porque as ameaças vinham de apenas um número limitado de contendores. Era muito mais difícil obter autoridade exclusiva quando o sistema político era mais aberto e incluía mais participantes competindo pelo poder. De fato, na ausência de uma estrutura política alternativa, tais lutas pelo poder ameaçavam perturbar a sociedade como um todo. Nos piores casos, produziu uma situação instável, onde ninguém poderia obter poder e legitimidade suficientes para restaurar a ordem política sem recorrer a conflitos armados contínuos.”

<sup>42</sup> O corredor de Wakhan, criado ainda no século XIX no território afegão, que estudaremos mais à frente, nos fornecerá boas perspectivas sobre a situação das fronteiras afegãs na região.

**Mapa 1 – Posição Afegã**



**Imagen 1:** (FREITAS, 2009, pág. 64)

Podemos nos propor então a compreender o Afeganistão nesta situação imbricada, como uma das centralidades disputada entre as grandes potências, e, assim, recorrentemente na sua história, detentor de diferentes projetos nacionais. A perspectiva de Moraes a respeito das ideologias geográficas torna-se interessante para estudar uma região onde o único princípio de coesão nacional seria, a princípio, o território e a religião (que como tal, nesta formação socioespacial, está identificada a partir do grupo Talibã à certos inimigos externos), território esse, como o Brasil e os EUA, artificialmente criado por potências estrangeiras.

---

Outro ponto importante a ser aqui considerado é que mesmo as potências do Norte induziram de maneira artificial à formação de suas fronteiras, isso acompanhado de um processo extremamente violento. Ao observar as fronteiras no mapa mundi temos a sensação de que estas sempre existiram e que estas sempre existiram. Apesar desse suposto imobilismo das fronteiras e das nações, nada mais falsificador da realidade do que assim considerá-las. Mesmo a formação de países do capitalismo central como França e Alemanha, não se deu sem um amplo processo de violência. Na França o idioma francês, anteriormente falado apenas pela aristocracia local, foi escolhido como língua da pátria e imposto à população. Na Alemanha, na fase do desenvolvimento imperial (final do século XIX), os alemães, a fim de consolidar sua unidade territorial e seu Estado Nação, passam a obrigar o ensino em alemão em escolas polonesas, a fim de consolidar sua hegemonia na região. A utilização de outras línguas passa até mesmo a ser punida pelo império Alemão, que não garante direitos políticos ou civis àqueles que não se adequa à nova linguagem:

“O governo alemão estava determinado a reprimir o sentimento nacional polonês. Não era permitido o ensino da língua polonesa nas escolas – embora seu uso não pudesse ser proibido nas casas – e os poloneses foram excluídos de funções públicas, inclusive das profissões vinculadas ao ensino. Durante uma vistoria em diversas sedes de jornais de língua polonesa, documentos foram encontrados que confirmavam o desejo dos poloneses dentro do império alemão por um futuro nacional para a Polônia. Diversos editores e treze estudantes poloneses foram presos. A crise foi agravada quando o chanceler alemão, o conde Von Bulow, caracterizou os alemães como lebres e os poloneses como coelhos, dizendo a um jornalista ‘se eu colocasse nesse parque dez lebres e cinco coelhos, no próximo ano teria quinze lebres e cem coelhos. É contra esse fenômeno que queremos defender a unidade nacional alemã nas províncias polonesas’.” (GILBERT, 2016, pág. 25 – 26).

Neste excerto de Gilbert, fica mais uma vez demonstrado como a identidade nacional e a construção do Estado Nação, possui fortes vínculos com a formação de inimigos externos e internos, o que conduziu, quase que como uma regra, a uma série de posicionamentos e ideologias racistas.

A ideia de Nação ou de Estado Nação então deverá ser orientada a partir de princípios mais complexos, não podendo se resumir a uma simples condição de língua, cultura, história comum ou território. Neste sentido, assumimos uma postura marxista em relação à existência do Estado. Assim, entenderemos a formação de cada Estado Nação a partir dos interesses da burguesia, o Estado é, então, uma criação artificial e moderna, o resultado da necessidade de uma burguesia que passa, principalmente a partir do século XVIII a se organizar em unidades nacionais. Assim, os territórios, sendo criações artificiais e resultado da própria dinâmica do poder global, deverão ser compreendidos principalmente a partir da geopolítica mundial, que nada mais é que o jogo de interesse das burguesias nacionais objetivado no espaço geográfico.

Neste sentido, concordamos com Lênin, para quem, o verdadeiro caráter social de uma guerra, ou, no nosso caso, expandindo essa ideia para o verdadeiro caráter da geopolítica mundial, que nada mais é do que a objetivação destes confrontos no território, se dá a partir da análise do caráter objetivo das classes sociais, ou seja, a partir de uma interpretação materialista histórica do espaço geográfico e do tempo histórico (categorias indissociáveis):

“[...] a prova do verdadeiro caráter social ou, melhor dizendo, do verdadeiro caráter de classe de uma guerra consiste, evidentemente, não em sua história diplomática, mas na análise da situação *objetiva* das classes dirigentes de todas as potências beligerantes. (LÉNIN, 2021, pág. 26)

Assim, as teorias a respeito do imperialismo, assim como a interpretação da situação de classes de cada potência e o atual momento do capitalismo mundial, serão fundamentais para compreender o choque entre as nações. Ao mesmo tempo, as teorias geopolíticas buscarão ser compreendidas não como no princípio de seu desenvolvimento, mas a partir de uma análise materialista histórica da realidade. Se Mackinder concebeu o Heartland como paradigma da geopolítica mundial, nisto devem ser identificadas tanto as proposições de nível geográfico (condições), quanto às questões relacionadas ao desenvolvimento da sociedade produtora de mercadorias. Haveria condição de se conciliar as teorias geopolíticas clássicas de base positivista/determinista com o marxismo? Será justamente esta a nossa empreitada ao longo deste texto, que buscará compreender os diferentes projetos nacionais para o Afeganistão.

#### **4. A CATEGORIA DE FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL**

Para prosseguirmos com nossas discussões precisamos recuperar o conceito de Milton Santos a respeito da formação socioespacial, ou socioespacial. Em seu famoso texto de 1977 Milton Santos recupera a discussão a respeito do conceito de formação social. Sua interpretação geográfica do conceito de formação social chama a atenção para o fato de que o espaço

geográfico, assim como a própria geografia, tem sido continuamente negligenciado como componente importante na formação das sociedades. Assim, o professor Milton Santos inaugura seu texto sob o título: sociedade e espaço: formação social como teoria e como método. Sua principal preocupação ao longo desta discussão é o desenvolvimento de uma base epistemológica capaz de considerar a formação social ou formação econômica social em relação ao espaço geográfico. Seria interessante neste ponto recuperar, mesmo que brevemente, algumas considerações a respeito da categoria de espaço geográfico e tempo histórico.

Para o filósofo prussiano Immanuel Kant, em sua obra, Crítica da Razão Pura, obra mais do que necessária ao desenvolvimento do conceito de crítica, e que muitas vezes é negligenciada pela geografia crítica, comprehende que tempo e espaço são categorias *a priori* do conhecimento. Isto significa dizer que tanto o tempo, quanto o espaço, surgem anteriormente a experiência, se desenvolvendo concomitantemente a ela, se encontrariam numa espécie de estado latente no pensamento.

“[...] nosso conhecimento empírico é formado pelo que recebemos das impressões e pelo que nossa faculdade de conhecer lhe adiciona, estimulada pelas impressões dos sentidos; aditamento que só distinguimos mediante longa prática, que nos capacite a separar esses dois elementos.” (KANT, 2009, pág. 13)

“Em verdade, se retirarmos do conceito empírico de um corpo tudo o que ele possui de empírico – cor, dureza, moleza, peso e a própria impenetrabilidade –, permanecerá o espaço que esse corpo ocupava, que não pode ser subtraído.” (KANT, 2009, pág. 15)

A despeito disso podemos conduzir a um debate interminável, destaca-se, por exemplo, a visão piagetiana (PIAGET, 1975) onde se considera o desenvolvimento da noção de espacialidade ainda nos primeiros anos da infância, desenvolvendo aquilo que o autor chamará de níveis sensórios motores<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> Nos primeiros anos da infância, chamado de período lactante, o objetivo e o subjetivo se tornam indiferenciados. O espaço surge então como mera extensão do corpo. A tudo que o lactente toca, se torna uma extensão ao próprio corpo, indiferenciada, instrumento acoplado ao sujeito, que ainda mantém indiferenciado o eu e o mundo. Neste sentido, a noção de espaço ainda não se encontra plenamente desenvolvida, apesar de sugerir ainda alguns fundamentos básicos. Tudo nos leva a sugerir então que a noção de espaço não surge nem na noção do indivíduo como sujeito, já que este não comprehende e mantém indiferenciada a própria existência espacial do corpo, não podendo nem se diferenciar como sujeito, não surge na ideia de posição, pois ainda está se mantém indiferenciada (basta observar que a cartografia só pode ser ensinada após certo período de treinamento, pois ainda há uma grande capacidade de relacionar as projeções com as posições no território), mas surge na ideia de extensão. A essa ideia de extensão devemos retornar a Descartes, e pensar um espaço geométrico. As noções espaciais existiriam assim através da extensão entre corpo e objetos indiferenciados, desde o período inicial de vida: o lactente, e se desenvolveria a partir da experiência. Essa compreensão do espaço a partir da extensão não seria objetiva, mas seria ainda assim um dado da percepção remoto-sensorial, que necessariamente demanda uma básica compreensão do espaço.

“Com efeito, tanto no terreno do espaço como no dos diversos feixes perceptivos em construção, o lactante tudo relaciona a seu corpo como se ele fosse o centro do mundo, mas um centro que a si mesmo ignora. Em outras palavras, a ação primitiva exibe simultaneamente uma indiferenciação completa entre o subjetivo e o objetivo e

Deixado de lado a consideração da discussão a respeito do espaço e o tempo surgirem com o nascimento, como ideia inata, ou a partir da experiência como resultado da prática, ou até mesmo na união dos dois, como nos proporciona uma visão apriorista kantiana do conhecimento, o que devemos considerar é que tempo e espaço são de fato categorias. Para melhor compreendermos essa ideia, vamos recorrer ao dicionário de filosofia.

**Categoría** (lat. tardio *categoría*, do gr. *Categoria*: caráter, espécie) **1.** Aristóteles denomina *categorias* ou predicamentos as diferentes maneiras de se afirmar algo de um sujeito. Discerniu dez categorias, de estatuto ao mesmo tempo lógico e metafísico, e que são, além do próprio sujeito (substância ou essência): a quantidade, a qualidade, a relação, o tempo, o lugar, a situação, a ação, a paixão e a possessão. Essas categorias não são espécies do gênero ser, mas gêneros supremos ou primeiros do ser. **2.** Kant retoma o termo, não mais se referindo ao ser, mas ao conhecer, para designar os conceitos do entendimento puro. Para ele, todo juízo pode ser considerado sob quatro pontos de vista: da quantidade, da qualidade, da relação e da modalidade. Para cada um desses pontos de vista, são possíveis três tipos de juízos: portanto, há doze categorias do entendimento ou conceitos fundamentais *a priori* do conhecimento. [...] **3.** Atualmente, o termo *categoría*, frequentemente considerado como sinônimo de *noção* ou de *conceito*, designa, mais adequadamente, a unidade de significação de um discurso epistemológico. (JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996, pág. 40).

Todas as definições nos trazem fundamentos importantes para pensarmos a definição de categoria, mas nos chama a atenção fundamentalmente, além das considerações de Kant e Aristóteles, a definição como “significação de um discurso epistemológico”. Isto significa então que as categorias surgem como condição, base da epistemologia do desenvolvimento dos campos do conhecimento. Devemos admitir então que a ciência se produz através da linguagem, que deve, necessariamente, recorrer às categorias, as bases do pensamento e das interpretações. Consideraremos o espaço como uma dessas categorias, e sua extensão: o espaço geográfico, como fundamental para definição de formação socioespacial.

Sabendo desta importância basilar das categorias, e da necessidade de considerar o espaço geográfico<sup>44</sup> como tal, retomamos a ideia de Milton Santos para quem a formação social não pode desconsiderar a formação espacial. O espaço geográfico, como categoria de formação social, condiciona ao mesmo tempo que é condicionado pela formação da sociedade. Assim, constituindo a relação dialética na categoria formação socioespacial. Devemos então entender

---

uma centração fundamental, embora radicalmente inconsciente, em razão de achar-se ligada a esta indiferenciação.” (PIAGET, 1975, pág. 133)

<sup>44</sup> A definição de espaço geográfico é vasta, em Milton Santos, surgirá também como ideia de território usado. De maneira mais simples, consideramos aqui o espaço geográfico a produção do espaço constituída na relação sociedade e natureza. Daí surgem o conjunto de categorias que nos permitem compreender o espaço do homem: paisagem, território, lugar, sítio, posição, entre outras.

que nenhuma sociedade se dá no vazio espacial e, portanto, necessariamente, está sujeita a condição espacial de sua própria existência.

“Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social. (SANTOS, 1977, pág. 81)

Assim, Milton mantém a sua posição quanto à indispensabilidade da categoria de espaço na consideração das formações sociais:

“Deveríamos até perguntar se é possível falar de Formação Económica e Social sem incluir a categoria do espaço. Trata-se de fato de uma categoria de Formação Económica, Social e Espacial mais do que de uma simples Formação Económica e Social (F.E.S.), tal qual foi interpretada até hoje. Aceitá-la deveria permitir aceitar o erro da interpretação dualista das relações Homem-Natureza. Natureza e Espaço são sinônimos, desde que se considere a Natureza como uma natureza transformada, uma Segunda Natureza, como Marx a chamou.” (SANTOS, 1977, pág. 82)

Mais à frente, Milton continuará apontando as relações entre modo de produção, formação social e espaço. Isto deverá nos estimular a conduzir nossa posição epistemológica, compreendendo que as unidades nacionais, como formações sociais espaciais, devem ser entendidas segundo a união de certas categorias indispensáveis.

“Modo de produção, formação social, espaço — essas três categorias são interdependentes. Todos os processos que, juntos, formam o modo de produção (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo) são histórica e espacialmente determinados num movimento de conjunto, e isto através de uma formação social.” (SANTOS, 1977, pág. 86)

São estas categorias então: Modo de produção, formação social e espaço. Estas são indispensáveis na consideração não apenas das nações, mas de qualquer sociedade, de qualquer agrupamento humano. As nações como elementos da modernidade, serão interpretadas assim a partir dessa perspectiva. O Afeganistão, em sua imensa complexidade está sujeito, em relação a sua formação socioespacial, às categorias anteriormente consideradas, aos processos de internacionalização capitalista, aos processos do imperialismo e da globalização, a sua constituição étnica e organização política, como também em relação ao espaço que ocupa e que assim o condiciona, a sua posição, a sua herança natural, assim como, do modo que diria Milton Santos, seu acúmulo desigual de tempos.

## **5. OS PROJETOS DE CONSTRUÇÃO DO ESTADO NACIONAL.**

O que devemos considerar como fundamental para nossa análise é que a criação dos Estados Nacionais são simplesmente ilusões, este sentido surge recuperando a própria noção

psicanalítica de *ilusão* como o delírio que, para além do simples delírio, satisfaz os desejos (FREUD, 2010). No caso satisfaz uma certa sensação de unidade, que, no caso afegão, não existe. De fato, o maior fator de integração para os povos afegãos é, na verdade, a iminência de um inimigo externo, ao passo que esta união ainda depende da existência de um dado fator comum: a religião, no caso a religião islâmica.

Mesmo o islamismo não foi capaz de permanentemente unir os povos chamados, erroneamente, de afegãos, apesar de se constituir em importante fator de união frente a inimigos externos. Após a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão a própria noção de *jihad* perdeu força frente aos processos de conflito no país. Na verdade, o que se desenvolve é o sentimento de uma *jihad* saturada, que, com a retirada dos russos, se resume a interesses de governantes regionais, nem tão fortes para expandir seu poder para além de suas territorialidades e nem tão fracos para perder controle total de sua parcela de espaço (BARFIELD, 2010).

A ideia de *jihad* irá se renovar apenas com a ascensão Talibã, onde o grupo formado majoritariamente de jovens, sonhadores com o grande país perdido, nascidos em sua maioria em campos de refugiados no Paquistão, buscaram retomar a glória passada de seu país e de sua religião, buscando transformar o antigo e falso Estado perdido em uma espécie de Meca renovada no final do século XX.

Assim reconhecemos, se os Estados Nacionais são ilusões, o Estado Nacional Afegão é mais uma invenção do que uma ilusão. Na verdade, estas duas coisas se confundem. A ilusão não deixa de ser também uma invenção, geralmente uma invenção com sentido ideológico e psicológico. No caso dos Estados Nacionais neste sentido recupera a noção de vigilância, proteção, a existência de um pai primordial na figura dos líderes nacionais que oferecem certa segurança e identidade, fator fundamental de união e idolatria<sup>45</sup> (FREUD, 2011).

Neste ponto é interessante retomarmos a ideia de Freud a respeito das duas massas artificiais: a Igreja e o Exército. O princípio de união, em relação às igrejas, e em extensão para a religião, se dá em função de um ideal de Eu inalcançável. O pai primordial, aquele que foi assassinado e, por consequência, levou os filhos da horda, numa necessidade de conter seus impulsos pessoais, a recriar um pai superior e ausente. Na presença do pai vivo, a inveja e o ciúmes, vítimas do desejo, levaram à prática do parricídio, em conjunto os filhos matam o pai. O vácuo de poder e energia liberados pelo assassinato leva naturalmente a necessidade de substituição

---

<sup>45</sup>

do pai pelos filhos, logo, os mais fortes se pretendem reproduzir a imagem do pai primordial, levando este ciclo a se reproduzir eternamente. Neste sentido, o pai primordial passa a se reproduzir no interior das famílias, onde os filhos tomaram esposas e filhos como posses, além da própria mãe (alvo da disputa pelos filhos)<sup>46</sup>. A necessidade surgida em função da preservação dos irmãos, na contenção de seus desejos de posse e superioridade, levou a formação dos sistemas religiosos que em sua maioria, como na Igreja Católica e na religião Islâmica, estabelecem uma espécie de culto ao pai primordial, numa espécie de contínua renovação e alívio da culpa pelo parricídio.

O fato de que os filhos não alcançam mais o pai primordial, que tudo vê, que é onipotente e onipresente, os leva a manutenção de uma eterna vigilância pessoal. Na impossibilidade de substituí-lo a inveja do outro é substituída pela manutenção de uma solidariedade, mesmo que cheia de tensões. A unidade se forma pelo ideal de Eu inalcançável, estabelecido pela imagem do pai que vigia e comanda um outro mundo. Tão forte é a vigilância que independe da vigilância do outro, sendo produzida através de culpa pelo que se pensa e pelo que se faz mesmo em isolamento.

A solidariedade se estabelece como princípio de união entre aqueles que, impotentes perante um poder maior, decidem se unir através de uma solidariedade e vigilância. De um lado, a solidariedade surge como princípio de aliança na consecução de objetivos, além da própria identidade comum: a de impotência. Por outro lado, a vigilância surge como o próprio sentimento infantil de “se nem ele, nem eu”, daí a importância de se vigiar para punir privilégios e valorizar boas ações: caridade, empatia, disposição pelo outro (sacrifícios).

No caso dos Estados Nacionais pode-se dizer que o Estado é um conjunto de diferentes massas, mais ou menos organizadas, mas que cumpre um papel: o de estabelecer, através de todas as contradições, um ideal de Eu. Este ideal se reproduz nas grandes figuras dirigentes (presidentes, monarcas, primeiros ministros, etc.) e é tão mais bem integrada na medida em que a libido pode continuamente se renovar entre seus membros, para aquém de um desejo sexual, simplesmente, tem-se então, um amor fraternal entre os membros e dos membros em relação a seu líder. Esse amor é tão mais potente na medida em que um único líder é capaz de tomá-lo todo para si e tende a se fragmentar na medida em que a libido, tomando novos rumos, elege novos valores.

---

<sup>46</sup> A respeito deste ponto é interessante a análise de Freud a respeito das primeiras deusas femininas (FREUD, 2011).

O Estado passa então a funcionar através de um ideal de Eu, e, de fato, não se resume apenas a uma organização de massa, mas também, não deixa de sê-lo. Para além, como observamos no caso Afeganistão, a identidade nacional inexistente demanda um segundo princípio de identidade: a religião (também sujeita a contradições). Sendo a religião também altamente contraditória, na medida em que não estabelece um líder comum, estabelece identidades fragmentárias.

Esta análise psicológica não pode ser única a respeito das interpretações em relação a formação da identidade afegã. O que se tem, para além deste aspecto psicológico, importante para o entendimento de certos mecanismos de união, é um amplo processo de fragmentação do território, originário de interesses de potências estrangeiras, que, ao longo dos séculos, empurraram e fragmentaram, ao mesmo tempo que impuseram aos diferentes grupos, um certo espaço fronteiriço.

O islã deve ser considerado, portanto, um importante fator de união, observável em relação aos povos afegãos, no entanto, nada se pode dizer da religião na ausência de um inimigo externo, de modo que, nesta ausência os interesses, quase que de fato regionais, substituam a unidade religiosa. De fato, nem mesmo a identidade étnica é tão importante para o Afeganistão, pois quando analisamos seu passado recente percebemos que os interesses estratégicos se sobrepõem às diferenças étnicas: grupos pashtuns em conflito ou o caso da união de hazaras, uzbeques e tadjiques, no início dos anos noventa através da figura de Massoud, exemplificam bem esta situação.

De fato, a construção do Estado Afeganistão está mais relacionada aos interesses estrangeiros de acumulação de capital do que em função dos interesses nacionais de união cultural ou, até mesmo, em função de um inimigo externo. Sendo assim, o fator de união é apenas temporário, na medida em que se torna possível a emergência de uma *jihad* e deve se renovar através de uma eterna luta contra o inimigo ou simplesmente através da força bruta.

Apesar da formação étnica expressiva do Estado afegão, sendo de fato um expressivo Estado Multicultural, não observamos em sua história importantes movimentos de separatismo (BARFIELD, 2010), mesmo quando observamos seu período de extensa guerra civil (1989 – 1996) entre grupos *mujahedins*, ainda não se observa a emergência de grupos separatistas. Para isto, podemos elencar duas explicações: (1) os grupos *mujahedins* competiam pelo poder em escala nacional, cobiçando os territórios em conflito e (2) o Estado Nacional não vem a calhar como proposta de superação dos conflitos. Em relação ao primeiro ponto deve-se destacar a devida importância do conflito em escala nacional, onde os diferentes grupos cobiçavam

diferentes áreas conforme suas vantagens locacionais: rotas comerciais, regiões agricultáveis, regiões fronteiriças, etc.<sup>47</sup>

Em relação ao ponto dois, deve-se destacar a incompatibilidade entre os sistemas de governança locais e a forma do Estado Nacional. Estes sistemas, ainda não detentores de expressivas burguesias nacionais, se baseavam, principalmente ao longo da segunda metade do século XX, em grande parte, na força bruta. Os mais fortes eram capazes de deter o poder e comandar os diferentes vilarejos e regiões. De fato, a força bruta se sobrepõe aos princípios culturais, religiosos e locais, apesar de estes últimos também condicionarem a dinâmica das políticas afegãs.

<sup>47</sup> Neste ponto, destacam-se importantes rotas comerciais como a que ligava o governo Najibullah ao território russo/soviético da Ásia Central, onde importantes rotas comerciais foram responsáveis pela manutenção do poder central.

"The emphasis on the north was deliberate: it bordered the Soviet Union, and the government hoped to build this region up as a counterweight to the Pashtun south and east, reversing the policies of earlier Afghan amirs. The devolution of power quickened when the Soviets began withdrawing. Najibullah needed to ensure that his vital transit routes to the Soviet border were not cut off after they left." (BARFIELD, 2010, pág. 246)

Tradução livre: A ênfase no norte era deliberada: este fazia fronteira com a União Soviética, e o governo esperava construir esta região como um contrapeso aos pashtuns ao sul e oeste, revertendo as políticas dos antigos emires afegãos. A devolução do poder se acelerou quando os soviéticos começaram a se retirar. Najibullah precisava garantir que as suas rotas vitais de trânsito com a fronteira soviética não fossem ameaçadas após sua retirada.

Não apenas rotas comerciais vitais com importantes potências como a URSS, ou os países da Ásia Central pós URSS (Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão e Tadjiquistão), além do Irã, Paquistão e China, mas também importantes cidades comandam a economia nacional sendo alguns exemplos: Mazar-i-sharif, Jalalabad, Herat e Qandahar. Jalalabad, por exemplo, representa o grande portão de entrada para a capital Kabul, a segunda, por sua vez, representa uma espécie de capital simbólica administrativa. Qandahar se destaca na produção de ópio e algodão, importantes para o financiamento das ações de guerrilha, que, apesar de não consumirem a segunda especiaria, organizam um intenso comércio internacional.

"Like Herat, Qandahar expanded the range of irrigated land by using both river water [...]. In addition to its bumper harvest of wheat, the region was well-known for its fruit crops, especially its grapes and pomegranates. It grew cotton as a cash crop and more recently has been the center of opium production. At an altitude of a thousand meters, it has warm winters and hot summers. For such a large region the south's population is relatively small because so much of the surrounding area is a desert that can be used only by nomads on a seasonal basis. It had the lowest population density of the country's main regions in the 1950s: seven people per square kilometer versus twenty-two per square kilometer in the north, thirty-six in the east, and ten in the west." (BARFIELD, 2010, pág. 50)

Tradução livre: "Como Herat, Qandahar expandiu a gama de terras irrigadas usando água do rio [...]. Além de sua abundante colheita de trigo, a região era bem conhecida por suas colheitas de frutas, especialmente suas uvas e romãs. Cresceu algodão como cultura de rendimento e, mais recentemente, tem sido o centro da produção de ópio. A uma altitude de mil metros, tem invernos aquecidos e verões quentes. Para uma região tão grande, a população do sul é relativamente pequena porque grande parte da área circundante é um deserto que só pode ser usado por nômades em uma base sazonal. Tinha a menor densidade populacional das principais regiões do país na década de 1950: sete pessoas por quilômetro quadrado contra vinte e dois por quilômetro quadrado no Norte, trinta e seis no leste, e dez no oeste."

## 6. FORMAÇÃO PRÉ-1979: O CALDEIRÃO ÉTNICO-CULTURAL DO AFGANISTÃO.

O Afeganistão moderno, como conhecemos, surge oficialmente em 1919, através do tratado Anglo-Afegão, também chamado de tratado *Raualpindi*. Devemos também considerar os antecedentes históricos na formação socioespacial afegã através do tratado anglo-russo de 1907, onde os dois países finalizam sua disputa territorial conhecida como “big-game”, pelo menos no que diz respeito ao território afegão.

A despeito disto, o Afeganistão acumula uma história muito rica, tendo sido durante muitos séculos ocupado pelos mais diversos impérios. Para compreendermos a história da região devemos necessariamente entendê-la como um caldeirão de diversas culturas. Desde a antiguidade a região passa a ser ocupada por povos das estepes, reconhecidamente, grupos pashtuns já existiam através de seus precedentes étnicos, sendo de fato uma cultura muito antiga. Mas deve-se destacar a importância de grupos extremamente heterogêneos na região. Destacando-se:

- O império Macedônio, que, uma vez uno e integrado, com a morte de Alexandre se dividirá em quatro, sendo que a região chamada bactriana e sogdiana, respectivamente o Afeganistão moderno e sua extensão ao norte do Hindu Kush (atual Uzbequistão, Tadziquistão e Quirguistão), se tornarão, após uma dissidência com o império selêucida um reino independente.
- O império parta, no geral formado por povos persas e de estepes, sucessores do antigo reino persa ocupado por Alexandre.
- O império Sassânida, também herdeira das tradições persas exercerá grande influência na região, inclusive na expansão do zoroastrismo.
- O califado Omíada, representativo da terceira onda de expansão islâmica, responsável pela islamização dos povos não árabes da Ásia Central.
- O império Mongol, através da expansão de Gengis Khan, será responsável pela ocupação do Hazara na região.
- A dinastia Timúrida, como herdeira das tradições mongóis e islâmicas na região.
- O império Mogol, responsável pela parcela indiana-islâmica de influência para a região.

Do ponto de vista de impérios mais endógenos, podemos registrar a ocorrência do império Hotaqui e do Império Durrani, que apesar de não serem necessariamente confundidos com o Afeganistão moderno, que não passa de uma invenção estrangeira, surgiram através da soma de forças da região, de povos que compartilham semelhanças étnico-culturais com os recentes povos pashtuns modernos.

Para nos aproximarmos da história recente do Afeganistão, necessariamente devemos recorrer ao entendimento do período pré 1979. De fato, a história afegã ao longo do século XX foi extremamente atribulada. Destacam-se as quatro invasões soviéticas do país, que ocorreram respectivamente em: 1925, 1929, 1930 e 1979. De fato, a primeira invasão, tanto quanto a terceira, foram de pequeno porte, enquanto a segunda buscando ascender ao trono o antigo rei Amanullah, possui maior expressividade (na medida em que contou com a participação de membros da antiga realeza afegã e grandes contingentes militares). Esta se deu contra o camponês tadjique, pobre e analfabeto: Bacha-i-Saqao<sup>48</sup> (1929), que durante nove meses governou Afeganistão, quando foi derrubado Nadir Khan (1929 – 1933), um antigo membro da família real, que após um breve reinado abriu espaço para o governo de seu filho Mohammad Zahir (1933 – 1973), que governou o Afeganistão até o golpe de Mohammad Daoud em 1973, que se manterá no poder até 1978, quando, em 27 de abril, ocorrerá a revolução comunista, chamada de revolução de Saur ou revolução de abril.

Para nossas discussões importa discutir a dinâmica produzida a partir da revolução de Saur, e a sucessão de três importantes presidentes: Nur Mohammad Taraki, Hafizullah Amin e Babrak Karmal, que num período de menos de dois anos (1978 – 1979), se sucederam como governantes do Afeganistão.

Para compreendermos a relação entre os três governantes afegãos devemos retomar a organização do partido democrático do povo do Afeganistão, o chamado PDPA. Este, estava dividido em duas importantes facções: o Parcham (estandarte) e o Khalq (massas). Estes dois representavam a profunda contradição entre campo e cidade no Afeganistão, sendo o primeiro formado por militantes urbanos e de classes médias-abastadas, enquanto o segundo formado por camponeses de classes inferiores. Naturalmente as duas facções entraram em profundos conflitos, sendo que durante o governo de Taraki (importante membro do Khalq), muitos membros do partido Parcham foram ou exilados e perseguidos.

Taraki foi o primeiro governante do Afeganistão, sendo um importante membro do partido Khalq. Amin, após desconfianças em relação a uma possível intervenção soviética no

---

<sup>48</sup> O caso de Bacha-i-Saqao é interessante pois reacende o velho debate a respeito das considerações geopolíticas e ideológicas soviéticas. O governo de Bashar era caracterizado pela sua origem camponesa e pobre, certamente alinhado com os princípios marxistas de apoio às classes desfavorecidas. Mesmo assim, a URSS, pensando geopoliticamente decide que um tadjique poderia ser um problema na medida em que Bacha-i-Saqao nutria ódio aos soviéticos, desta forma, estes optam por apoiar o monarca modernizador ocidental Amanullah, membro da realeza e das classes abastadas afegãs contra o camponês tadjique das classes exploradas. Exemplo de que no grande jogo das potências, poucas ideologias são superiores aos interesses nacionais. O internacionalismo comunista é válido apenas na medida em que se alinham aos interesses e modelos soviéticos e nada mais.

Afeganistão apoiada por Taraki, acaba por assassiná-lo em 1979, e assim o substituindo como presidente, isto por fim leva aos eventos de 1979, quando a URSS decide pela invasão do Afeganistão.

De fato, a decisão de invadir o Afeganistão já foi amplamente explorada e sabemos que os principais motivos dizem respeito à expansão islâmica (principalmente em função da revolução iraniana de 1979) e da doutrina Brejnev. O que não exploramos foram os fatores internos da política afegã que levaram à esta situação. Podemos destacar então que as políticas comunistas conduzidas pelo PDPA foram em grande parte falhas. Na tentativa de organizar uma mudança radical num país determinado por organizações étnicas de poder distintas, além de séculos e, até mesmo, milênios de tradição, o PDPA incorre no grave erro de impor o comunismo num país nada adaptável às correntes marxista-leninistas. Destacam-se então como graves erros:

1- Imposição de uma reforma agrária num país determinado por relações clientelistas<sup>49</sup>. Muitos muçulmanos frente ao projeto de reforma agrária, mesmo camponeses, se recusaram a aceitar a terra, pois assumiam o princípio muçulmano da proibição de cultivar “terra roubada” (SEIERSTAD, 2017). Não apenas isto, o projeto de reforma agrária tencionava as relações entre camponeses e senhores de terras, onde, os segundos, fornecem grande parte dos equipamentos agrícolas necessários à produção agrícola, deixando a maior parte dos camponeses com lotes de terras inutilizáveis (HAMMOND, 1987).

“A reforma agrária..., tal como foi realizada durante o regime de Amin, não levou em consideração a realidade objetiva... O camponês que conseguiu um pedaço de

<sup>49</sup> Aqui se discute muito, como na obra de Barfield, à respeito do caráter feudal destas relações:

“The emergence of a class of professional rulers was the product of a hierarchical political culture in which only men from certain elite descent groups were believed to have the right to rule or even compete for power. They did not have to rely on popular support because they employed mercenary armies (financed by tribute, or taxes on trade and agriculture) and feudal levies (provided by those to whom the ruler had granted landed estates).” (BARFIELD, 2010, pág. 62)

Tradução livre: “O surgimento de uma classe de governantes profissionais foi produto de uma cultura política hierárquica na qual apenas homens de certa descendência de elite eram acreditados de possuir o direito de governar ou mesmo competir pelo poder. Eles não precisavam contar com o apoio popular porque empregavam exércitos mercenários (financiados por tributos ou impostos sobre o comércio e a agricultura) e taxas feudais (fornecidas por aqueles a quem o governante havia concedido propriedades fundiárias).”

Neste ponto, devemos assumir a posição de que a caracterização de uma sociedade feudal afegã é simplesmente uma tal reconstrução ideológica ocidental, de modo que os costuma-se identificar como feudal a maioria das sociedades agrárias condicionadas por formas clientelistas de relação, sem se atentar ao fator econômico fundamental do feudalismo: a estagnação das relações econômicas externas. O feudalismo compõe um sistema tipicamente europeu e localadamente europeu, isto é, referente não a toda Europa, mas a parcelas reduzidas, no interior da Europa Ocidental, e, mesmo assim, mais restrito às regiões da França, Inglaterra e Alemanha modernas. A utilização do sistema feudal para caracterização de sociedades agrárias clientelistas é, de certa forma, um vício marxista, na consideração de um certo “etapismo” das evoluções sociais.

terra costumava receber de seu senhor feudal parte da colheita, sementes, equipamento agrícola e água. Todavia, no regime de Amin, ele foi provado de tudo isso e, dessa maneira, para o trabalhador do campo, foi uma coisa negativa, e, por isso, uma onda de indignação varreu o país. (PRIMAKOV, E. apud HAMMOND, T., 1987, pág. 73)

2- A perseguição da oposição, no caso do partido Khalq, a perseguição em relação ao Parcham representa uma forte fragmentação do partido, o que ocasiona uma difícil governança nacional. Em relação aos demais partidos, na medida em que as perseguições se tornaram mais severas e ocorreram com maior frequência, a contradição entre PDPA e os diferentes grupos políticos-militares que compõem o país se tornou mais ativa.

3- O alívio da carga de dívidas de camponeses. Neste caso se cancelaram ou reduziram todos os débitos rurais anteriores à 1974, proibindo ao mesmo tempo os juros (HAMMOND, 1987). A proibição dos juros acarretou na impossibilidade da produção agrícola na medida em que, pela tradição, os camponeses, através de empréstimos, desenvolviam o cultivo de terras.

“Segundo a tradição existente, muitos camponeses tinham de pedir emprestado todo ano para poderem comprar a semente, as ferramentas agrícolas e outros artigos indispensáveis ao plantio e ao cultivo da safra. Quando o governo proibiu os juros, os tomadores de empréstimos deixaram de dispor de qualquer dinheiro e deixaram de dispor de qualquer tipo de incentivo para conceder empréstimos. O regime anunciou que ia estabelecer um regime de crédito para os trabalhadores do campo, mas deixou de fazê-lo em tempo hábil. O resultado foi que os camponeses não conseguiram plantar e a produção agrícola caiu.” (HAMMOND, 1987, pág. 73)

4- O ateísmo. O fato de os governantes comunistas serem definitivamente ateus, o fato de que estes propagavam o ateísmo como símbolo da modernização, levou o Afeganistão em direção a um imenso rochedo, pelo menos segundo a visão dos soviéticos. Isto porque se a principal preocupação era em relação a expansão do radicalismo islâmico, a perseguição de líderes islâmicos no país apenas reforçou o antagonismo islâmico x soviético.

Os itens acima destacados, de fato compõem o importante conjunto de motivações internas para invasão soviética do Afeganistão. No entanto, não se pode pensar que o processo possa se resumir apenas a isto.

Tendo em vista, portanto, os diversos problemas internos afegãos, a intervenção soviética se realiza no sentido da deposição do presidente Amin, que é assassinado e substituído por Babrak, este, através de um tom mais moderado, busca reverter a caótica situação afegã. Com auxílio soviético se estabelece no poder e cancela os antigos decretos de Amin, diminui as perseguições e, inclusive, adota um tom religioso, passando a se consultar com diferentes mulás, tenta se eleger como legítimo governante islâmico do Afeganistão.

Apesar das tentativas, a presença soviética no governo torna-se inegável e inconsistente com os anseios da população afegã. A presença soviética é vista como intervenção estrangeira, o que eleva os confrontamentos ao PDPA. Se antes a questão era simplesmente o confronto de um inimigo interno, com a invasão soviética, os diferentes grupos de oposição entendem que o problema é na verdade muito maior, e diz respeito a uma tentativa de ocupação estrangeira.

Revelando nossa análise a respeito da identidade nacional afegã, diferentes grupos historicamente inimigos ou relativamente avessos uns aos outros, passam a formar diferentes alianças. O islamismo compõe um importante fator de união na medida em que diferentes líderes religiosos declaram que a luta contra os soviéticos se trata de uma *jihad*, unindo assim, na verdade, para além dos povos islâmicos do Afeganistão, toda a comunidade islâmica internacional<sup>50</sup>.

## **7. O PROJETO COMUNISTA E SOVIÉTICO (1979 – 1987): A SOVIETIZAÇÃO DO AFEGANISTÃO E O GOVERNO BABRAK.**

A tática soviética para invasão do Afeganistão de fato se consolidou como uma verdadeira tentativa de construção de Estado. Para compreendermos o processo devemos levar em consideração dois pontos: (1) o discurso soviético a respeito da ocupação do território e (2) o processo de sovietização do Afeganistão.

Após a revolução de Saur, a sequência de alternância de poder entre os diferentes membros do PDPA nos expõe o modo como criticamente governavam. Através de medidas radicais e autoritárias, os membros do PDPA assinaram sua sentença, com a invasão soviética do Afeganistão a sentença foi dada. Num país onde o significado de vitória consiste em deixar o território ingovernável, como resposta a invasão soviética do Afeganistão os diferentes grupos trataram de criar um cenário caótico, onde guerras não convencionais se tornam a base de conflitos, ao longo de montanhas e esconderijos, os diferentes grupos enfrentam, através de

---

<sup>50</sup> Aqui destaca-se a importância de dois países muçulmanos no combate aos soviéticos: Paquistão e Arábia Saudita. Do ponto de vista Saudita, uma importante geopolítica se realiza no sentido da expansão dos interesses da família Saud pelo mundo muçulmano. Tendo em vista a ascensão de um importante rival xiita: o Irã, os interesses pelo Afeganistão assumem primazia geopolítica, na medida em que o Afeganistão se encontra na posição de um território vital fronteiriço ao Irã. Na mesma medida, o Paquistão, ansioso pela formação de um governo alinhado aos seus interesses, passa a servir de ponte de escoamento de recursos para guerrilheiros muçulmanos, os chamados *mujahedins*, tanto serve como ponte de transferência de recursos estrangeiros, como aqueles vindos dos EUA e Arábia Saudita, como também de acampamento militar ao longo da fronteira com o Afeganistão, onde importantes núcleos de facções *mujahedins* se formam. O Talibã surgirá a partir destes acampamentos paquistaneses, no contexto da extensão dos conflitos no Afeganistão.

guerrilhas, os soviéticos, os expondo a um contínuo desgaste que aos poucos levará a sua derrota.

Fato é que a sucessão de líderes do PDPA levará a ascensão do membro Parchan, Babrak. De fato, tem-se que o primeiro discurso de posse de Babrak foi realizado através da rádio nacional afegã ainda quando este se encontrava em território soviético (HAMMOND, 1987). O discurso soviético a respeito da invasão tornou-se, portanto, vital. Como em muitos momentos históricos os soviéticos continuamente buscaram criar um cenário favorável a sua intervenção, isto se deu de diferentes formas: através de eleições fraudadas<sup>51</sup>, através de discursos de libertação ou defesa nacionais.

Para compreendermos o Afeganistão, o mais importante é o destaque dado à defesa nacional. Para os soviéticos e sua imprensa, a guerra se tratava apenas de uma intervenção aliada desinteressada, de modo que o que se colocava era que, na verdade, o Afeganistão não estava sendo invadido, mas sim socorrido. Não se tratava de uma invasão, mas sim de uma intervenção estrangeira em socorro do governo Babrak. Neste sentido, o recém “eleito” líder afegão se tornou peça fundamental nas mãos dos soviéticos, uma espécie de marionete a qual estes poderiam facilmente dominar e justificar seus atos.

Este movimento ocorreu a despeito do fato de que Amin foi assassinado por tropas soviéticas ao longo da invasão de 1979 e rapidamente substituído por Babrak. O fato de Amin ter matado Taraki, o grande herói nacional, grandemente querido pelo PDPA, fez com que os ânimos se exaltaram ainda mais e uma perfeita história entrasse em cena: o mártir Taraki, morto pelo vilão Amin, que seria redimido pelo novo líder (tradicional, amigo da nação, religioso) Babrak.

De fato, foi exatamente o que houve, e numa série de medidas após a invasão soviética do Afeganistão, seu novo governo, meramente representativo de interesses externos, passa a caracterizar Amin como “carrasco Hafizullah” e “o agente da CIA”. Certamente uma análise freudiana nos revelaria que a paranoia americana x soviética está dada nos termos de seus próprios desejos e intenções. Pode-se apenas desconfiar no outro os desejos que já estão certos em si.<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> De fato, quando os soviéticos buscam anexar parte do território afegão ao longo de sua primeira invasão em 1925, conduzem uma nova eleição, onde se decide por maioria absoluta dos votos (100% favorável), à anexação. Isto ocorre num território marcado por profundas disputas e contradições com os grupos basmachi da Ásia Central, históricos oponentes do império russo e posteriormente da URSS. Ainda naquele ano os soviéticos decidiram pela não anexação, devido às fortes pressões da população local e também do governo afegão.

<sup>52</sup> A mania de perseguição é estritamente ideológica no caso, no sentido de que é verdadeiramente planejada, mas no nível psicológico nos revela o desejo de culpar os outros pelos seus problemas. (FREUD, 2014). Isto não

Esta “demonização” de Hafizullah Amin, certamente garantiu a Babrak uma contrapartida. Se Amin foi um líder sanguinário e odiado, Babrak seria justamente o contrário. Para isto, tratou também de martirizar Taraki, que foi reconhecido como o grande herói, isto a despeito das fortes intrigas com Babrak. De fato, o governo Taraki, um convicto Khalq foi marcado pela forte perseguição dos membros Parcham, que teve como resultado, além do exílio de certos membros, também sua verdadeira perseguição. Um novo slogan surge para o governo: para frente em busca da paz, liberdade, independência nacional, democracia, progresso e justiça social. (HAMMOND, 1987).

Babrak passa então a conduzir, sob auxílio soviético<sup>53</sup>, uma série de alterações na política nacional afegã, estas são marcadas por seu antagonismo em relação a seu antecessor Amin. Propõe, portanto, (1) um amplo projeto de liberdade política, garantindo certa liberdade a diferentes partidos. (2) Liberta os prisioneiros da grande prisão de Pul-i-Charkhi, famosa prisão de Amin que chamou a atenção da comunidade internacional por suas execuções e torturas. (3) Propõe a anistia a refugiados, permitindo que retornem a seu país de origem. (4) A promessa da realização de novas eleições, apesar de que nenhuma data foi considerada. (5) Aumentar a participação das minorias do país nas decisões do governo. (6) Respeitar os princípios do Islã.

A respeito deste último ponto, de fato Babrak, um convicto ateu marxista passa adotar uma personalidade muçulmana, desta forma, se reúne com diversos mulás e islamiza a bandeira afegã, que passa a adotar as cores: vermelho, preto e verde.

A despeito dos imensos esforços de Babrak, fato é que para a grande maioria da população, a intervenção soviética não foi vista como socorro, mas como agressão externa. Se o objetivo soviético era, portanto, acalmar os ânimos, o que se conseguiu foi justamente um efeito contrário. Grupos distintos que a muito se odiavam ou se reprimiam passam a se unir através de uma guerra santa (*jihad*) contra o invasor estrangeiro. O que se tem, ao contrário da tranquilização dos ânimos e contenção da expansão islâmica, é justamente o fervor dos ânimos islâmicos contra os soviéticos.<sup>54</sup>

---

significa que toda desconfiança de intervenção estrangeira seja falsa. Os limites entre o psicológico e ideológico deveriam ser mais profundamente estudados, pois trata-se de uma área propícia ao debate.

<sup>53</sup> De fato, Babrak era cercado de funcionários soviéticos: seguranças, empregados domésticos, motoristas, etc. (HAMMOND, 1987).

<sup>54</sup> De fato, os soviéticos buscam acalmar as tensões enviando grande parte de seus contingentes da Ásia Central, etnicamente parecidos com os afegãos, na tentativa de gerar certo carisma pela ocupação, como se não se tratando de uma potência estrangeira, os soviéticos fossem apenas vizinhos amigáveis muito próximos dos grupos afegãos. Esta política, como a própria história demonstrou, não aqueceu os corações afegãos.

## 8. COMUNISTAS À DERIVA (1987 – 1992): DA TRANSIÇÃO AO FIM DO AUXÍLIO SOVIÉTICO, O GOVERNO NAJJIBULAH.

“In the absence of a national organization inside Afghanistan, its regions and their leaders became more important. Masud created a protogovernment in the resistance-controlled areas of the northeast, as had Ishmail Khan in the west.”<sup>55</sup> (BARFIELD, 2010, pág. 240)

“After 1989, Najibullah’s administration of Afghanistan was characterized by the facto devolution of power to the country’s regions and its leaders. This marked a enormous structural change.”<sup>56</sup> (BARFIELD, 2010, pág. 245).

O governo Babrak perdurará até o ano de 1987 quando, através da produção de uma política mais moderada, assim como através de uma crise do auxílio soviético, o PDPA se organizará para substituir o antigo dirigente por seu novo líder, chamado dr. Najib.

Com a mudança na geopolítica soviética, principalmente em função da ascensão Gorbachev (1985). A URSS passa a prezar as negociações com o PDPA, promovendo certa reorganização interna. Esta demanda existia em função de uma certa organização partidária que permitisse a saída segura dos soviéticos do país, estabelecendo um regime moderado capaz de manter boas relações com o território russo. Na sequência dessas transformações, o dr. Najib assumiu o governo em 1987, transformando seu nome para Najjibullah, uma associação entre Najib e *ullah* (admitindo a forte presença dos *mulás*), assim, mais uma vez, estimulando o fervor religioso de seu governo.

O PDPA rapidamente se organiza no sentido de apagar sua herança comunista e é renomeado para Hizb-i-watan (partido nacional). Este movimento de transformação do partido não ocorreu sem uma forte dissidência, onde alguns membros comunistas de linha dura passaram a integrar a oposição.

De fato, o recém reformulado Hizb-i-watan ou partido nacional, tratou-se de um governo de coalizão. Najjibullah foi considerado um traidor da revolução de abril, principalmente pelos membros Khalq do partido. Seu governo de fato se tratou de uma dissidência e de uma coalizão. Daí o surgimento do importante líder nacional Ahmad Shah Massoud, importante líder nacional da coalizão, que, durante o governo Najjibullah, se tornou ministro da defesa.

---

<sup>55</sup> Tradução livre: “Na ausência de uma organização nacional no interior do Afeganistão, suas regiões e líderes se tornaram mais importantes. Masud criou um protogoverno em áreas de controle da resistência no Nordeste, assim como Ishmail Khan no Oeste.”

<sup>56</sup> Tradução livre: “Depois de 1989, a administração Najibullah do Afeganistão foi caracterizada pela devolução de fato do poder para as regiões do país e seus líderes.”

A coalizão nacional permitiu a formação de um governo amplo, composto de diferentes grupos étnicos. O fato de que o novo governo se formou a partir de uma coalizão afegã, através de diferentes grupos: tadjiques, uzbeques, hazaras, pashtuns, permitiu, além de uma ampla democratização, a formação de uma identidade governamental marcada por povos tipicamente afegãos (no sentido de habitação de seu território). Neste sentido, a antiga guerra marcada pelo enfrentamento aos soviéticos invasores se transforma numa luta contra um governo que possui maior ou menor legitimidade a depender dos membros da oposição, mas tipicamente nacional. Este fato em muito irá contribuir para a perda do clamor religioso *jihadista*, isto porque agora não mais se trata de uma luta contra os estrangeiros infiéis, mas sim, contra um governo tipicamente afegão e, para além disto, de ampla base nacional. Isto irá impactar no poder de luta dos *mujahedins*, tipicamente aqueles baseados em Peshawar e financiados pelo Paquistão.

Com a saída das tropas soviéticas e a formação do governo Najjibulah, há uma inversão nas perspectivas afegãs. Agora, os invasores soviéticos se retiraram e um verdadeiro governo mais ou menos nacional iniciou seu processo de consolidação, ao passo que os verdadeiros invasores passaram a ser cada vez mais identificados com os *mujahedins* de Peshawar, financiados e treinados com recursos paquistaneses.

A observação mais óbvia para o momento diria que na medida em que as tropas soviéticas se retirassem do país, o antigo governo, mesmo que agora reformulado em novas bases, dificilmente se manteria por longo tempo, no entanto, o fato de o governo Najjibulah ter reformulado seus princípios, alterado sua estrutura e se afastado dos comunistas khalq linha dura, permitiu um fortalecimento contra os *mujahedins* de Peshawar, permitindo assim um longo período de transição que se finalizaria por volta de 1992.

Neste ponto da história afegã, tem-se, a partir de 1987 até 1992, uma fase de transição marcada pelo contínuo afastamento soviético, isso se traduz num distanciamento militar e econômico. Desde o governo Gorbachev, em 1985, já estava dado como certo o fim da invasão soviética do Afeganistão. Mesmo ao longo do período 1987-1991, certos financiamentos se mantiveram no sentido de financiar a transição do governo, marcadamente comandado por Najjibulah. Foi de fato a interrupção total dos expressivos financiamentos a partir de 1992 que contribuíram para que o governo sucumbisse.

Na medida em que se retiram os subsídios soviéticos, os *mujahedins* de Peshawar sofrem também, em grande parte, com a retirada de investimentos. Praticamente apenas um país continua fornecendo recursos para as tropas de Peshawar: o próprio Paquistão. Por outro lado,

EUA e mesmo Arábia Saudita veem poucos motivos para manter o financiamento a partir do momento que as tropas soviéticas se retiraram do Afeganistão.

É neste sentido que Najjibulah, fragilizado com a interrupção da ajuda soviética, decide abandonar o governo do país. Esta transição, em grande parte mediada pela ONU, revela a imensa problemática de um país fragmentado. Najjibulah impedido de deixar o país pede asilo às nações unidas e subitamente some de vista. Com a sua retirada surge uma nova organização de poder.

Uzbeques de Dostam e milícias de Kayani Ismaili se revoltaram contra Najibullah no Norte e depois se aliaram aos tadjiques de Massoud, que controlavam o Nordeste. Os hazaras da facção Hizb-i-Wahdat se juntaram ao grupo. Hekmatyar e os Khalqis buscavam retomar Kabul em abril de 1992, quando Massoud ocupou a capital um dia antes de sua chegada, impedindo sua ocupação.

O fato de observarmos um imenso quebra cabeça entre diversas facções no Afeganistão nos revela o fato de que o país é marcado muito mais por uma disputa de territorialidades. A categoria fundamental de análise deve ser assim a de territorialidade ao invés da de território. De fato, há imensos problemas na consideração de um território num país amplamente fragmentado em diversos espaços de disputa, espaços não consolidados por um Estado Nacional. A categoria de território passa, portanto, por severas modificações, ao passo que, na inexistência de um governo nacional central, o que se tem é justamente territorialidades em conflito. O Afeganistão, torna-se assim, na verdade, uma arena de combate, artificialmente formada através da imposição de fronteiras pelas grandes potências, onde na ausência de um governo central, diversos grupos entram em conflito e onde os governantes se mantém no poder através de uma série de acordos e confrontos.<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> As territorialidades em conflito, assim como o nível de fragmentação do território afgão podem ser observados na citação de Barfield:

“Masud founded the Supervisory Council of the North, and Ismail Khan was known as the amir of Herat whose power encompassed the west. The mujahideen in the Pashtun areas of eastern and southern Afghanistan were more confined to their localities, because tribal rivalries and infighting among the Peshawar-based political parties thwarted attempts at regional integration there. Initially the PDPA continued the tradition of a Kabul-centered government, not surprisingly since that is where the bulk of its members were. Yet as the war progressed they divided the country into seven military zones, which had more internal cohesion than the unwieldy provincial structure. These received considerable autonomy, particularly in the north, where a new Uzbek dominated province (Sar-i-pul) was created and Balkh Province signed its own electricity agreement with Uzbekistan.” (BARFIELD, 2010, pág. 246)

Tradução livre: Massoud fundou o supervisório conselho do Norte [aliança do norte], e Ismail Khan era conhecido como o emir de Herat cujo poder abrangia o Oeste. Os mujahideen nas áreas Pashtuns do leste e do sudeste do Afeganistão estavam mais confinados às suas localidades, porque rivalidades tribais e lutas internas entre os

## 9. A GUERRA CIVIL (1992 – 1996): O COMPLEXO QUEBRA CABEÇA AFGÃO E A ASCENSÃO TALIBÃ.

Com a queda do governo Najibullah, Massoud, o ministro da defesa, estabelece junto a seus aliados um governo provisório. Massoud se tornou uma importante figura para o Afeganistão, sendo reconhecido como um importante estrategista militar pelos mais diversos grupos da região. O próprio Talibã viria a reconhecer seus méritos estratégicos, enquanto por outro lado, alguns escritores como Sandy Gall viriam a chamá-lo de o Napoleão afegão. De fato, seus méritos estratégicos seriam responsáveis por ocasionar gigantescos problemas às tropas talibãs.

Além de sua capacidade estratégica, seu enorme poder conciliador seria responsável por integrar diversos grupos através de uma coalizão. No entanto, apesar de carismático, inteligente, além de um exímio estrategista, Massoud deixou muito a desejar quando o assunto foi política. Na tentativa de organizar uma transição para um novo governo afegão, Massoud considerou a perspectiva de permitir aos líderes de Peshawar a integração de um novo, amplo e democrático governo para o Afeganistão. Estes líderes, ansiosos há anos pelo poder, o tomaram rapidamente, desconsiderando qualquer uma de suas perspectivas políticas e, pode-se dizer, verdadeiramente bem intencionadas.

*“Most important, it would have had the best chance of preventing the country’s descent into civil war. Masud unfortunately proved to be a far more skilled commander than politician. Fearful of provoking ethnic conflict, he left the formation of the new government to the Peshawar party leaders with the expectation that they would do what was best for the country and arrange for future elections. But they had no intention of seeking a consensus or presenting themselves for any electoral approval. This was their chance to seize power, and they snapped at the opportunity like hungry dogs.” (BARFIELD, 2010, pág. 249).*

Tradução livre: O mais importante, esta teria sido a melhor chance de impedir a queda do país numa guerra civil. Massoud infelizmente provou ser um comandante muito mais habilidoso do que político. Com medo de provocar conflitos étnicos, abandonou a formação do novo governo aos líderes do partido Peshawar com a expectativa que eles fariam o que fosse melhor para o país e providenciaram para futuras eleições. Mas eles não tinham a intenção de buscar

partidos políticos de Peshawar frustraram as tentativas de integração regional. Inicialmente o PDPA continuou a tradição de um governo centrado em Cabul, não surpreendentemente, já que era onde estava a maior parte de seus membros. Ainda com a progressão da guerra, estes dividiram o país em sete zonas militares, que possuíam maior coesão interna do que a pesada estrutura provincial. Estes receberam considerável autonomia, particularmente no Norte, onde uma nova província dominada pelos uzbeques (Sar-i-pul) foi criada e a província de Balkh assinou seu próprio acordo de eletricidade com o Uzbequistão.

Além das territorialidades destacadas por Barfield cabe comentar a respeito dos hazaras, nas regiões centrais do Afeganistão, também com importante destaque militar e econômico, além de grupos que desprovidos de provinciais e mesmo assim muito importantes como o grupo liderado por Hekmatyar.

um consenso ou apresentar para qualquer aprovação eleitoral. Esta foi a sua chance de tomar o poder, e eles agarraram a oportunidade como cães famintos.

Massoud com medo de provocar um conflito étnico, optou pela distribuição de poder com os senhores da guerra de Peshawar, no Paquistão, esperando que estes aplicassem uma política moderada e de abertura político-partidária. No entanto, os líderes *mujahedins* ansiosos pelo controle do poder fizeram ver suas intenções assim que chegaram em Kabul. Apesar de tentativas de mediação com Arábia Saudita, o primeiro-ministro Hekmatyar acampou nas colinas ao sul de Kabul, onde começou a cercar a cidade com tropas de seu “presidente” Rabbani (BARFIELD, 2010, pág. 250).

Neste sentido, o governo Rabbani, sucessor do governo Najjibulah, entrou subitamente em conflito com outras facções *mujahedins* como a de Hekmatyar. Com a alteração do equilíbrio de poder, o líder uzbeque Dostam traiu a aliança com Massoud e passou a integrar aquele que seria o lado vencedor. Kabul passa a ser disputada por grandes grupos, assim como o poder afegão. Rabbani disputa o poder com Hekmatyar, ambos respectivos líderes do Jamiat-i-Islami<sup>58</sup> e Hizb-i-Islami<sup>59</sup>.

A disputa pelo poder entre Rabbani e Hekmatyar, ou, em outros termos, entre o Jamiat-i-Islami e o Hizb-i-Islami, não passou de uma disputa entre grupos que, apesar de serem verdadeiramente grandes, eram apenas mais um conflito no cenário nacional. A ampla fragmentação do território, além do complexo sistema de alianças, tornava o conflito no Afeganistão extremamente inconstante. Complexos sistemas de alianças, complexas territorialidades, complexas relações étnicas, culturais e religiosas, levam o Afeganistão ao aprofundamento de uma crise de lideranças sem precedentes. O próprio suposto governo nacional de Rabbani, não possui influência além do palácio presidencial. Hekmatyar, por outro lado, liderava um grupo sem uma região definida, ocupando apenas os arredores de Cabul, suas terras, aparentemente ocupadas ao sul eram na verdade comandadas por homens leais apenas a si mesmos.

“Rabbani may have been president of the Islamic State of Afghanistan, but his writ did not run beyond the palace. His rival Hekmatyar commanded a powerful army attempting to displace him, but it was an army that did not control a region

---

<sup>58</sup> O Jamiat-i-Islami era formado em sua maioria por membros Tadjiques do Norte e Oeste do Afeganistão. Surge tradicionalmente associado aos grupos *mujahedins* ao qual Massoud possui grande similaridade.

<sup>59</sup> Já o Hizb-i-Islami, foi um tradicional partido pashtun, criado, como o Jamiat-i-Islami, a partir da necessidade de enfrentamento dos grupos comunistas soviéticos na região. Após a queda do governo Najjibulah, estes grupos passam a disputar o poder através do recém criado vácuo de autoridade na região. O Hizb-i-Islami foi amplamente financiado pelos EUA e Arábia Saudita na luta contra os soviéticos, ao passo que com a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão continuo sendo financiado pelo governo paquistanês que temia a ascensão de um grupo não pashtun na condução do país como um possível rival regional.

itself. Hekmatyar was so fixated on seizing national power that he placed his troops on the outskirts of the capital and never left, leaving civil administration to his local commanders, wherever they happened to be. Not only were the most important towns and cities of the east, Jalalabad, Khost, Ghazni, and Gardez, not under Hekmatyar's direct control, they were held by men whose loyalties were first to themselves.” (BARFIELD, 2010, pág. 254).

Tradução livre: Rabbani pode ter sido presidente do Estado Islâmico do Afeganistão, mas seus decretos não iam para além do palácio. Seu rival Hekmatyar comandou um poderoso exército na tentativa de derrubá-lo, mas foi um exército que não controlou uma região em si. Hekmatyar estava tão fixado em tomar o poder nacional que colocou suas tropas nos arredores da capital e nunca mais saiu, deixando a administração civil para seus comandantes locais, onde quer que acontecessem de estar. Não eram apenas as vilas e cidades mais importantes do leste, Jalalabad, Khost, Ghazni e Gardez, que não estavam sob o controle direto de Hekmatyar, estas eram comandadas por homens cuja lealdade era primeiro consigo mesmos.

De fato, o frágil sistema de alianças no Afeganistão sempre levou em conta o oportunismo de seus diferentes líderes, muito mais do que qualquer outro tipo de ideologia, nacionalismo ou religião.

“In Afghanistan, opportunism could always be counted on to undermine any other ‘ism’ (islamism, nationalism, socialism, etc) in this fight.” (BARIELD, 2010, pág. 253).

Tradução livre: No Afeganistão, oportunismo pode sempre ser considerado para minar qualquer outro “ismo” (islamismo, nacionalismo, socialismo, etc) nesta luta.

Para além do frágil sistema de alianças, o Afeganistão está também marcado por diferentes territorialidades, que sobrepostas e indeterminadas geraram um amplo espaço para conflitos. Concebendo as territorialidades como espaços em disputa, pode-se retomar a antiga ideia de Camille Vallaux, para quem a fronteira é mais uma zona de tensões que uma linha traçada no mapa. Naturalmente, como em qualquer tempo de guerra, as fronteiras sofrem alterações, se tornam mais fluídas, desrespeitadas. A respeito das fronteiras Vallaux irá considerar:

“Toda zona desta natureza, quando é real e viva, sejam quais forem seus traços físicos, ou ainda quando não tenha nenhum, é um campo de contato de onde se elevam a um alto grau de tensão vital as forças organizadas dos Estados sob as formas militares, econômicas, intelectuais e morais.” (VALLAUX apud MESSIAS, 2016, pág. 54)

Neste sentido, a consideração das diversas territorialidades nos oferece um panorama a respeito das relações espaciais no Afeganistão para o momento:

“By 1993, the country was divided into regions that closely matched the provinces of nineteenth-century Afghanistan. Ismail Khan secured Herat and the west (including Badghis, Farah, and Ghor). Dostam ruled the north from Mazar in alliance with the Hazara Hizb- i- Wahdat and the Ismailis in the Baghlan. Masud controlled Kabul and the northeast. The Nangarhar shura in Jalalabad led by Haji Qadir oversaw the east, while the southeast was divided between Jalaludin Haqqani in Paktia and Mulla Naqibullah Akhund in Qandahar. Unlike the failing state of Yugoslavia that was collapsing into ever-smaller ethnic states at the same time, however, even in this weak condition Kabul was never challenged by regional or ethnic separatist movements. No Afghan leader saw

the collapse of central power in Kabul as an opportunity to seek independence. Instead, the regions backed one of the two major contenders for national power: Rabbani and Masud's Shura Nazar (Supervisory Council), or Hekmatyar's Shura-i-Hamabangi (Coordination Council). While this division is often described as strictly regional and ethnic, it was not. Although seeking Pashtun hegemony, Hekmatyar recruited Dostam's Uzbeks and Mazari's Hazaras as allies to buy time against Masud and Rabbani. Similarly, the divisions among the Pashtuns were strong enough to undermine any attempt to unite them under a single leader." (BARFIELD, 2010, pág. 253)

Tradução livre: Em 1993, o país foi dividido em regiões que se aproximavam das províncias do Afeganistão do século XIX. Ismail Khan garantiu Herat e o Oeste (incluindo Badghis, Farah e Ghor). Dostam governou o norte de Mazar em aliança com o Hazara Hizb-i-Wahdat e os ismaelitas em Baghlan. Massoud controlava Cabul e o Nordeste. O Shura de Nangarhar em Jalalabad liderada por Haji Qadir supervisionava o leste, enquanto o sudeste foi dividido entre Jalaludin Haqqani em Paktia e Mulla Naqibullah Akhund em Qandahar. Ao contrário do Estado falido da Iugoslávia que estava desmoronando em estados étnicos cada vez menores ao mesmo tempo, no entanto, mesmo nessa condição fraca, Cabul nunca foi desafiada por governos regionais ou movimentos étnicos separatistas. Nenhum líder afegão viu o colapso do poder central em Cabul como uma oportunidade para buscar a independência. Em vez disso, as regiões apoiaram um dos dois principais candidatos ao poder nacional: Rabbani e Masud's Shura Nazar (Conselho Supervisor), ou Hekmatyar's Shura-i-Hamabangi (Conselho de Coordenação). Embora esta divisão seja frequentemente descrita como estritamente regional e étnica, não era. Embora buscando a hegemonia pashtun, Hekmatyar recrutou os uzbeques de Dostam e os hazaras de Mazari como aliados para ganhar tempo contra Masud e Rabbani. Da mesma forma, as divisões entre os pashtuns eram fortes o suficiente para minar qualquer tentativa de unir-los sob um único líder.

Como pode-se observar o complexo mosaico referente ao período 1992 – 1996, representa as diversas relações conflituosas no Afeganistão, onde, longe de serem étnicas, as distinções entre os diferentes grupos se davam através de certos interesses regionais. Esta divisão do país jamais levou de fato a um processo de separatismo, não se buscou de fato consolidar, como no caso da Iugoslávia, uma divisão do país em unidades nacionais menores. No entanto, tal conflito entre diferentes grupos foi sempre explorado por potências estrangeiras como fator de desestabilização. As raízes para o conflito civil ocorrido durante o período 1992 – 1996 deve ser, portanto, explorado a partir dos financiamentos soviéticos e estadunidenses ocorridos desde 1979.

O que se tem para o período de guerra civil é apenas uma rememoração desses períodos anteriores, resultado de amplos financiamentos e do vácuo de poder deixado pelo fim da intervenção soviética em 1991.

O desfecho do período de conflitos será resultado a ascensão de um regime fundamentalista, estrangeiro (como quase todos os afegãos), treinados em terras estrangeiras e recrutados em campos de refugiados, estudiosos entusiastas do Islã, os chamados "estudantes" ou "talibã", assumirão o poder do país no período sequente.

## 10. A ASCENSÃO TALIBÃ (1996 – 2001): CABUL OU MECA? O TALIBÃ ASSUME O AFGANISTÃO.

“Mullah Omar took the title of Amir-ul Momineen (‘Commander of the Faithful’) of the Islamic amirate of Afghanistan. His authority was absolute because obeying his commands was religiously obligatory—a demand by God (fardh), resistance to which merited execution. The Taliban saw themselves as returning to the early days of Islam, in which the community was ruled by a small council of religious leaders.” (BARFIELD, 2010, pág. 261)

Tradução livre: Mulá Omar assumiu o título de Amir-ul Momineen (“Comandante dos Fiéis”) do emirado islâmico do Afeganistão. Sua autoridade era absoluta porque obedecer a seus comandos era religiosamente obrigatório - uma exigência de Deus (fardh), resistência à qual merecia execução. O Talibã se via retornando aos primórdios do Islã, em que a comunidade era governada por um pequeno conselho de líderes religiosos.

Para compreendermos o momento que se segue a guerra civil, devemos retomar a origem de um grupo fundamental: o Talibã. Deve-se ter em mente as condições materiais, estas que convergiram na formação de um grupo fundamentalista.

O Islã não possui, no conjunto de suas condições, qualquer caminho que leve em direção ao fundamentalismo. O fundamentalismo é resultado de certas condições materiais que estimulam o ódio entre os integrantes de um dado grupo. A *jihad*, tradicionalmente como conhecemos, foi evocada nos períodos iniciais do Islã, onde a perseguição da crença muçulmana era norma entre os povos ocupantes da península arábica. Trata-se simplesmente do direito sagrado de defender sua comunidade contra aqueles que buscam destituí-la (AL-KHAZRAJI, 2014). Isto se expande para o mundo medieval no direito de defesa do mundo muçulmano contra a cristandade e, para além, no mundo contemporâneo, surge como direito de defesa de sua comunidade.

No entanto, para entendermos o Talibã, devemos recuperar o conjunto de suas condições materiais que estão para além das questões religiosas. O chamado “extremismo” Talibã está associado a uma pauta que é muito mais social que religiosa, a religião surge como pano de fundo para questões locais de maior importância.

Fato é que o Talibã não surge em meio a processos de repressão de sua doutrina religiosa, na verdade, é resultado de um povo que, humilhado pelos amplos conflitos ocasionados pela disputa entre URSS e EUA em seu território, oferecem uma alternativa messiânica aos seus problemas.<sup>60</sup> De fato, a principal característica psicológica deste movimento é caracterizada

---

<sup>60</sup> Este processo é muito habitual e representa uma característica psicológica comum, o fato de que o pai primordial, na ausência de outras possibilidades, retorna por meio de visões e mandamentos em auxílio a comunidade ameaçada. A ausência de qualquer outra possibilidade frente à uma situação devastadora estimula, portanto, uma certa psicologia que vê no pai primordial (Deus), uma salvação final. Movimentos desse tipo são retratados no Brasil, como a famosa revolta de canudos, documentada por Euclides da Cunha em Os Sertões, além de em outras

pelo messianismo, enquanto, por outro lado, as condições materiais compõem o extremo pauperismo resultado do longo conflito em seu território: fome, perseguição, falta de moradia, migrações forçadas, ausência de líderes responsáveis, etc. Tudo isto converge no sentido do estímulo de uma certa personalidade para o grupo Talibã marcada pelo fundamentalismo religioso.<sup>61</sup>

O fundamentalismo surge assim como uma maneira de forçosamente cultivar uma certa personalidade de extrema vigilância e ordem, no cultivo de uma personalidade severa e autoritária num país que passou por uma sequência de conflitos ao longo de, naquela altura, dezessete anos (1979 – 1996).

Não se pode atribuir, portanto, qualquer tipo de extremismo ou fundamentalismo quando se trata de grupos muçulmanos, sem se considerar o gigantesco peso de sua vida material e os impactos em sua vida psicológica.

Para além do peso psicológico e material, deve-se ater também ao peso ideológico. Os muçulmanos xiitas, por exemplo, surgem como tradicionais extremistas, isto porque estão associados aos iranianos que, após a revolução de 1979, passam a ser vistos como fanáticos aos olhos norte-americanos, isto a despeito do fato de que os estadunidenses promoveram uma série de intervenções em seu país, intervenções sempre acompanhadas de: assassinatos, conflitos, aumento da pobreza, etc. Os valores se invertem para as grandes potências. A civilização é um discurso do opressor para garantir a defesa moral de seus valores terroristas.

Ideologicamente tem-se então a formação de certos quadros que, acompanhados de uma série de preconceitos, trata de caracterizar grupos guerrilheiros como o Talibã como terroristas, a despeito do fato de que durante décadas os EUA financiaram grupos fundamentalistas islâmicos e sua atuação no Afeganistão. Tal cegueira ideológica não nos permite, na maior parte das

referências cinematográficas como em Deus e o Diabo na Terra do Sol, de Glauber Rocha (1964). São também retratados na bibliografia psicanalítica, como em Totem e Tabu (1913) e o futuro de uma ilusão (1927), de Sigmund Freud.

<sup>61</sup> Não é de se espantar que o grupo Talibã tenha proibido uma série de festividades ao assumir o controle do Afeganistão. Sua personalidade é de fato uma personalidade triste, acostumada a vida monótona dos mosteiros islâmicos e aos amplos e duradouros conflitos.

“The Taliban banned all forms of entertainment, especially music, and attempted to eliminate all images of living things (going so far as to black out pictures of cows on imported cans of dried milk). They drove women from all public arenas, banned their education, and enforced a strict code of veiling and seclusion.” (BARFIELD, 2010, pág. 261).

Tradução livre: O Talibã baniu todas as formas de entretenimento, especialmente música, e tentou eliminar todas as imagens de seres vivos (cheirando a apagar imagens de vacas em latas importadas de leite em pó). Eles expulsaram as mulheres de todas as arenas públicas, proibiram sua educação e aplicaram um código estrito de véu e reclusão.

vezes, enxergar as raízes do chamado terrorismo, e nos leva a caracterizar erroneamente certos grupos como o Talibã a partir de perspectivas superficiais.

Para compreendermos a história do Afeganistão se faz necessário abandonar esta série de preconceitos produzidos propositalmente no Norte do mundo, e acessar um nível de consciência mais amplo através de um olhar sóbrio a respeito de sua formação. Neste sentido, devemos recuperar a história Talibã desde os seus primórdios.

De acordo com o próprio movimento, estes se formaram em 1994, em Qandahar, em resposta à falha dos líderes *mujahedins* na garantia de defesa espiritual e material da população local. Como se pode ver, o vácuo de poder ocasionado pela guerra civil, onde cada líder se responsabilizava apenas, praticamente, pelo quinhão de território diretamente ocupado, abriu espaço para o desenvolvimento de grupos mais autoritários e extremamente centralizados como era o caso do Talibã.

Em sua origem, o movimento foi formado a partir de uma comunidade de estudante de doutrina salafista<sup>62</sup>, que buscavam recuperar o Afeganistão, sua terra sagrada, das mãos daqueles que o deturpavam. Esta retomada da terra sagrada incluía uma profunda reforma política e religiosa.

O messianismo se faz presente na ideia de terra sagrada, idealizada por jovens afegãos que nunca a tinham observado de fato. A vida dura e cheia de imprevisões permitia um certo nível de idealização da terra que resolveria todos os problemas, a partir da qual se poderia reconstruir uma nova sociedade sobre novos moldes<sup>63</sup>. A luta pela garantia de uma terra sagrada motivou a renovação do entendimento da *jihad*, assim sendo, mesmo na luta contra outros grupos muçulmanos, a *jihad* se renova a partir da ideia de, além do reforço das escrituras sagradas, a produção de uma nova terra livre dos muçulmanos que através de décadas em luta a deturparam.

Contrariamente aos outros grupos *mujahedins* do Afeganistão, o Talibã era formado generalizadamente por grupos jovens estudantes recrutados em grande parte nos campos de refugiados. Sua educação, estritamente e severamente religiosa, ocorria num ambiente ultra masculino e conservador, daí pode-se deduzir a dificuldade Talibã no trato com as mulheres,

<sup>62</sup> O Salafismo trata-se de um movimento ultra conservador e ortodoxo de doutrina sunita. No Afeganistão o Salafismo ganhará certos contornos específicos com o governo Talibã.

<sup>63</sup> Historicamente esta característica psicológica surge em diversos momentos, ao longo da Idade Média (476 d.c. – 1453 d.c.) através da ideia de Terra Santa (Jerusalém), ao longo da colonização com a Ideia de Novo Mundo, principalmente a sociedade estadunidense surge fortemente influenciada pelo destino manifesto da nação, e, no caso brasileiro, canudos assume a ideia de terra sagrada, que viria a redimir os pecados do povo sertanejo e levá-los em direção a fartura. Esses movimentos, para além das questões psicológicas, cumprem necessidades ideológicas importantes, como a garantia de coesão do grupo e aumento da moral.

sempre distantes de seu ambiente cotidiano de formação. Da própria característica do grupo, formado amplamente por estudantes, surge o termo “talibã” que significa justamente “estudante”, no caso, estudante da doutrina islâmica.

Naturalmente os campos de refugiados eram propícios ao recrutamento de jovens desesperados que, atraídos pela ideia de um novo mundo, com base na severa ordem da doutrina islâmica, se lançam desesperadamente em lutas por todo o território. Foi a condição de uma vida desesperada e dura, somada à promessa de um mundo melhor, que fez com que diferentes jovens pegassem em armas e lutassem por seu líder Mullah Omar.

“The past is idealized because the present is so miserable and the future is so uncertain. Groups with extreme messages, whether their ideologies are political, ethnic, or religious, galvanize their followers not only with the visions of reclaiming a lost homeland but also of then transforming it. Refugees in Afghanistan did better than most. They experienced a tactical victory when the Soviets withdrew and in theory could return to their homeland.” (BARFIELD, 2010, pág. 256).

Tradução livre: O passado é idealizado porque o presente é tão miserável e o futuro tão incerto. Grupos com mensagens extremas, sejam suas ideologias políticas, étnicas ou religiosas, galvanizam seus seguidores não apenas com a visão de recuperar uma pátria perdida, mas também de transformá-la. Os refugiados no Afeganistão se saíram melhor do que a maioria. Eles experimentaram uma vitória tática quando os soviéticos se retiraram e, em teoria, poderiam retornar à sua terra natal.

É a partir do descontentamento de seu grupo de estudantes que Mullah Omar irá estimular um forte movimento de revolta em Qandahar que será responsável por desestabilizar os líderes *mujahedins* da região e, por consequência, assumir seu lugar. O controle de Qandahar é o pontapé inicial para início das atividades Talibã. Daí surgem duas teorias a respeito do surgimento, se por um lado se defende que o forte pauperismo estimulou tal tomada de decisões, por outro se entende que o Paquistão, descontente com as ações de Hekmatyar na luta contra seu oponente Rabbani, buscou consolidar um movimento alternativo em busca de sua substituição. Neste sentido, os Talibã cumpririam a função que o Paquistão não havia conseguido cumprir através da procura dada à Hekmatyar, ou seja, estabelecer no país um governo alinhado aos interesses paquistaneses, preferencialmente de origem pashtun.

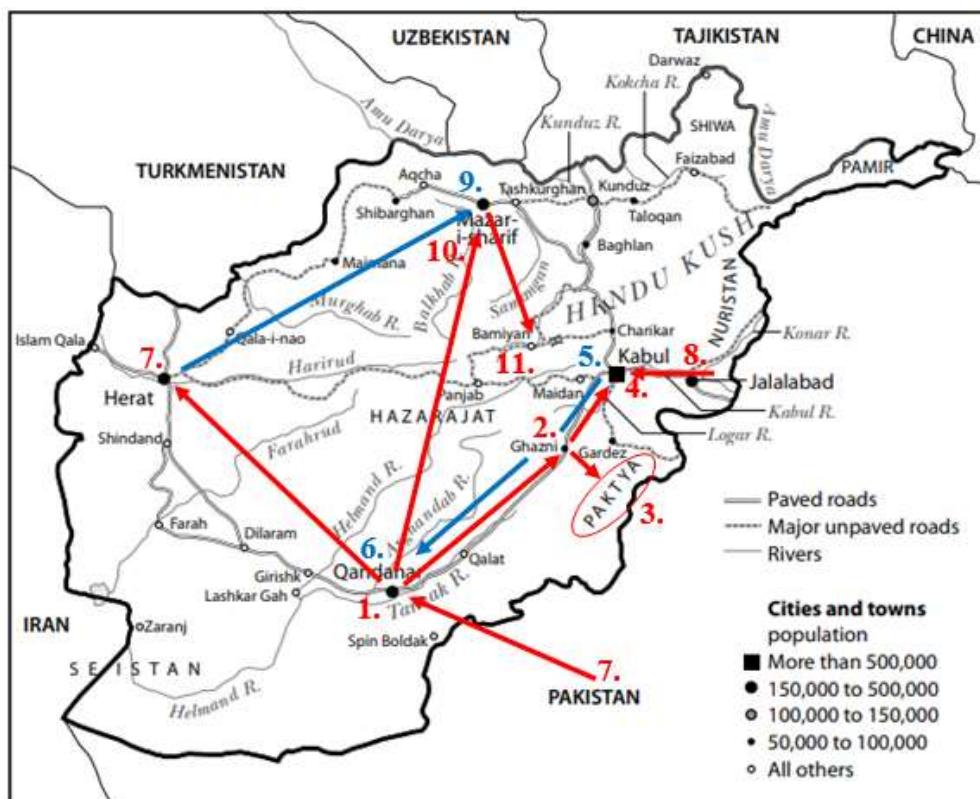
Não se pode dizer que ambas as teorias são necessariamente contraditórias, na verdade, estas se complementam. De um lado o extremo pauperismo, as condições sociais em que viviam estes estudantes, foram fundamentais para estimular um forte sentimento de revolta, o que fez emergir o grupo Talibã, este que seria continuamente financiado pelo próprio Paquistão numa luta que incluiria Hekmatyar como um de seus inimigos.

Ao sul do Talibã, entre os grupos pashtuns, gozava de imensa popularidade, através de sua ideia de proteção e ordem, muitos pashtuns passam a aceitar a sua governança. Rapidamente, os Talibã, a partir de Qandahar, anexam a província de Helmand, esta, por sua vez, rica em ópio,

o que lhes garante uma poderosa receita gerada a partir do comércio internacional de drogas. Seu movimento ganha número considerável de adeptos o que os leva a estabelecer uma verdadeira empreitada contra o resto do país. A expansão em Qandahar se expande e rapidamente, no ano seguinte (1995), o grupo assume o controle Ghazni, cidade ao norte de Qandahar. Com Ghazni o grupo passa a assumir a autoridade ao leste do país, controlando as áreas pashtuns de Paktia e Paktika. Em março do mesmo ano o grupo cerca a capital Cabul, com ajuda do grupo Hizb-i-Wahdat, sofrendo um forte impacto no confronto contra as tropas de Massoud, mais preparadas para o conflito. No seu processo de retirada os Talibãs são atacados por Ismail Khan pelo Oeste, forçando uma retirada para Qandahar. Em agosto deste ano os Talibãs conduzem um ataque, desta vez à importante cidade de Herat no oeste do país. Em 1996 o Talibã assumiu o controle de Cabul, derrotando as tropas de Massoud. Em 1998 o grupo assume o comando de Mazar-i-sharif através de uma coalização jihadista internacional e outros guerreiros locais. Em 1998 o grupo assume o controle de Bamiyan, terra dos hazaras, garantindo o controle do país, com exceção do território ao nordeste, onde as tropas de Massoud resistem até o ano de 2021. Pode-se observar o conjunto dos movimentos do grupo através do mapa a seguir, adaptado da obra de Barfield.

### Mapa da expansão Talibã, adaptado com base nos estudos de Thomas Barfield<sup>64</sup>

1. (1994): Talibã toma o controle de Qandahar
2. (1995): o grupo se desloca para o norte tomando Ghazni no final de janeiro de 1995.
3. (1995): o grupo assume o controle das áreas pashtuns de Paktia e Paktika.
4. (março de 1995): os Talibã cercam Kabul com ajuda do Hizb-i-Wahdat.
5. (1995): Talibã perde a batalha e bate em retirada para o sul, matando o tradicional inimigo de Massoud, o hazara Mazari, estimulando uma alcunha de pouco confiáveis, além do eterno ódio hazara.
6. (1995) Ismail Khan ataca os Talibã pelo Oeste, forçando uma retirada para o Qandahar.
7. (agosto de 1995): O Talibã emite ordem de recrutamento para novos conscritos no Paquistão, preparando um contra-ataque que quebra as defesas de Herat. No mês seguinte, asseguram o comando de Herat. Assim, asseguram o controle do sudoeste e oeste afegão.
8. (1996): um ataque talibã pelo Leste consegue derrotar as tropas de Massoud em Kabul, que evaca suas tropas sem grandes baixas.
9. (maio de 1997): o Talibã conduz um ataque ao norte do Afeganistão a partir de suas bases nordestes. No cerco de Mazar-i-sarif decidem atirar contra os distritos hazaras da cidade. Além da forte reação dos grupos armados hazaras da cidade, ao saber do incidente, seus aliados usbeques se revoltam e enfrentam as forças Talibã.
10. (agosto de 1998): após a derrota Talibã durante a ocupação de Mazar-i-sharif em maio de 1997, o grupo retorna à cidade guarnecido por guerrilheiros jihadistas internacionais de várias origens (usbeques, árabes, chechenos, etc.), retomando a cidade com apoio de grupos pashtuns locais. Durante a ocupação massacam grande parte da população hazara.
11. (setembro de 1998): Talibã assume o controle de Bamiyan, assumindo o controle da região hazara em sua totalidade, além de todo o país com exceção do nordeste onde o brilhante estrategista Massoud conduziu uma resistência solitária ao longo dos outros três anos (1999, 2000 e 2001), quando encontrou sua morte, três dias antes dos famigerados ataques do 11 de setembro.



Map 7. Contemporary Afghanistan

<sup>64</sup> BARFIELD, 2010, pág. 270. Em vermelho: vitórias Talibã, em azul: derrotas Talibã.

Ao longo dos anos 1994 – 1998, portanto, o Talibã age continuamente no território afegão e, entre processos de expansão e retração, ocupa diferentes parcelas do território. Considera-se o período Talibã como o oficial a partir de 1996, apenas porque é neste ano em que o grupo consegue assegurar o controle de Cabul, assim demonstrando uma alteração na dinâmica de poder na região. No entanto, fato é, que mesmo Cabul não representa, do ponto de vista administrativo, a grande cidade para os Talibã, mas sim Qandahar, de onde Mullah Omar, representante supremo do grande poder central, emitia suas ordens, que deveriam ser obedecidas, sob pena de morte, por seus diversos seguidores espalhados pelo país.

Contudo, o poder Talibã só viria a se oficializar de fato a partir de 2001, isto porque até o dia 09 de setembro de 2001, ainda se mantinha a forte resistência da Aliança do Norte, encabeçada por Massoud, o Napoleão afegão. Sozinho, Massoud conduziu uma forte resistência contra o grupo e, através de estratégias de combate refinadas, foi capaz de assegurar o nordeste afegão para seu grupo até o fatídico ano de 2001. Três dias após sua morte ocorreram os atendados das torres gêmeas (11 de setembro de 2001) nos EUA. Massoud morre vítima de um atentado suicida promovido pela Al-Qaeda e o Talibã.

Durante a ocupação Talibã, oficialmente considerada a partir da tomada de Cabul em 1996, mas, como já vimos, decorrente de um processo anterior. Se buscará reconstruir o antigo sonho Talibã, uma verdadeira Meca do século VII d.c. na Ásia Central, um modelo de vida baseado na lei islâmica, no ultraconservadorismo, onde penas de morte, amputação de membros, perseguição a homossexuais, repressão dos direitos femininos e sexuais em geral, serão a regra para o país. Ainda assim se faz necessário observar a realidade afegã com a devida cautela de um olhar para um país que historicamente conduziu uma série de processos contraditórios e culminou na ascensão de diferentes líderes e ideologias. O olhar ocidental para o Afeganistão tende a observá-lo a partir do Talibã como o regime mais retrógrado possível. Fato é que o julgamento linear em história é um grave erro e que a análise ocidental de países orientais geralmente se realiza a partir de uma série de preconceitos. Deve-se observar o conjunto de características da sociedade afegã que culminaram na ascensão do governo Talibã e, acima de tudo, garantir o necessário respeito às reivindicações locais de seus habitantes<sup>65</sup>. Fato é que em

---

<sup>65</sup> A consideração das petições nacionais deve ser o nosso guia para esta situação. Quando da revolução iraniana de 1979, a mídia ocidental conduz severos ataques aos seus movimentos, estes são caracterizados como bárbaros e retrógrados, a situação das mulheres é observada com grande calamidade. No entanto, ao mesmo tempo, além de se encobrir as práticas estadunidenses verdadeiramente bárbaras, se esquece do fato de que as próprias mulheres, muitas vezes, foram protagonistas dos movimentos que elegeram Khomeini como líder do Irã. De fato, as próprias mulheres, muitas vezes vistas como vítimas da revolução de 1979, foram verdadeiras protagonistas. O que não exclui o fato de que muitas outras, contrárias ao regime, sofreram seus desgastes. O guia desta discussão deve ser,

sua maioria as grandes cidades rejeitam a presença Talibã, enquanto que nas regiões mais interiores do país estes são mais bem vistos. A eterna contradição entre o espaço rural e urbano, há muitos anos exemplificada pela luta entre Khalqis e Parchams, continua viva, através de um espaço urbano que, na medida de sua modernização, é mais liberal e um espaço rural que, submetido aos tempos mais lentos, mantém certa dose de conservadorismo.

## **11. A OCUPAÇÃO AMERICANA (2001 – 2021): DA DOUTRINA BUSH E GUERRA AO TERROR À LUTA SATURADA.**

“Os Estados Unidos respeitam o povo do Afeganistão - somos, afinal, a maior fonte de assistência humanitária ao país -, mas condenamos o regime do Taleban. Não apenas os seus líderes reprimem o povo que governam como ameaçam outros povos ao abrigar e abastecer terroristas. Ao auxiliar e facilitar homicídios, o regime do Taleban está ele mesmo cometendo homicídios.

E esta noite, os Estados Unidos da América fazem as seguintes exigências ao Taleban: que entreguem às autoridades norte-americanas todos os líderes da Al Qaeda que se ocultam em seu território.

Que libertem todos os cidadãos estrangeiros, entre os quais norte-americanos, detidos injustamente. Que protejam os jornalistas, diplomatas e trabalhadores de assistência estrangeiros que trabalham em seu país. Que fechem imediata e permanentemente todos os campos de treinamento de terroristas no Afeganistão, e entreguem todos os terroristas e todas as pessoas que lhes prestam apoio, às autoridades adequadas.

Que deem aos Estados Unidos pleno acesso aos campos de treinamento de terroristas de modo a que possamos garantir que estes já não estejam operando. Essas exigências não estão abertas a negociações ou discussão.”

- Discurso de George W. Bush, após os atentados 11 de setembro, 2001.

Para compreendermos o projeto de construção do Estado Norte Americano durante o governo George W. Bush, necessitamos recuperar, além do contexto geográfico-histórico estadunidense, o conjunto de suas teorias para geopolítica mundial. A política de contenção do terror, proclamada pela doutrina Bush, traz à tona uma série de intervenções ao longo da região conhecida como oriente médio e sua área expandida, que inclui os países muçulmanos não árabes da Ásia Central.

“Com o desenvolvimento da atividade bancária e sua concentração em poucos estabelecimentos, os bancos se alçam, de modestos intermediários, a monopolistas onipotentes, que dispõem de quase todo o capital monetário do conjunto dos capitalistas e pequenos proprietários, bem como da maior parte dos meios de produção e das fontes de matérias-primas de um dado país ou de uma série de países. Essa transformação de numerosos modestos intermediários em um punhado de monopolistas constitui um dos processos fundamentais da escalada do capitalismo ao imperialismo capitalista e, por isso, devemos nos

---

antes de tudo, o direito à autodeterminação dos povos, e isto inclui a não intervenção ocidental em países não alinhados aos sistemas de democracia, liberalismo e capitalismo.

deter, em primeiro lugar, na concentração da atividade bancária.” (LÊNIN, 2021, pág. 51)

A partir de Lênin podemos observar a grande importância dos bancos na nova fase entendida como estágio superior do capitalismo: o imperialismo. Mas se para Lênin, o imperialismo é compreendido como a fase superior do capitalismo, temos de concordar com Milton Santos, para quem a globalização é a fase superior do imperialismo<sup>66</sup>.

A transição do capitalismo industrial, característico do século XIX, para o capitalismo financeiro do século XX, representa a transição do capitalismo de seu estágio industrial inferior, para o capitalismo financeiro imperialista de seu estágio superior<sup>67</sup>. Lênin irá considerar a guerra Hispano-Americana de 1898 como o marco da primeira guerra imperialista da história. Assim, as pretensões norte-americanas em relação à dominação territorial do mar do caribe ficam expressas através da emenda Platt (1901), que torna Cuba um protetorado norte americano. Outro marco fundamental a ser considerado é o conflito anglo-bôer (1899-1902), onde as pretensões inglesas de conquista da África do Sul são acompanhadas de grande violência<sup>68</sup>.

Estes marcos que surgem, de um lado, do ponto de vista financeiro e, de outro, do ponto de vista militar, são fundamentais para compreender esta fase superior do capitalismo. De um lado, a consolidação dos monopólios, trustes e cartéis, compreende um longo processo que, entre 1860 e 1903, consolida definitivamente o capitalismo em sua fase superior, de outro, as guerras mencionadas anteriormente, com destaque a guerra 1898, também marcam este novo período da sociedade produtora de mercadorias. Assim, se de uma forma, o imperialismo deve ser concebido em sua dimensão militar, este também deve ser concebido em sua dimensão econômica. Grande erro cometemos se considerássemos o imperialismo a partir da simples ocupação militar dos territórios por potências estrangeiras. Os próprios métodos de dominação

<sup>66</sup> Fala proferida pelo professor Milton Santos no clássico programa televisivo brasileiro: roda viva, tv cultura, exibido em 31/03/1997. O programa pode ser acessado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xPfkiR34law>>.

<sup>67</sup> A respeito desta transição vale a observação de Lênin a respeito do processo de concentração dos monopólios industriais característicos do final do século XIX e século XX. Em sua observação o autor destaca o importante processo de concentração e centralização do capital, observados por Marx como tendência geral do capitalismo. Este processo havia se dado em três fases: 1. A primeira fase havia se dado entre 1860 e 1870, onde o autor destaca o auge dos processos de livre concorrência; 2. Período marcado pela crise de 1873, considerada como uma das grandes primeiras crises do capitalismo e predecessora direta da crise de 1929. Neste ponto a crise tem como resultado os processos de intensificação de acumulação e concentração de capital. Assim podemos considerar o pós 1873 como o período germinativo da formação dos cartéis e monopólios; 3. A crise de 1900 a 1903 representou a consolidação dos cartéis e monopólios no mundo capitalista. Assim, Lênin dirá: “O capitalismo se transforma em imperialismo”. (LÊNIN, 2021, pág. 41).

<sup>68</sup> Destacasse aqui a formação dos primeiros campos de concentração da história, que, mais a frente, servirão de base para o projeto de extermínio e eugenia social nazista.

dos territórios não seguem mais as ocupações diretas vistas como extremamente dispendiosas<sup>69</sup>, apesar de que, no caso norte americano, muito nutritivas ao setor especulativo armamentista.

O imperialismo deve ser observado em suas duas dimensões: econômica e militar. De fato, podemos até garantir certa autonomia entre a dimensão econômica e a dimensão militar<sup>70</sup>, compreendendo que nem sempre as guerras permitem ou estão de acordo com os princípios de acumulação e centralização capitalista. Este sentido nos surge como fundamental uma vez que nos permite compreender o próprio caso Afeganistão a partir da importância da posição do seu território, algo que em sua aparência não surge relacionado aos princípios de acumulação capitalista.

No entanto, se em sua aparência, o caso afegão não surge, a princípio, como um caso importante na questão da acumulação e centralização capitalista estadunidense, em sua essência algo mais nos é revelado. Estamos certos de que, por fim, os interesses de acumulação capitalista são os fundamentos dessas grandes empreitadas, mesmo que esses fins não se realizem instantaneamente às guerras. Em meio a ampla bibliografia podemos citar alguns casos onde a observação dos autores os levou a compreender o processo de guerra no Afeganistão como um processo de grande perda econômica ou geopolítica para os EUA.

Tim Marshall, por exemplo, jornalista e célebre escritor de livros como: Prisioneiros da Geografia, de 2015. Em seu mais novo livro: O Poder da Geografia, ainda em vistas de ser publicado, em entrevista revela:

“Para Marshall, o mundo perdeu 20 anos de evolução da sua arquitetura geopolítica por conta dos atentados do 11 de setembro, já que os Estados Unidos voltaram suas atenções para a região do Irã, Iraque e Afeganistão. ‘A arquitetura do século 21 está sendo montada agora, 20 anos depois do que teria sido se os americanos não tivessem se concentrado no Iraque e no Afeganistão, por causa do 11 de setembro. Se não tivesse havido 11 de setembro, todas essas coisas já teriam acontecido’.” (MARSHALL apud ADMIN, 2021).

Afora as críticas que poderiam ser feitas em relação a sua visão determinista da história, já que considera um “atraso” histórico no século XXI, ou seja, comprehende que não se seguiu o roteiro determinado, podemos notar como Marshall identifica, ingenuamente, os acontecimentos relacionados a invasão do Afeganistão neste mesmo século. Essa ingenuidade, à primeira vista, é resultado da falta de observação geopolítica da região. A geopolítica, não raras vezes, perde

<sup>69</sup> Os processos conhecidos como guerras híbridas representam as novas tendências imperialistas de ataque e ocupação indireta no século XXI.

<sup>70</sup> Para esta discussão precisamos recuperar o livro de David Harvey: O novo imperialismo. Onde o autor problematiza as relações entre os interesses econômicos e interesses do Estado, reconhecendo que nem sempre as guerras seguem, de modo imediato, um modelo da razão de acumulação e centralização capitalista.

o seu conteúdo epistemológico na visão de certos autores despreparados para o tema e passa a ser tratada como mera questão de atualidade ou como a influência do espaço nos acontecimentos políticos. Contrariamente a tudo isso, fato é que a geopolítica possui seus autores e paradigmas, que também não raras vezes são completamente esquecidos. O geógrafo inglês, Halford Mackinder, por exemplo, será o precursor de um dos maiores paradigmas do pensamento geopolítico: o Heartland, enquanto seu predecessor estadunidense Nicholas Spykman, será o grande idealizador daquilo que compreendemos como Rimland. Apenas o fato de que o Afeganistão representa a porta de entrada e saída do Heartland e uma posição estratégica fundamental do Rimland, que, na visão de outro geopolítico, o ex-secretário de defesa norte americano do governo Jimmy Carter: Zbigniew Brzezinski, representa uma ponte para projeção de poder no Oceano Índico e golfo Pérsico, já é suficiente para considerar o tremendo erro na observação de Marshall.

No entanto, por agora, apesar da grande importância das questões relacionadas às teorias geopolíticas, vamos buscar compreender esses acontecimentos a partir de uma perspectiva geral. E novamente nos perguntar, será que a ocupação estadunidense do Afeganistão foi de fato uma grande perda econômica? A partir desta questão poderemos mais a frente desdobrar os modos pelos quais as intervenções militares, mesmo não garantindo lucro imediato, podem conduzir a processos de acumulação.

Continuando com as observações, desta vez destacamos o escritor, jornalista e historiador Tariq Ali. Neste, temos uma visão também pessimista acerca dos ganhos econômicos estadunidenses no Afeganistão:

“O fato é que, ao longo de vinte anos, os Estados Unidos não conseguiram construir nada que pudesse realmente resgatar sua missão. [...] Em um dos países mais pobres do mundo, bilhões eram gastos anualmente no ar-condicionado dos quartéis que abrigavam soldados e oficiais estadunidenses, enquanto comida e roupas eram regularmente transportadas de bases no Catar, Arábia Saudita e Kuwait.” (ALI, 2021)

Fato é que Tariq Ali, neste ponto estava se referindo às construções humanitárias no país. No entanto, seguindo a linha dos ganhos econômicos e deixando de lado a falsa intervenção humanitária norte-americana<sup>71</sup>, de fato, nada foi resgatado ao longo desses 20 anos de ocupação do país?

---

<sup>71</sup> Durante diversos momentos na história as intervenções norte americanas são justificadas a partir da ideia de ajuda humanitária. Na obra de N. Spykman, as intervenções norte-americanas seguem o princípio da garantia das instituições democráticas, que só podem ser mantidas a partir de territórios não unificados a partir de uma única potência, o que naturalmente favorece os EUA contra um inimigo maior. Neste sentido segue-se a já antiga

Neste ponto temos de concordar com Tariq Ali e reconhecer que do ponto de vista social, nada realmente foi construído. Além de manter no governo um presidente constantemente acusado de corrupção: Ashraf Ghani, que governou o país entre 2014 e 2021<sup>72</sup>, os EUA, por meio de sua intervenção favoreceram o aumento da miséria na região. Em Cabul uma enorme favela começa a ser construída, soma-se a isso, o desenvolvimento do comércio de ópio e heroína, antes controlado pelo Talibã (que proíbe o uso interno), que alcançou níveis jamais visualizados na história do país. A heroína afegã passou então, em 2021, a representar 90% do comércio mundial de drogas. (ALI, 2021). Além disso, a exploração sexual passou a patamares muito superiores aos anteriores de 2001. Apesar de nenhum número confiável ter sido divulgado a respeito do nível de exploração sexual no país, fato é que recorrentemente as tropas estadunidenses usam o estupro como prática contra “suspeitos de terrorismo”. (ALI, 2021).

Além disso, os números militares também impressionam. Na guerra conduzida contra o Afeganistão, foram enviados mais de 775.000 soldados estadunidenses. Destes, apesar do baixo número de mortos em relação a outras guerras: 2448, mais 4000 contratados, podemos contabilizar também 20.589 feridos. As mortes civis não são contabilizadas, mas estima-se que apenas no primeiro ano de invasão norte-americana, pelo menos 4.200 – 4500 civis foram mortos. Em 2021, a Associated Press informava que 47.245 civis haviam sido mortos por conta da ocupação, enquanto ativistas de direitos civis no Afeganistão estimavam essas mortes em pelo menos 100.000. (ALI, 2021).

As perspectivas mais generosas apontam ao menos o gasto de 1 trilhão de dólares ao longo da ocupação norte-americana do Afeganistão. No entanto, devemos retornar a nossa questão inicial

estratégia: dividir para conquistar. Sobre o Afeganistão, Hammond, ao comentar a respeito do contínuo auxílio estadunidense ao país, destaca também como princípio a questão humanitária, apesar de que também admite que o princípio da contínua ajuda, a despeito dos acontecimentos póstumos à revolução de Saur, que instaurou um governo comunista, tinha como princípio impedir que o Afeganistão fosse jogado de uma vez por todas nos braços da URSS.

“Bruce Flatin, que foi conselheiro político de Eliot, diz que a ajuda continuou, em larga margem, por motivos de ordem humanitária. ‘A política americana’, diz ele, ‘era ajudar os mais pobres dos pobres – nós queríamos ajudar o povo afegão’. Uma outra consideração que se poderia, aqui, levantar está na coleta de informações. Se a missão americana fosse reduzida em número, isso significaria menos olhos e ouvidos americanos observando desenvolvimentos no país e menos contatos com cidadãos afegãos” (HAMMOND, 1987, pág. 65)

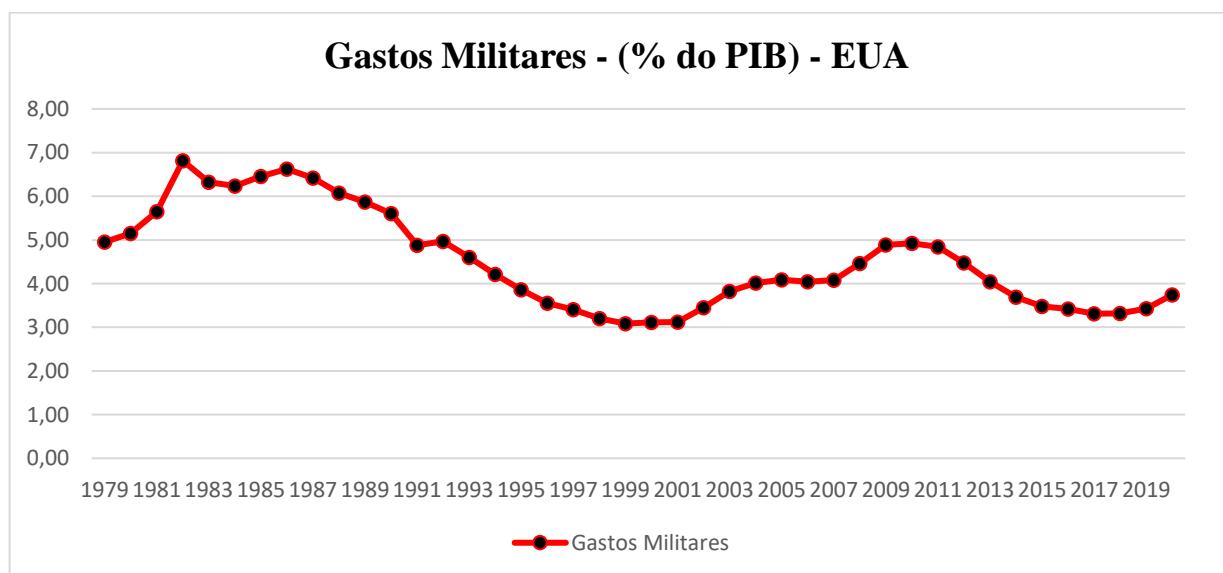
“Essa política – de ajuda econômica – fazia sentido, porque cortar unilateralmente aqueles programas conseguiria apenas estreitar as opções afegãs e jogar o governo do Afeganistão nos braços dos soviéticos.” (ELIOT apud HAMMOND, 1987, pág. 65) – grifo meu.

<sup>72</sup> Ashraf Ghani foi visto fugindo do país quando do cerco da capital Cabul, em agosto de 2021, acompanhado de quatro carros carregados com o dinheiro dos cofres nacionais, uma quantia estimada em 169 milhões de dólares. O presidente Ghani ficou imerso numa séria polêmica ao deixar na pista de pouso do aeroporto de Cabul uma quantia estimada em 5 milhões de dólares. As testemunhas do evento foram duas: um guarda-costas do presidente, e o embaixador afegão no Tajiquistão. Apesar do acontecimento, Ghani, já outras vezes acusado de envolvimento em casos de corrupção, negou o acontecimento. (ESCOBAR, 2021).

e considerar: de fato não houve lucro nesta empreitada? Devemos observar com cautela esses gastos, entendendo que, se por um lado há um rombo no orçamento público, de outro, alguns saíram ganhando, o que nos cabe então é buscar compreender os agentes que saíram privilegiados nestas empreitadas.

Se considerarmos a escalada de gastos do orçamento norte americano em relação ao seu complexo industrial militar (CIM), percebemos uma grande parcela de investimentos públicos no setor principalmente a partir de 2001.

**Gráfico 1 – Investimento no setor armamentista de acordo com o PIB**

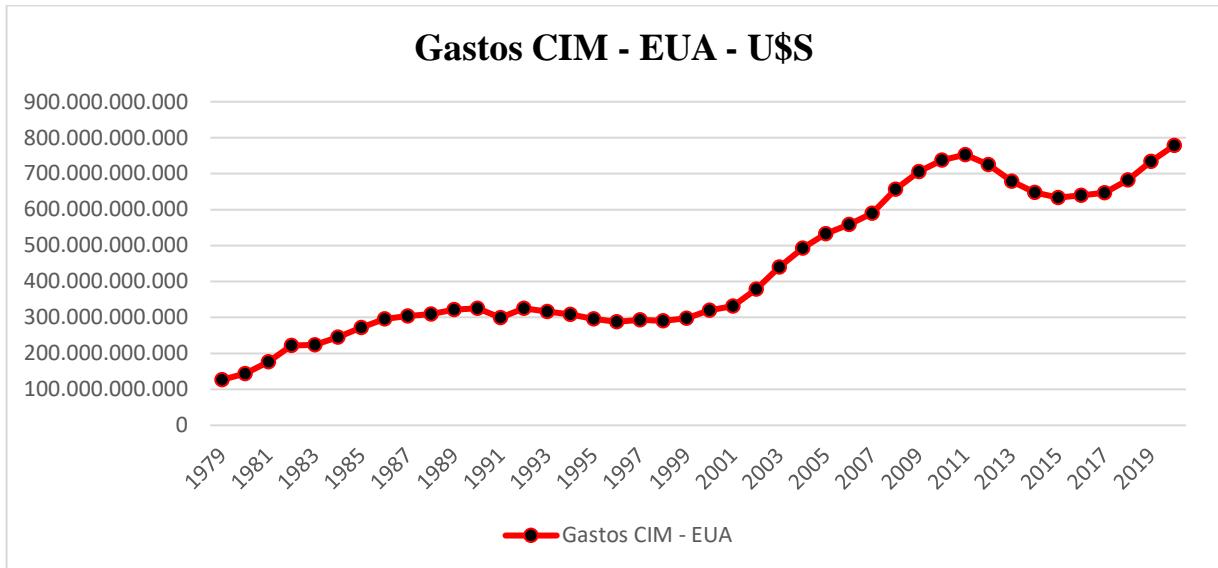


**Fonte:** Banco Mundial (World Bank Data), acesso em 14/01/2022. Produção própria.

Como podemos observar, a partir do ano de 2001 até o ano de 2010, são crescentes os gastos com o setor armamentista (complexo industrial militar) norte americano. Como podemos observar, a partir de 2001, os gastos com o setor chegam, em 2010, aos níveis de investimentos referentes ao final do período da guerra fria (1991). No entanto, para melhor observarmos esta dinâmica será necessário também considerarmos os gastos em valores absolutos.

Como podemos observar no gráfico que se segue, diferentemente do que somos levados a pensar, os gastos militares, em valores absolutos, ainda são maiores para o período (1979 – 2020). Isso nos indica que o setor armamentista norte americano se desenvolveu como um dos setores mais importantes do país, principalmente a partir de 2001. O lobby entre a indústria de armamentos e o governo norte americano é resultado direto da política de guerra ao terror desenvolvida pela doutrina Bush.

**Gráfico 2 – Investimento no setor armamentista em valores absolutos (U\$S)**



**Fonte:** Banco Mundial (World Bank Data), acesso em 14/01/2022. Produção própria.

O lobby entre Estado e empresas do setor armamentista como Lockheed Martin, BAE e Raytheon, se intensificou significativamente no período:

“[...] após o 11 de setembro de 2001, o CIM ampliou ainda mais sua influência na estruturação dos gastos militares dos Estados Unidos. O que torna necessário destacar que as corporações que fazem parte desse complexo, como a Lockheed Martin, BAE e Raytheon, dependem da venda de materiais bélicos para expandirem e consequentemente aumentarem seus lucros”. (MARTINEZ e SERVIDONE, 2019, pág. 131).

Na mesma linha de pensamento Pepe Escobar nos fornece a mesma visão:

“A ‘guerra eterna’ pode ter sido um desastre para o bombardeado invadido e empobrecido ‘povo afegão’, mas foi um retumbante sucesso para o que Ray McGovern tão memoravelmente definiu como o complexo MICIMATT (Militar-Industrial-Contra-Inteligência-Mídia-Academia-ThinkTank). Quem comprou ações da Lockheed Martin, da Northrop Grumman, da Raytheon e de outras empresas do setor de defesa dos Estados Unidos ganhou uma nota preta.” (ESCOBAR, 2021).

Percebemos então o impacto do setor armamentista nas decisões da política externa estadunidense. O lobby do complexo industrial militar norte americano chega a níveis alarmantes, os quais se mantêm ainda em 2021, em relação aos investimentos governamentais. Assim, é lógico pensar que a indústria armamentista norte-americana depende continuamente de conflitos internacionais, no sentido de o setor representa grande parte do PIB norte americano. A escala industrial decorrente deste setor pode atingir níveis muito altos e certamente representa um setor estratégico fundamental para o governo estadunidense.

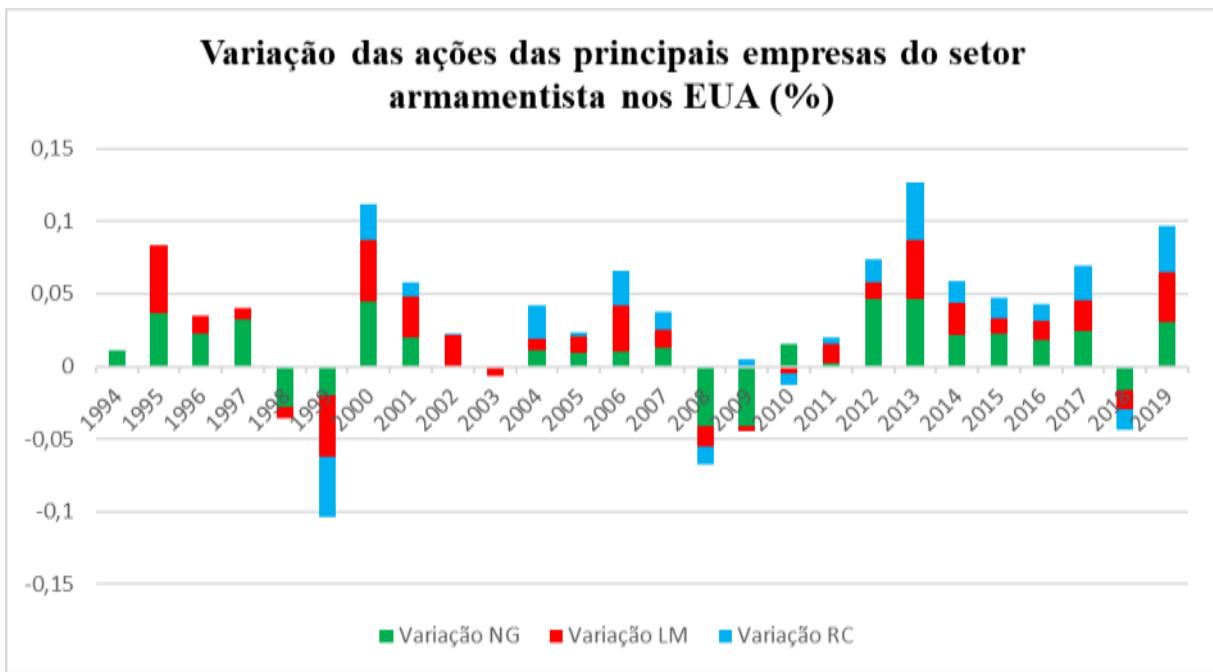
**Gráfico 3**

**Fonte:** Banco Mundial (World Bank Data), acesso em 14/01/2022. Produção própria.

Como podemos perceber, os índices de exportação de armamentos também crescem numa tendência geral positiva no período selecionado, atingindo os mesmos níveis do período da guerra fria: 1987; 2017. A queda de investimentos observada em todos os gráficos no ano de 2010, não só é tributária da crise de 2008, mas também resultado do anúncio do presidente Obama de retirada gradual de tropas americanas do Afeganistão e a consequente diminuição dos investimentos na região.

O setor armamentista certamente foi um dos que mais se beneficiou ao longo da invasão do Afeganistão. No gráfico que se segue (gráfico 6) podemos observar uma tendência geral de valorização das ações das principais defesas do ramo de defesa. A interpretação do gráfico nos permite observar que com exceção de 2003, 2008, 2009, 2010 e 2018, todo o século XXI foi marcado pela valorização dessas empresas. Apesar das variações, alguns períodos se destacam pela variação positiva das ações, como: 2000 – 2002; 2004 – 2007; 2011 – 2017. Todos os períodos marcados por variações positivas representam superávits para essas empresas, independente se a variação foi maior ou menor do que o período anterior.

Gráfico 4



Fonte: Banco Mundial (World Bank Data), acesso em 14/01/2022. Produção própria.<sup>73</sup>

Estes dados se tornam ainda mais reveladores quando consideramos o nível do crescimento das ações nas empresas. Apesar de notarmos a variação negativa das ações para certos períodos, de maneira geral percebemos que o século XXI foi marcado por uma grande valorização, o que fica representado no valor das máximas das ações vendidas nestas empresas (Gráfico 8).

Assim, devemos considerar o forte impacto do setor de defesa na formulação da geopolítica norte americana. O lobby entre o setor, dirigentes públicos e think tanks<sup>74</sup>, estimulou uma verdadeira indústria de defesa nos EUA, o que se reflete no investimento público do setor: o maior do mundo. Esta perspectiva é fundamental para compreendermos os modos pelo qual os EUA planejam sua intervenção na região. Pepe Escobar, jornalista e escritor, citando Julian

<sup>73</sup> Para as empresas consultadas, foram consideradas diferentes séries históricas considerando a data de criação e fusão das empresas. As siglas significam, respectivamente:

NG = Northrop Grumman – dados obtidos entre 1994 – 2019;

LM = Lockheed Martin – dados obtidos entre 1995 – 2019;

RC = Raytheon Company – dados obtidos entre 1999 – 2019.

<sup>74</sup> Think Tanks se referem ao conjunto de empresas que desenvolvem estratégias para o desenvolvimento de ideias. Nos EUA, percebemos uma forte influência dessas empresas na formulação de estratégias de campanha que valorizam o setor armamentista.

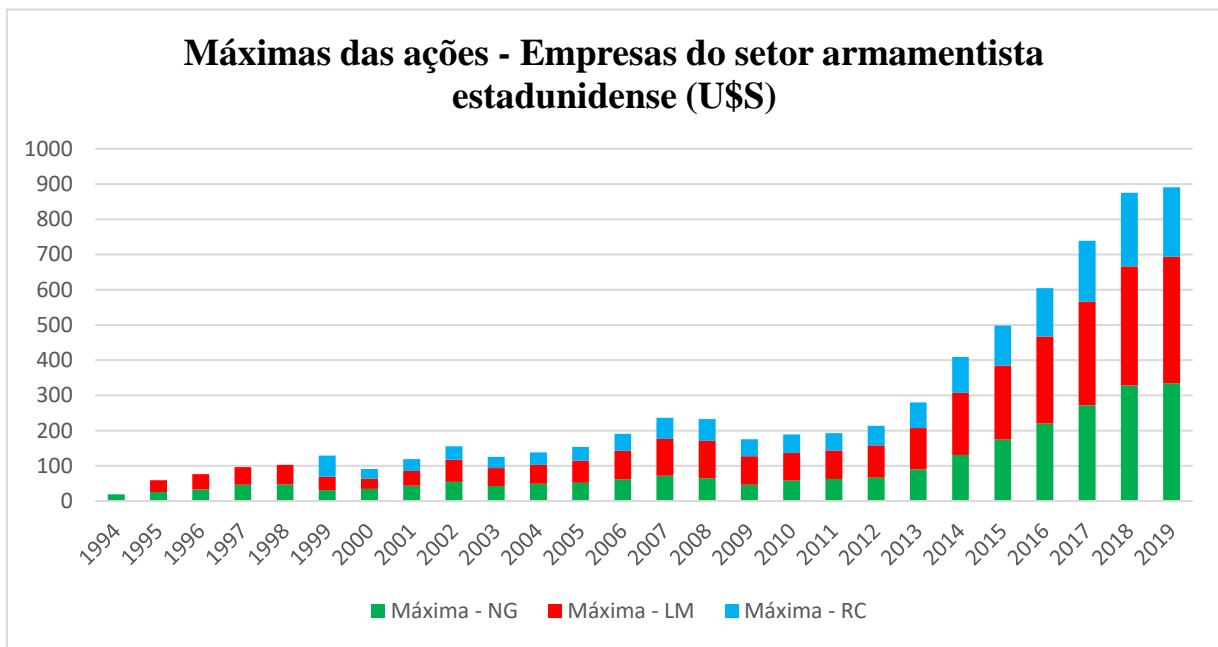
“Os think tanks são genericamente definidos como organizações independentes e autônomas que conduzem pesquisas visando disseminar suas ideias para promover a formulação de políticas. Porém, a ideia de um think tank independente é um ideal comprometido devido às necessidades dessas organizações por financiamentos. Além disso, essas organizações interagem em cenários bastante adversos, coexistindo no meio de diversos tipos de pressões e jogos de interesse domésticos e externos. (MARTINEZ e SERVIDONI, 2019, pág.128)

Assange, chama a atenção para o fato de que a guerra no Afeganistão se transformou num verdadeiro negócio lucrativo para grandes potências ocidentais.

“O objetivo é usar o Afeganistão para lavar o dinheiro saído das bases tributárias dos Estados Unidos e da Europa através do Afeganistão e de volta às mãos da elite transnacional de segurança.” (ASSANGE apud ESCOBAR, 2021).

A guerra eterna favorece não apenas a valorização das ações das empresas de defesa e sua consequente acumulação e centralização de capital, mas também possibilita a lavagem de dinheiro público na forma de investimentos de guerra, trata-se justamente do lobby realizado entre empresas de segurança e o poder público estadunidense, que se transformou num real projeto geopolítico. O próprio fato de que os EUA são os maiores investidores em empresas de defesa do mundo não acompanha a situação do desenvolvimento de suas forças armadas. Isto fica claro ao observarmos o modo como o grande nível de investimento nos torna tão superiores a outras potências como: Rússia e China. Se o alto investimento americano não reflete de fato o seu nível de desenvolvimento, só há uma explicação possível: trata-se de um investimento rentista, articulado a grandes setores da sociedade, transformado em política pública e projeto de Estado.

**Gráfico 5**



**Fonte:** Banco Mundial (World Bank Data), acesso em 14/01/2022. Produção própria.

Se os EUA, então, decidissem dar fim ao seu CIM (complexo industrial militar), como projeto de desenvolvimento, certamente encontraria grandes barreiras a seu crescimento econômico. Como visto anteriormente, os gastos militares nos EUA chegaram a compor até 3,4% de seu PIB (2019). No Brasil em 2019, os gastos militares representavam apenas 1,4%, enquanto em

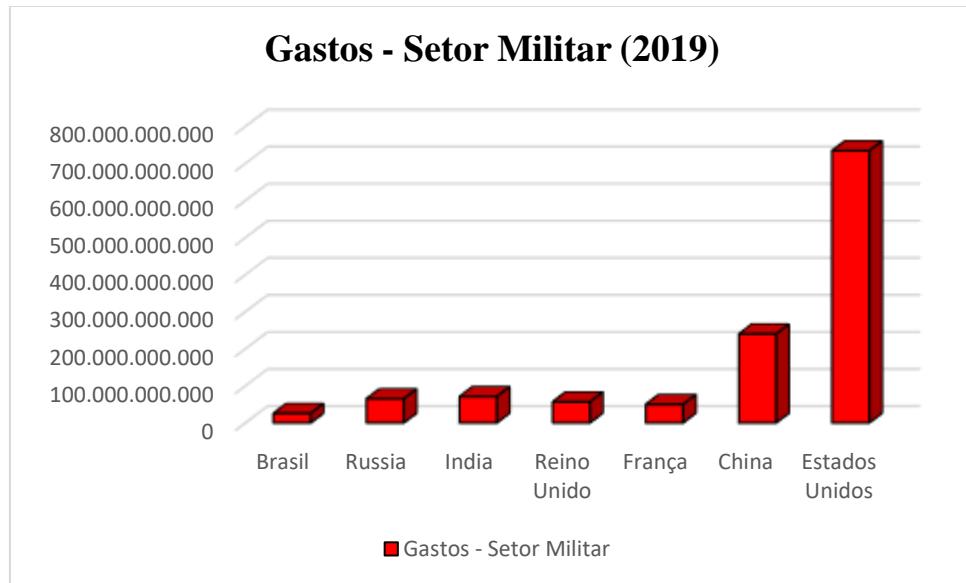
outros países como Rússia, Índia, Inglaterra, França e China, os gastos representavam, respectivamente: 3,8%, 2,5%, 2,0%, 1,8% e 1,7%<sup>75</sup>. Observando assim, temos a tendência de acreditar que alguns países, como Rússia, e Paquistão, que no período chegaram a investir 3,8% e 4,1% de seus PIBs respectivamente, no setor armamentista, no entanto, uma análise do investimento em valores totais nos revela outra perspectiva.

**Tabela 2 – Gastos Militares (2019)**

Países	Investimento (% - PIB)	Valor total (U\$S)
Brasil	1,4	25.906.871.196
Rússia	3,8	65.201.335.848
Índia	2,5	71.468.900.524
Reino Unido	3,4	56.856.133.066
França	1,8	50.118.929.211
China	1,7	240.332.555.458
Estados Unidos	3,4	734.344.100.000

**Fonte:** Banco Mundial (World Bank Data), acesso em 14/01/2022. Produção própria.

**Gráfico 6 – Gastos – Setor Militar (2019) – U\$S**



**Fonte:** Banco Mundial (World Bank Data), acesso em 14/01/2022. Produção própria.

A guerra do Afeganistão pode, assim, ser encarada a partir da teoria do imperialismo, como um processo de acumulação e centralização do capital internacional através de grandes empresas monopolistas representantes do sistema financeiro. A tudo isto, acompanha-se ainda a questão da invasão do próprio território afegão que, sofrendo os impactos de uma guerra eterna,

<sup>75</sup> **Fonte:** Banco Mundial (World Bank Data)

favorece em muito os processos de valorização das ações ligadas a empresas do setor de defesa, além de garantir um amplo processo de desvio e lavagem de dinheiro público, que, mais uma vez, favorece o setor armamentista.

Os processos econômicos de concentração e centralização de capital aumentaram substancialmente para o período considerado (2001 – 2020), principalmente no que se refere ao setor armamentista. O imperialismo assim, se realiza através da espoliação dos povos do terceiro mundo, no favorecimento de uma pequena quantidade de grandes acionistas em empresas muito distantes. A morte, assim, se configura numa empreitada muito lucrativa. O imperialismo internacional não faz concessões, a espoliação se torna política de Estado, assim como populações inteiras são dizimadas e empobrecidas apenas para que se aumentem as cifras nos grandes bancos internacionais. Neste ponto, já podemos considerar que a invasão do Afeganistão não se realizou prevendo lucros futuros ou apenas a garantia de uma boa posição estratégica estadunidense na Ásia Central, de fato, esses lucros se realizaram imediatamente, pelo menos no que diz respeito às grandes empresas do setor armamentista. Por outro lado, ainda não há a possibilidade de descartar a questão da geopolítica em relação a posição daquele território, e para isto, precisaremos retomar algumas considerações a respeito da visão geopolítica estadunidense na região além da importância da posição do território afegão para Ásia Central.

“Turquestão, Afeganistão, Transcaucásia, Pérsia – para muitos essas palavras exalam um sentido de longíquos extremos, a lembrança de inesperadas vicissitudes e de um fascínio agonizante. Para mim, confesso, elas representam as peças de um tabuleiro de xadrez, em que se joga o jogo de dominação do mundo.” – George Lord Curzon, Vice-Rei britânico da Índia.

A fala de George Lord Curzon nos revela, nos desmistifica, a posição de uma série de territórios da Ásia Central. Muitas vezes vistos como exóticos, distantes e conflituosos, esses territórios nos rendem a certos preconceitos infundados. Muitas vezes também esquecidos, como países pobres, antigos integrantes do bloco soviético, também nos deixam passar em branco a sua importante posição geopolítica. A principal função da geopolítica deve ser a de demonstrar que cada território está sujeito a uma posição. Em outras palavras, a geopolítica nos revela que um simples “pedaço de terra” não é um simples pedaço de terra, e este será tão mais importante em função de tudo aquilo que nele está e que a ele imediatamente, ou de forma mais distante, circunda. A isto, chamamos de compreender a “posição” de um território.

## **12. A RETOMADA DE CABUL PELO GRUPO TALIBÃ (2021): O TERROR VENCEU A GUERRA?**

“Os inimigos são essenciais para os povos que estão buscando uma identidade e reinventando sua etnia e as inimizades que têm um potencial mais perigoso estão situadas cruzando as linhas de fratura entre as principais civilizações”  
 (HUNTINGTON, 1997, PÁG. 18)

Podemos assumir que desde 1979, com a invasão soviética do seu território, o Afeganistão passou por uma série de conflitos em sequência que culminaram em diferentes processos de ocupação e administração de seu território. Em 1996, após o período de guerras civis e o fim da URSS, o grupo Talibã passou a governar o país. A ascensão do grupo iniciou um período de cinco anos (1996 – 2001) que teve seu fim com a invasão norte-americana, em 2001. Podemos então considerar que do ponto de vista histórico, o início do século XXI é marcado por dois momentos fundamentais: o ataque às torres gêmeas em Nova York e a guerra afegã-americana.

Amplamente divulgado, registrado através das câmeras, tanto o ataque às torres gêmeas quanto a invasão norte-americana construíram, para época, o imaginário popular, que seria definitivamente marcado por: mulçumanos homens-bomba suicidas, escondidos entre as esquinas das cidades, assim como, por outro lado, pelo destino sagrado manifestado pelos estadunidenses no combate ao terrorismo mundial. Destino recorrentemente manifestado ao longo de sua história no combate aos ingleses, espanhóis, indígenas, mexicanos, comunistas, e outros mais...

A guerra do Afeganistão, assim, construiu-se no imaginário popular como uma guerra entre o bem e o mal. De um lado, os norte-americanos, representantes da democracia ocidental, do consumo, do modelo de livre mercado, e, de outro, muçulmanos fundamentalistas, meros sobreviventes de tempos antigos e insólitos, capazes de todo e qualquer tipo de ato para atingir seus objetivos.

De fato, a construção desse imaginário foi fundamental para se justificar uma guerra num país tão distante, e cumpriu um papel importante no sentido de se criar um novo inimigo externo, tão esperado pelos norte-americanos que desde o fim da URSS em 1991, viviam à deriva, sem um inimigo no horizonte e, por isso, com profundas dificuldades de se justificar qualquer iniciativa belicosa pelo mundo perante a comunidade internacional.

A criação de um inimigo, daquele a quem moralmente se deve enfrentar, é de fundamental importância para justificar as ações geopolíticas das potências. Como Nietzsche nos coloca:

“Também na política a inimizade se tornou agora mais espiritual – muito mais sagaz, pensativa, *moderada*. Quase todo partido vê que está no interesse de sua autoconservação que o partido oposto não esgote a força; o mesmo vale para a grande política. Sobretudo uma nova criação, o novo *Reich*, por exemplo, tem mais necessidade de inimigos que de amigos: apenas no antagonismo ele se sente necessário, apenas no antagonismo ele se *torna* necessário...” (NIETZSCHE, pág. 2017, 28)

O mesmo sugere David Harvey, para quem:

“Os Estados Unidos têm pelo menos de agir de modo a tornar plausível para outros a alegação de que agem em favor do interesse geral mesmo quando, como muitas pessoas suspeitam, sua ação é motivada pelo estreito interesse próprio. Essa é a essência do exercício da liderança por meio do consentimento. No tocante a isso, naturalmente, a Guerra Fria proporcionou aos Estados Unidos uma gloriosa oportunidade. O país, dedicado ele mesmo à acumulação ilimitada do capital, estava preparado para acumular o poder político e militar capaz de defender e promover esse processo em todo o globo, em oposição à ameaça comunista. Os proprietários privados de todo o mundo puderam unir-se, apoiar-se mutuamente e se abrigar por trás desse poder ao se verem diante da perspectiva do socialismo internacional.” (HARVEY, pág. 41)

A questão destacada por Harvey, através de Arrighi, para quem o *hegemon* se mantém através da combinação de coerção e coação, nos propõe justamente que nenhuma potência pode se projetar plenamente ao menos que, de um lado, justifique esta expansão e, de outro, garanta certos benefícios às elites dos países coagidos:

“Embora saibamos o suficiente sobre as decisões de política externa dos ocupantes do poder a partir dos anos Roosevelt—Truman para concluir que os Estados Unidos sempre põem à frente seus próprios interesses, foram produzidos benefícios suficientes para as classes de proprietários num número suficiente de países para tornar dignas de crédito as alegações norte-americanas de que o país agia em favor do interesse universal (leia-se ‘dos proprietários’) e para manter grupos subalternos (e Estados clientes) agradecidamente na linha. Essa ‘benevolência’ é bem plausivelmente apresentada pelos defensores dos Estados Unidos em resposta a quem enfatiza a imagem de Estado irresponsável baseado na coerção.” (HARVEY, pág. 41 – 42)

Assim, devemos destacar que a criação de um inimigo externo se caracteriza num dos aspectos da coação internacional das grandes potências. Um modo pelo qual a potência ou o *hegemon* garante apoio internacional, em outras palavras, trata-se do resgate da tese, ou melhor, da adaptação da tese de *guerra justa*. Neste processo, mídia e governo se unem através de projetos para criação de uma alteridade e uma identidade, ou seja, por um lado deve-se criar o inimigo externo ameaçador, através de símbolos e preconceitos: o asiático, o árabe, o muçulmano, o terrorista, o turbante, o corão, e, de outro, deve-se colocar a própria nação na posição de ameaça ou vulnerabilidade. A própria capacidade de se colocar perante o mundo como potência ameaçada é dádiva das grandes potências, e constitui uma outra característica da coação.

“O Oriente continua a ser o Outro civilizacional do Ocidente, uma ameaça permanente contra a qual se exige uma vigilância incansável. O Oriente continua a ser um lugar perigoso cuja perigosidade cresce com a sua geometria. [...] Ao

contrário do que pode parecer, a percepção da alta vulnerabilidade, longe de ser uma manifestação de fraqueza, é uma manifestação de força e traduz-se na potenciação da agressividade. Só quem é forte pode justificar com a vulnerabilidade o exercício da força.” (SANTOS, 1999)

Assim, através da criação de um imaginário tem-se uma série de processos que justificam e facilitam as empreitadas belicosas pelo mundo. A coação resulta numa forma que permite o desenvolvimento da coerção, enquanto a coerção, na mesma medida, demanda doses cada vez maiores de coação, trata-se de um processo uno e contraditório. Mas neste ponto devemos nos perguntar: qual o impacto da criação de alteridades e identidades para o governo estadunidense? Se de um lado se facilita a empreitada militar num país distante, de outro, a perda desta guerra contra o inimigo declarado, contra o mal que se estabeleceu na Terra, permite uma série de movimentações importantes, isto em nível nacional e nível mundial, sendo o primeiro desdobramento importante: a humilhação norte americana.

Se o longo conflito desenrolado no território afegão resultou na derrota americana, necessariamente devemos sugerir o modo como isto representou uma derrota para a potência hegemônica das amérias.

Podemos destacar a grande quantidade de reservas naturais importantes no território afegão, reservas que alcançam o nível dos bilhões e trilhões de dólares. Por outro lado, a escassa infraestrutura do país não permite uma ampla exploração de seus recursos. Uma série de sistemas de engenharia devem então ser produzidos para assim se facilitar o escoamento destes recursos: rodovias, ferrovias, aeroportos, maquinários, centros de produção e distribuição, entre outros. Além destes, uma série de incentivos locacionais devem ser desenvolvidos, algo que existe de forma escassa pela região: a ausência de um governo sólido, a fraca capacidade de investimento, a escassez de mão de obra especializada, etc. Assim, não devemos considerar que a importância geopolítica do Afeganistão é o resultado exclusivo da existência de importantes recursos naturais.

Deve-se então destacar a imensa importância da posição deste território:

- A sua posição como ponte entre Ásia Central e Sul da Ásia;
- A sua proximidade com o Oceano Índico;
- A sua proximidade com o golfo pérsico;
- Sua posição estratégica em relação a nova rota da seda chinesa;
- A sua proximidade com o mar Cáspio;
- A sua posição em relação aos principais gasodutos da Ásia Central;

- A sua posição como Estado tampão em relação à Rússia, sul da Ásia e Irã;

Ainda no século XX, o embaixador norte americano em Cabul, Ronald Neumann, irá reconhecer que a imensa importância do território afgão se dá principalmente em sua posição: sua “localização estratégica entre Ásia Central e o subcontinente Indiano”, enquanto que do ponto de vista comercial/econômico, poucas potencialidades estão disponíveis:

“Para os Estados Unidos, o Afeganistão tem um limitado interesse imediato: não é um importante parceiro comercial; não constitui uma via de acesso ao comércio com outros países; não constitui – no momento – uma fonte de petróleo ou de minerais estratégicos raros; não há vínculos de tratados nem compromissos de defesa; e o Afeganistão não nos proporciona instalações de defesa, ou informações científicas importantes... Contudo, o Afeganistão consubstancia interesses importantes para nós, que derivam, em grande parte, da localização estratégica entre Ásia Central e o subcontinente indiano.” (NEUMANN apud HAMMOND, 1987, pág. 27)

Vemos então que do ponto de vista geopolítico, um território não se trata apenas de um emaranhado de terras e paisagens, mas possui diferentes potencialidades em relação a tudo que o circunda. Assim, a “posição” torna-se uma categoria de análise fundamental para a geopolítica.

Do ponto de vista norte-americano, a derrota no Afeganistão foi sobretudo uma derrota política e geopolítica, o que não elimina a importância de sua derrota econômica, pelo menos no modo como isso surgiu em relação ao imaginário popular: trilhões de dólares investidos, e uma derrota vergonhosa. Logicamente que como toda guerra perdida, isto se tornou campanha política para oposição nos Estados Unidos. No caso, uma fervorosa campanha política contra o governo de Joe Biden, tendo como importante representante Donald Trump.

“O ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump aproveitou o vigésimo aniversário dos ataques de 11 de Setembro para criticar a ‘administração inepta’ de Joe Biden por sua ‘incompetência’ em se retirar do Afeganistão. ‘Este é um dia muito triste’, disse o ex-presidente, acrescentando que o 11 de Setembro ‘representa uma grande dor para o (seu) país’. ‘É também um momento triste pela forma como a nossa guerra contra aqueles que causaram tantos danos ao nosso país terminou na semana passada’, continuou.” (AGÊNCIA FRANCE-PRESSE, 2021)

“A saída fracassada do Afeganistão organizada por [Joe] Biden é a demonstração mais surpreendente de incompetência grosseira por parte de um líder nacional’, falou Trump ao discursar em um comício perto da cidade de Cullman [...]” (PODER 360, 2021)

Neste ponto devemos considerar os impactos que a alteridade e identidade politicamente construídas em relação ao Afeganistão, impactou o modo como a derrota norte-americana se propagou em sua política nacional. A vitória do “eterno inimigo”, para fazer um paralelo com

a ideia de “eterno retorno” de Friedrich Nietzsche, proporcionou um espetáculo vergonhoso e, ao mesmo tempo, ameaçador. A noção de que o mal prosperou, sobretudo à custa de milhares de vidas e dólares norte-americanos, construiu, no imaginário popular estadunidense uma imagem de um presidente fraco e irresponsável, sendo este: Joe Biden. Isto a despeito do fato, omitido, e politicamente omitido, de que desde o governo Barack Obama as tropas já iniciaram o processo de retirada do país, sendo uma política adotada e estimulada pelo próprio governo Trump, através dos acordos de Doha:

“Em 29 de fevereiro de 2020, o governo dos Estados Unidos, presidido pelo republicano Donald Trump, e o Talibã assinaram em Doha, no Catar, o acordo que definiu um cronograma para a retirada definitiva dos Estados Unidos e de seus aliados após quase 20 anos de conflito.” (G1, 2021)

Assim, um dos pontos fundamentais para compreendermos a escalada dos conflitos internacionais diz respeito ao modo como o governo Joe Biden vem se fragilizando, e, neste sentido, aumentando as iniciativas belicosas pelo mundo, com o objetivo de “reparar” esta imagem decadente criada em relação ao seu governo, a destacar alguns exemplos de conflitos desenvolvidos a nível mundial:

- As tentativas de inclusão da Ucrânia na OTAN, representam uma escalada de tensões com a Rússia, através do bloco ocidental. O que permite recriar o inimigo soviético.
- No Cazaquistão, onde através de uma série de levantes populares, iniciados por ocasião da alta dos combustíveis, tem-se criado uma grande instabilidade nas fronteiras com a Rússia, indicando um processo de guerra híbrida.
- No Paquistão, onde fundos estrangeiros estimularam uma ampla oposição ao primeiro-ministro Imran Khan, através da compra de parlamentares, mais uma vez evidenciando um processo de guerra híbrida.

Naturalmente, não podemos associar a escalada destes conflitos apenas em relação ao modo como o governo Joe Biden tem se sentido ameaçado em relação à oposição. É certo que a política nacional norte americana, no que diz respeito a sua dinâmica política, deve ser considerada em relação a estes eventos, mas esta, *per se*, não possui o poder crítico e analítico para interpretar a realidade internacional. Neste sentido, mais do que partir do nacional para explicar o internacional, devemos necessariamente compreender os processos internacionais para explicar estes conflitos. Isto só podemos fazer em relação a geopolítica.

Para compreendermos os impactos da geopolítica mundial, devemos levar em consideração dois importantes geógrafos: Halford Mackinder e Nicholas Spykman, o primeiro, considerado

pai da geopolítica, foi responsável por introduzir sua maior generalização: o Heartland, o segundo, idealizador do pensamento da moderna teoria da segurança estadunidense, foi responsável por introduzir o *modus operandi* dos EUA pelo mundo, além de também introduzir uma grande generalização: o Rimland.

De acordo com Mackinder, uma gigantesca área que incluiria todo o coração da Ásia Central, seria determinante para conduzir os rumos da geopolítica mundial. Neste sentido, aquele que dominasse esta, já chamada de *pivot area*, de área core e *heartland*, com diferentes modos de se regionalizar, dominaria o mundo. Assim, durante o século XIX, uma série de conflitos se estabeleceram em torno da potência hegemônica desta região: a Rússia, com outras potências ocidentais, sendo o caso mais importante, o do Big Game: o conflito ocorrido entre Rússia e Inglaterra nas margens do Heartland, onde se procurava impedir o chamado “urso russo” de se atingir os oceanos. Neste período, os conflitos em torno do Afeganistão foram importantes, a destacar as guerras anglo afegãs de 1839 e 1878.

Para a teoria do geopolítico inglês, alguns pontos eram de suma importância, a destacar: (1) o perigo de uma aliança entre Alemanha e Rússia, (2) o perigo da projeção dos Russos sobre os mares e (3) as vantagens do poder terrestre sobre o poder marítimo. Em relação ao terceiro ponto, o Afeganistão surge como um Estado tampão, assim como o Irã, no sentido de impedir os russos de se projetarem. Respectivamente temos: a projeção russa sobre o Oceânico Índico, e sobre o golfo pérsico. Desta forma, a perda do Afeganistão, assim como sua recente aproximação com China e Rússia, é responsável por um grande mal-estar na geopolítica norte-americana.

Spykman será responsável por desenvolver a doutrina de segurança nacional norte-americana. Em contraposição a Mackinder, Spykman propõe uma segunda regionalização do espaço mundial, a que ele chamará de Rimland. Esta compreende as fronteiras da Heartland, se estendendo desde a Europa, passando pelo Oriente Médio e Ásia Central e chegando no Sudeste Asiático, sendo assim, esta seria a região privilegiada em relação a projeção das potências mundiais. Spykman se constitui num paradigma na política externa norte-americana, na medida que propõe o fim de seu isolacionismo, característico do período anterior à segunda guerra mundial, através de uma série de intervenções ao longo desta região chamada Rimland. Assim sendo, os EUA estarão tão mais protegidos, quanto forem capazes de atuar ao longo deste território: influenciando governos, derrubando líderes e representantes, enfim, impondo sua hegemonia.

“A principal lição é clara. O fato mais importante na situação de segurança dos EUA é a questão de quem controla as *rimlands* da Europa e Ásia. Se estes entrarem nas mãos de um único poder ou combinação de poderes hostis aos Estados Unidos, o cerco resultante nos colocaria em uma posição de grave perigo, independentemente do tamanho do nosso exército e da nossa marinha.” (Dunn apud Spykman, 2020, pág. 21)

Esta teoria ganhará materialidade principalmente através das organizações militares: tratado do atlântico norte (OTAN), organização do tratado central (CENTO) e organização do tratado do sudeste asiático (SEATO). Desta forma, os EUA, através destas três organizações atuariam em três frentes, respectivamente: Europa, Ásia Central e Sudeste Asiático. Com o fim da SEATO em 1977 e da CENTO em 1979, a última frente de combate organizado e sistemático se resumiu à Europa e ao bloco ocidental, desta forma, as coalizões que se organizaram ao longo do centro e sudeste da Rimland, partiram de diferentes estratégias: aproximação com governos, derrubada de presidentes, financiamento de guerrilhas, etc.

O caso do Afeganistão, com a recente ascensão Talibã, ganha novos contornos em relação a estas teorias. De um lado, percebe-se a grande problemática de um Talibã próximo à Rússia e China, na medida em que estes ganham uma nova posição estratégica de grande importância<sup>76</sup>, de outro percebe-se que a grande derrota norte-americana se dá em relação a perda de sua hegemonia na região, comprometendo assim sua própria segurança nacional (SPYKMAN, 2020), idealizada por Spykman segundo o princípio de seu controle sobre a Rimland.

Assim, o ponto fundamental que devemos considerar deve ser o de que, tanto as mudanças internas norte-americanas, quanto os processos que se desenvolvem através da geopolítica mundial, são catalisadores para uma série de outros conflitos que recentemente se desenvolvem estimulando ainda mais o já antigo conflito americano-sino-soviético, em moldes renovados.

Neste sentido, o Afeganistão se torna um país chave para compreensão da dinâmica da geopolítica mundial, em relação aos seus desdobramentos nacionais, regionais e mundiais. Compreender o Afeganistão, seus desdobramentos e impactos em diferentes escalas, nos permite se aproximar das recentes dinâmicas da geopolítica mundial, além de conhecer mais a fundo a importância de uma região com culturas e histórias que transcendem os séculos, alcançando os milênios, enriquecendo grandemente a história ocidental e oriental.

---

<sup>76</sup> Os recentes investimentos da China no Afeganistão indicam o processo de aproximação estratégica entre os países. Aproximação que beneficiará enormemente a hegemonia chinesa ao longo da Ásia Central através do projeto das novas rotas da seda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AL-KHAZRAJI X. Islamismo – 1<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Belalettra Editora, 2014.
- ANNE, M. Estados Unidos: Estado Nacional e Narrativa da Nação (1776 – 1900) – 2<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- ALLOUCH, J. Paranóia, Marguerite ou A “Aimée” de Lacan – 1<sup>a</sup>. ed. – Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.
- ARENDT, H. A condição humana – 10<sup>a</sup>. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BARFIELD, T. Afghanistan, a cultural and political history – 1<sup>a</sup>. Ed. – Nova Jersey: Princeton University Press, 2010.
- BLACHE, P. Principes de géographie humaine : Publiés d'après les manuscrits de l'auteur par Emmanuel de Martonne. Nouvelle édition [en ligne]. Lyon : ENS Éditions, 2015 (généré le 29 juillet 2021). Disponível sur Internet : <<http://books.openedition.org/enseditions/328>>. ISBN : 9782847886665. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.enseditions.328>.
- COGGIOLA, O. A revolução iraniana. – São Paulo: Editora Unesp, 2008. In: Revoluções do século 20.
- COGGIOLA, O. Breve história dos países Árabes e Islâmicos – 1<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2018.
- COSTA, W. Geografia Política e Geopolítica – 2<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- DESCARTES, R. O discurso do método; trad. Ciro Mioranza. – São Paulo: Lafonte, 2017.
- FREUD, S. O futuro de uma ilusão – 1<sup>a</sup> ed. – São Paulo: L&PM, 2010.
- FREUD, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu – 1<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. Obras Completas, volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise (1916 – 1917). – 1<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- GIBERT, M. A história do século XX – 1<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Planeta, 2016.
- GREEN, P. Alexandre, o Grande: e o período helenístico – 1<sup>a</sup>. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

- HAMMOND, T. Bandeira Vermelha no Afeganistão – 1<sup>a</sup>. ed. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1987.
- HARVEY, D. O novo imperialismo – 8<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- HECKEL, W. The Wars of Alexander The Great – 1<sup>a</sup>. ed. – Oxford: Osprey Publishing, 2002.
- HESSEN J. A teoria do conhecimento – 7<sup>a</sup>. ed. – Coimbra: Arménio Amado, 1978.
- HOBSBAWM, E. A era das revoluções – 43<sup>a</sup>. ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- HOBSBAWM, E. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade – 10<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- HORKHEIMER, M. Teoria Crítica: uma documentação – 1<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Perspectiva, 2015.
- HUTINGTON, S. O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial – 1<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Objetiva, 1997.
- ITAUSSU, L. Quem tem medo da geopolítica? – 2<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Hucitec-Instituto Leonel Itaussu, 2015.
- JAPIASSÚ H. e MARCONDES D. Dicionário básico de filosofia – 3. ed. rev. e ampliada. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- KANT, I. Crítica da razão pura. – 1<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Martin Claret, 2009. (Coleção a obra-prima de cada autor; 3).
- KORYBKO, A. Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes. – 1<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- LEFBVRE, H. Nietzsche – 1<sup>a</sup> ed. – México: FNC, 1972.
- LÊNIN, V. Imperialismo, estágio superior do capitalismo – 1<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Boitempo, 2021.
- LOCKE, J. “Ensaio acerca do entendimento humano.” In: Coleção os pensadores. São Paulo: Victor Civita, 1973.
- MANZ, B. Power, Politics and Religion in timurid Iran – 1<sup>a</sup>. ed. – Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

- MARCUSE, H. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. – 1<sup>a</sup> Ed. – São Paulo: Edipro, 2015.
- MARTINES E. e SERVIDONI T. A influência do complexo industrial-militar na Política Externa dos Estados Unidos da América após os atentados do 11 de Setembro, - In: Carta Inter., v. 14, n. 1, Belo Horizonte, 2019.
- MORAES, A. Ideologias Geográficas – 5<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Annablume, 2005.
- MORTARI, C. Introdução à lógica – 2<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2016.
- NASSER, R. A luta contra o terrorismo: os Estados Unidos e os amigos talibãs – 1<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.
- NIETZSCHE, F. O crepúsculo dos ídolos – 1<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- OVERTOOM, N. Reign of Arrows, the rise of the Parthian Empire in the Hellenistic Middle East – 1<sup>a</sup>. ed. – Oxford: Oxford University Press, 2020.
- PIAGET, A epistemologia genética, in: coleção os pensadores, São Paulo: VICTOR CIVITA, 1975.
- RATZEL, F. O SOLO, A SOCIEDADE E O ESTADO. Revista do Departamento de Geografia, [S. l.], v. 2, p. 93-101, 2011. DOI: 10.7154/RDG.1983.0002.0008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47081>. Acesso em: 3 out. 2021.
- RECLUS, E. O homem e a terra: textos escolhidos / Élisée Reclus; seleção e tradução Plínio Augusto Coêlho. – São Paulo (SP): Intermezzo, 2015.
- RIBERIO, G. A arte de conjugar tempo e espaço: Fernand Braudel, a geo-histórica e a longa duração. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.2, abr-jun. 2015, p. 605-639.
- RICHARDS, J. The new Cambridge History of India, The Mughal empire. – 1<sup>a</sup>. ed. – Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- RODRIGUES, D. A influência de Mackinder sobre o pensamento estratégico norte americano: Spykman e Brzezinski. Monografia de Bacharelado, Instituto de Economia, UFRJ, 2018.
- SAFATLE, V. Introdução a Jacques Lacan – 4<sup>a</sup>. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

- SANTOS, M. “Sociedade e espaço. A formação social como teoria e como método”, in Boletim Paulista de Geografia, nº 54, junho, 1977, p. 81-100.
- SANTOS, B. O fim das descobertas imperiais. Notícias do Milénio, Edição Especial do Diário de Notícias, 1999.
- SANTOS, M. O trabalho do geógrafo no terceiro mundo – 5<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- SANTOS M. e SILVEIRA M. O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI – 20<sup>a</sup> ed. – Rio de Janeiro: Record, 2020.
- SEIERSTAD, A. O livreiro de Cabul – 11<sup>a</sup> ed. – Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017.
- SPYKMAN, N. A Geografia da Paz – 1<sup>a</sup>. ed. – São Paulo: Hucitec, 2020.
- TURNBULL, S. Genghis Khan & the Mongol Conquest 1190 – 1400 – 1<sup>a</sup>. ed. – Oxford: Osprey Publishing, 2003.
- WILCOX, P. Rome's enemies Parthians, Sassanids Persians. 1<sup>a</sup>. ed. – Oxford: Osprey Publishing, 1986.
- VIZENTINI, P. Oriente Médio e Afeganistão, um século de conflitos. – 1<sup>a</sup>. ed. – Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.